

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marina Daipré Targa Fernandes

A visão do Orientador Educacional acerca do papel social da escola

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo

2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marina Daipré Targa Fernandes

A visão do Orientador Educacional acerca do papel social da escola

Mestrado em Educação: Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Leme Ferreira Davis.

São Paulo

2022

Autorizo a divulgação do texto completo em bases de dados especializadas e a reprodução total ou parcial, por processos de fotocopiadores, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, desde que citada a fonte.

Marina Daipré Targa Fernandes

A visão do Orientador Educacional acerca do papel social da escola

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Leme Ferreira Davis

Profa. Dra. Laurinda Ramalho de Almeida

Profa. Dra. Marina Nunes

Dedico esse trabalho a todos os Orientadores Educacionais que preocupam-se com o rumo da Educação em nosso país. Que possamos nos organizar, pesquisar e unir forças para uma prática profissional emancipatória e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a mim mesma, pela minha força interna que me permitiu acreditar nas minhas próprias possibilidades, assegurando-me disposição, organização e resiliência para concluir esse sonho.

A minha família: agradeço a minha mãe, por ter lido tudo o que escrevi, com muita paciência e amorosidade; ao meu pai, que me incentivou a buscar o mestrado, enfatizando o meu potencial e patrocinando essa rica experiência. As minhas irmãs, Bruna e Giordana, por terem estado ao meu lado ao longo de todo processo e por orgulharem-se de meu trabalho.

Aos meus amigos da vida, que me acompanharam nesta caminhada, promovendo acolhimento, escuta e sendo pacientes comigo quando mais precisei. Em especial, gostaria de agradecer à Vanessa, pela proximidade que tivemos e por todo o acolhimento nos encontros das quartas-feiras, além da atenção com o presente trabalho por meio de leituras e escutas.

No âmbito do mestrado, tenho que agradecer às colegas Karina, Flávia e Valéria, com as quais pude trocar experiências e confidencializar sentimentos e inquietações. Foi muito bom, ainda que breve, ter tido a oportunidade de conhecê-las melhor. E, também, a minha querida amiga Paula, com a qual tive muita sintonia e prazer em trabalhar em conjunto, agradeço pela nossa parceria e por toda a ajuda ao longo desse caminho. E, ainda, a Irinilza, pessoa de coração enorme, que me ajudou muito e que fez a diferença na análise de dados e pesquisa de campo.

Agradeço aos professores do PED pelos aprendizados e trocas de experiências, mas, em especial, às Professoras Vera Placco e Laurinda Almeida. A primeira apresentou-me o CEPid, grupo no qual me senti acolhida e com o qual muito aprendi. Por meio dele, conheci Luciana, Elvira, Gabriela e Luzia, que tanto me ensinaram e tanto me inspiram a ser uma boa pesquisadora. A segunda, Laurinda Almeida, meus agradecimentos por ter-me acompanhado durante todo o período do mestrado, valorizando-me, incentivando-me e ensinando-me, sempre por meio de suas considerações gentis e positivas. Hoje, sinto-me uma pessoa mais capaz e mais afetiva. Para mim, foi um privilégio tê-la conhecido e tê-la, ao meu lado, como parte da minha banca. Agradeço, ainda, a Marina Nunes, orientadora educacional, que aceitou amavelmente fazer parte da minha banca e que me ensinou muito no momento da qualificação e, finalmente, a minha orientadora, Claudia Davis, que aceitou participar dessa jornada comigo, leu todas as versões dos meus textos com atenção e paciência e auxiliou a minha transformação em pesquisadora. Por último, mas com o mesmo carinho, agradeço ao Édson,

que tanto me auxiliou a desvendar e a enfrentar os processos burocráticos exigidos ao longo do mestrado.

Deixo, para o último parágrafo, a minha gratidão ao meu companheiro de vida Leonardo, que esteve comigo em cada momento, ouvindo-me, acolhendo-me, dando-me amor e, principalmente, sempre acreditando em mim, contribuindo, fortemente, para alimentar a minha força interna, condição essencial para que eu conseguisse concluir esse sonho.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal identificar como os orientadores educacionais (O.Es) compreendem a função social da escola. Para a produção da pesquisa, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos acadêmicos mais recentes na área de Orientação Educacional, investigando, paralelamente, a função social da escola. Utilizou-se uma abordagem qualitativa e um roteiro semiestruturado para entrevistar três O.Es, os quais atuavam em escolas particulares, localizadas na cidade de São Paulo. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo. Os resultados permitiram compreender a visão dos O.Es sobre o papel social da escola e, secundariamente, a importância de seu papel mediador na promoção da socialização e subjetivação dos alunos. A análise de seus relatos permitiu problematizar a ausência desses profissionais nas redes públicas de ensino e evidenciar a posição contraditória que, por vezes, eles se encontram na escola privada. Entende-se que o O.E. pode cumprir a função social da escola, fortalecendo seu papel pedagógico, apesar dos muitos obstáculos que enfrenta na defesa dos valores e da filosofia pedagógica da instituição onde atua. No entanto, devido ao reduzido número de estudos encontrados e de participantes aqui entrevistados, mais pesquisas devem ser realizadas nessa área, para ampliar a compreensão do trabalho e da função desses profissionais.

Palavras- Chave: educação; orientação educacional; função social da escola

ABSTRACT

The present work aimed to identify how guidance counselors (G.C.) conceive the social function of the school. For the production of the research, it was carried out a bibliographic review of recent academic studies in the area of guidance counseling, investigating also the social function of the school. A qualitative approach was used and a semi-structured script was utilized for interviewing three G.C., all of them working in private schools located in the city of São Paulo. The interviews were transcribed and analyzed through content analysis. The results showed that the G.C. have an important mediating role in promoting the students' socialization and subjectivation, which allowed to discuss the absence of these professionals in the public education networks and to show the contradictory position that, sometimes, they occupy within the private school. It was found that G.C. can fulfill the school's social function, strengthening their pedagogical role, despite the obstacles faced in defending school's values and pedagogical philosophy. However, due to the limited number of studies found and participants interviewed, more research should be carried out in this field, to broaden the understanding of such professional's work and function.

Keywords: education; guidance counselors; social function of the school.

SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEPid	Projeto desenvolvido pela PUC-SP coordenado pela Prof ^ª . Dr ^ª Vera Maria Nigro de Souza Placco
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CP	Coordenador Pedagógico
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
FEE	Finalidades Educativas Escolares
FENOE	Federação Nacional dos Orientadores Educacionais
O.E	Orientação Educacional
O.P	Orientação Profissional
OV	Orientação Vocacional
POE	Pedagogo Orientador Educacional
P.P.P	Projeto Político Pedagógico

LISTA DE QUADROS

QUADRO I	Trabalhos selecionados com os indicadores “Orientação Educacional”/”orientador educacional”
QUADRO II	Trabalhos selecionados com o indicador “função social da escola”
QUADRO III	Trabalhos selecionados para a revisão da literatura
QUADRO IV	Trajetória da Orientação Educacional na legislação brasileira
QUADRO V	Estatuto da FENOE
QUADRO VI	Proposta de um quadro para as FEE no Brasil
QUADRO VII	Principais características dos O.Es e suas escolas
QUADRO VIII	Resultado das etapas 1 e 2 do procedimento metodológico adotado
QUADRO IX	Categorias de análise formadas a partir das falas dos participantes
QUADRO X	Formação dos participantes
QUADRO XI	Metáforas utilizadas pelos participantes para definir o trabalho do O.E

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Origem, problematização e objetivos da pesquisa	15
2. REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 Orientação Educacional	25
2.2 Função Social da escola	27
2.3 A Orientação Educacional e o papel social da escola	28
3. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	30
3.1 Evolução histórica da Orientação Educacional	30
3.2 Orientação Educacional: sua história no Brasil	31
3.3 O papel do orientador educacional nas pesquisas recentes	43
3.4 O que dizem os principais autores sobre o papel da escola e o de O.E	45
4. FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA	49
4.1 O que os estudiosos têm falado a respeito da função social da escola	49
4.2 O que os artigos recentes dizem sobre a função social da escola	55
4.3 Sintetizando as informações	57
5. MÉTODO	59
6.1 Objetivos e Justificativa	59
6.2 Pressupostos teóricos-metodológicos	59
6.3 Participantes	60
6.4 Instrumentos	61
6.5 Referencial de análise	62

6. ANÁLISE	64
6.1 Trajetória do O.E	65
6.2 A função do O.E	67
6.3 Relacionamento do O.E	73
6.4 Dificuldades encontradas no cotidiano escolar	77
6.5 Especificidades de cada escola	80
6.6 Papel social da escola	80
6.7 Contribuição do O.E para função social da escola	84
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	98
ANEXO 1 Transcrição das entrevistas	98
ANEXO 2 Termo de consentimento	141
ANEXO 3 Modelo de questionário socioeconômico	143
ANEXO 4 Questões norteadoras da entrevista	147

Minha filha me fez uma pergunta: “O que é pensar?” Disse-me que ‘esta era uma pergunta que o professor de filosofia havia proposto à classe. Pelo que lhe dou os parabéns. Primeiro por ter ido diretamente à questão essencial. Segundo, por ter tido a sabedoria de fazer a pergunta, sem dar a resposta. Porque, se tivesse dado a resposta, teria com ela cortado as asas do pensamento. O pensamento é como a águia que só alça vôo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe. Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

E, no entanto, não podemos viver sem as respostas. As asas, para o impulso inicial do vôo, dependem de pés apoiados na terra firme. Os pássaros, antes de saber voar, aprendem a se apoiar sobre os seus pés. Também as crianças, antes de aprender a voar, têm que aprender a caminhar sobre a terra firme.

Terra firme: as milhares de perguntas para as quais as gerações passadas já descobriram as respostas. O primeiro momento da educação é a transmissão deste saber” (p. 67).

Rubem Alves¹

¹ALVES, R. “A alegria de ensinar”. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994

1 INTRODUÇÃO

Origem, problematização e objetivos da pesquisa.

O objetivo da presente pesquisa é investigar como os orientadores educacionais entendem a função social da escola na cidade de São Paulo. O interesse por essa temática vem de minha experiência profissional como Orientadora Educacional durante dez anos, em algumas escolas particulares do interior de São Paulo.

Considero importante contar sobre minha trajetória profissional, a fim de que o leitor possa ter uma breve noção de meu contexto histórico, meio de trabalho e identidade profissional. O meu trabalho, enquanto Orientadora Educacional na escola, consistia em ser o ponto de referência e de intermediação dos estudantes e suas famílias e o colégio/instituição. Desse modo, todo o contato entre escola e família era primeiramente regulado por mim. Cabia à minha função proporcionar incentivo e suporte na organização e programação de estudos dos alunos, por meio de encontros e atividades realizadas de maneira coletiva e individual, com o propósito de viabilizar um bom aproveitamento pedagógico e despertar maior interesse pelo estudo. Da mesma forma, competia-me acompanhar os discentes no processo de recuperação, ajudando-os com estratégias de estudo e gestão de tempo.

Como orientadora educacional, a todo início de ano, eu elaborava o organograma das classes, dividindo os estudantes em turmas, para que tivessem a experiência de estarem inseridos em um novo contexto educacional e social, desenvolvendo relações interdisciplinares com diferentes grupos. Para realizar essa divisão, eu deveria ter conhecimento do perfil dos educandos em sala de aula, pois ela precisava ficar adequada, ou seja, conciliar os grupos, objetivando tornar a turma fértil para que o professor pudesse desempenhar um bom trabalho. Isso, claro, exigia que estivesse em constante contato com os estudantes, observasse-os em suas classes e, também, no pátio.

Precisei elaborar projetos voltados ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, que tinham como objetivos principais o autoconhecimento e reconhecimento das próprias emoções, a relação com os colegas e com o mundo, o enfrentamento de problemas cotidianos, e a preparação para a tomada de decisões mais assertivas e conscientes. Além disso, eu também promovia encontros para que pudéssemos tratar de temas relevantes para a sociedade. Convém frisar que não havia espaço na grade curricular para realizar tal tarefa, situação que me fazia depender dos professores já que eles precisavam ceder suas aulas para que o projeto seguisse adiante. A fim de observar as

relações interpessoais, o entrosamento e os modos de agir, cabia a mim estar presente em todos os eventos da escola e auxiliar na implementação das atividades culturais.

O espaço de Orientação Educacional que criei era um lugar de diálogo aberto, no qual os alunos poderiam me procurar para conversar ou pedir ajuda, sempre tendo em vista que o local era de orientação e não de psicoterapia, isto é, era um espaço coletivo e pontual, de forma que questões mais sérias eram encaminhadas a especialistas. Por estar em contato próximo com os educandos, acabava por compreender a visão deles sobre a instituição e as aulas que nela se passavam, sendo que, muitas vezes, acabava por ter a escuta de uma ouvidoria.

Quando atuei no Ensino médio, além das atribuições descritas acima, trabalhei a Orientação Profissional, em geral com o 2º ano EM (Ensino médio), no contraturno ou no período regular, como disciplina. Nessa aula, os estudantes tinham a oportunidade de realizar atividades de autoconhecimento, entender suas escolhas, conhecer os cursos e as ocupações disponíveis no Brasil, discutir as influências que atravessam a escolha profissional e terem mais instrumentos para tomar uma decisão profissional consciente, vinculada ao seu projeto de vida.

Além do trabalho com os estudantes, cabia-me estabelecer laços com as famílias, de modo a manter um espaço dialógico aberto, sempre que quisessem conversar sobre assuntos relacionados ao colégio, à exceção dos financeiros. Desse modo, o primeiro contato com a instituição deveria ser agendado comigo. Da mesma forma, eu, como Orientação Educacional, contatava as famílias com constância, principalmente para tratar de questões relacionadas à indisciplina, baixo rendimento acadêmico, comportamentos inadequados ou enfermidades dos discentes. Vale pontuar que essa parte do trabalho consumia uma parcela grande de meu tempo.

Outro grupo que eu atendia era o dos especialistas que estavam acompanhando os estudantes, tais como psicólogos, fonoaudiólogos, psiquiatras, neurologistas, psicopedagogos, psicomotricistas, terapeutas ocupacionais, acompanhantes terapêuticos e professores particulares. Em geral, essas reuniões pretendiam oferecer informações, compreender melhor o aluno e receber recomendações que, posteriormente, seriam analisadas pela equipe gestora.

Nas escolas em que trabalhei, havia estudantes que necessitavam de intervenções diferenciadas, como os que apresentavam deficiência intelectual, dificuldades escolares e/ou dificuldades emocionais, que demandavam atenção individualizada. Cabia a minha atribuição de O.E (Orientação Educacional), em conjunto com os especialistas, orientar os professores,

dar assistência aos discentes e às suas respectivas famílias. Além do contato com os especialistas, estudantes e famílias, era também necessário estar próxima e atuar em parceria com os colaboradores do colégio, que são os professores e os inspetores, pois ambos tinham visões diferentes sobre os alunos e a instituição. Em todas as instituições em que trabalhei, a figura do orientador educacional integrava a equipe gestora, formada pelos coordenadores de área, pela direção pedagógica e pela Orientação Educacional. Desse modo, toda decisão a ser tomada em relação a algum aluno, família, especialista, professor e funcionário deveria ser discutida coletivamente, cabendo a decisão final ao diretor pedagógico. Convém frisar que, na maioria dos casos, esse último não se fazia presente nos nossos encontros, de modo que apenas orientador e coordenador discutiam o que fosse preciso.

Ficava, principalmente, sob a minha responsabilidade gerenciar todos os conflitos entre estudantes e famílias em relação à escola e explicar-lhes as regras institucionais, bem como atuar como reguladora delas, ao longo do ano letivo. Paralelamente, é importante pontuar que, na condição de orientadora, deparei-me com situações muito similares nos quatro colégios em que atuei. A escola era, por vezes, vista pelas famílias como objeto de consumo, na qual o “cliente” deveria sempre ter razão. Por outro lado, o colégio, que deveria priorizar sua função formativa, ética e social, se via refém dessa situação e, por receio de diminuir sua receita, acabava por ceder às pressões de alunos e famílias. Diante do exposto acima, sobre minha experiência profissional, considero que a função do orientador educacional é, na escola, multifuncional, versátil, com inserção em diversos ambientes e contextos, razão pela qual ele acaba por adquirir uma visão abrangente sobre os diferentes papéis sociais que se fazem presentes no colégio, ou seja: os da família, estudantes, gestores, professores e demais prestadores de serviço da escola.

Convém ressaltar que o cargo de Orientação Educacional se iniciou na rede pública de ensino, porém, atualmente, ele está praticamente restrito às escolas particulares, no estado de São Paulo. De fato, isso parece se dar em função de que, nas redes públicas da maioria das cidades, esse profissional já não faz parte do quadro de funcionários. Vale ainda pontuar que a Legislação sobre esse cargo se encontra bastante obsoleta. Como consequência dessa falta de legitimação e “limbo” profissional, as pesquisas sobre essa figura têm diminuído.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96 menciona a Orientação Educacional no título VI, “*Dos Profissionais da Educação*”, art. 61, considerando, como profissional da educação básica, o educador habilitado em Orientação Educacional, porém essa habilitação foi removida do curso de pedagogia. Além disso, fica

sob juízo de cada rede de ensino do país - federal, estadual e municipal – criar e orientar, em sua legislação ou em seus projetos, se haverá orientadores educacionais nas escolas e qual deve ser sua atuação, direitos e deveres. Os governos do estado de São Paulo e da cidade de São Paulo não tiveram interesse na implementação de uma lei que abarque a presença desse profissional nas redes públicas de ensino.

No entanto, com a falta do O.E nas escolas, a figura do Coordenador Pedagógico ficou sobrecarregada e sua principal função, a de liderar a formação continuada dos professores, ficou comprometida. Placco, Almeida e Souza (2015) apontam que o papel central do Coordenador Pedagógico (CP) é o de formar seus professores, sendo comum, entretanto, que esses profissionais assumam as atribuições relacionadas ao atendimento a professores, alunos e pais, às demandas do diretor e de técnicos das secretarias estaduais ou municipais de educação, as atividades administrativas e burocráticas; a organização de eventos, o atendimento às ocorrências que envolvem os alunos, etc. Desse modo, pelo acúmulo de funções que poderiam ser compartilhadas caso contasse com um O.E, em suas instituições, mencionam ser notório que pouco tempo é destinado ao acompanhamento dos professores e que a atribuição essencial do CP, a formação dos docentes, fica secundarizada e precarizada, ocasionando prejuízos aos processos educativos.

Por outro lado, as mais conhecidas e procuradas escolas paulistas, tais como o Santa Cruz, a Móbile, o Bandeirantes, o Dante Alighieri, o Santo Américo, só para ficar em algumas, possuem o Orientador Educacional em sua equipe gestora, indicando que a presença e atuação desse profissional contribui para a melhoria da qualidade de ensino, criando uma divisão de trabalho mais equitativa entre o coordenador e o orientador, permitindo cuidar do desenvolvimento profissional dos docentes e acadêmico dos discentes.

A partir do exposto, entender qual a visão do Orientador Educacional da função social da escola possui importância tanto teórica quanto social, de modo a atualizar essas informações e dar visibilidade à função de tais profissionais, podendo ser um fator que leve o governo a repensar se não vale a pena investir na readmissão do O.E na escola pública, a fim de melhorar a qualidade da educação que nela é oferecida e evitando que sua função seja privilégio quase que exclusivo das escolas particulares da elite paulistana. Nesse sentido, vale a pena ressaltar aqui o apontamento de Libâneo (2012), o qual considera que hoje no Brasil as desigualdades sociais estão tão acirradas que estabeleceu-se uma dicotomia entre a escola do conhecimento para os ricos e a escola de um mero acolhimento social para os pobres, que tende a aumentar o abismo da desigualdade educacional no Brasil.

Neste trabalho procurei pesquisar como os orientadores educacionais entendem a função social da escola e como veem nela seu papel. Particularmente, gostaria de obter respostas para as minhas inquietações: a escola é vista como espaço de formação e transformação social? Há, em andamento no cenário educacional atual, expectativas de mudanças quanto ao papel social da escola? O orientador educacional atua de modo a ir ao encontro da função social da escola?

Entendo, por minha vivência acadêmica e profissional, que o Orientador Educacional deve favorecer o cumprimento do papel da escola e, para isso, lhe cabe estabelecer mediações para favorecer as condições do aprender e do relacionar-se, mantendo o compromisso com a formação da consciência crítica. Sendo assim, o O.E mantém uma relação de cuidado com todos os os atores presentes na escola, mas esse (cuidado) deve ser intencional e ir ao encontro aos objetivos da instituição escolar.

Pensar nos objetivos e papéis de nossa educação faz-se cada vez mais importante, principalmente nos dias atuais, onde interesses econômicos sobressaem-se ao de (in)formar. Estudar quais são os objetivos da escola como instância social contribui, portanto, para que não se caia em armadilhas reprodutoras da realidade. Tenho claro para mim que a escola tem, como principal missão e desafio o de ser um espaço de transformação e de desenvolvimento, no qual o indivíduo vai aprender a aprender, a pensar, a se relacionar, a cuidar-se, a conhecer-se, a respeitar-se e a respeitar os demais, a conviver, a reconhecer-se como parte de um todo, a conhecer um mundo amplo de possibilidades e a atuar nesse mundo com consciência, levando em consideração que ações têm conseqüências que podem transformar (de maneira positiva ou negativa) a realidade.

A pesquisa está organizada da seguinte forma: No 2º capítulo, fiz uma revisão bibliográfica das teses e das dissertações recentes que estudam as temáticas do Orientador Educacional e sobre o papel social da escola. E, em seguida, no 3º capítulo me aprofundei na trajetória da O.E no Brasil, realizei levantamento dos principais artigos que abordam a temática e as ideias de pesquisadores conceituados na área. No 4º capítulo debrucei-me sobre a função social da escola e como esse tema tem sido abordada pelos teóricos da educação atual. No 5º, abordei as questões metodológicas do presente trabalho, como os objetivos, as justificativas, a abordagem de pesquisa, os participantes, os instrumentos realizados e o referencial de análise. Nos dois capítulos seguintes, 6º e 7º, encontram-se a análise e a conclusão, respectivamente. Para finalizar, estão as referências bibliográficas. Há, também, os

anexos com as entrevistas transcritas, o termo de consentimento livre esclarecido, o modelo de questionário aplicado e as perguntas norteadoras da entrevista.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Para investigar o conhecimento científico disponível acerca do problema aqui proposto, foi necessário pesquisar o papel social da escola e, também, o trabalho da Orientação Educacional, sua função e o que é dela esperado. Inicialmente, busquei articular as duas categorias, pesquisando “o orientador educacional frente ao papel social da escola”, para conhecer qual era o resultado de outros pesquisadores quanto a maneira como o O.E se posiciona diante da função social da escola.

Para tanto, selecionei o *site* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), desenvolvida e coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia (IBICT), que tem como uma de suas missões a produção, socialização e integração do conhecimento científico realizado no Brasil. A BDTD, afiliada do IBICT, é capaz de integrar, em um único portal, os sistemas de informação de teses e dissertações do país, possibilitando uma importante e única forma de busca dos documentos dessa natureza aqui no Brasil.

Os critérios utilizados pela busca no portal da BDTD foram trabalhos realizados a partir de 2016 e até 2021. Os indicadores, que deveriam estar no título, no resumo ou nas palavras-chave foram: “função social da escola” e “Orientação Educacional”. Porém, ao integrar esses dois termos na mesma busca, verifiquei que os resultados ficaram aquém de minhas expectativas: inseridos, sem aspas, apareceram (11) trabalhos que não tinham nenhuma relação com o que eu buscava. Ao colocar aspas, a situação agravou-se, porque nenhum arquivo foi encontrado. Dessa forma, foram realizadas duas buscas em separado: uma sobre “Orientação Educacional” e outra em relação ao “papel social da escola”.

Os estudos que não continham as palavras “Orientação Educacional”, “orientador educacional”, “papel social da escola”, “função social da escola” no título do documento foram desconsiderados, portanto, trabalhos que faziam referência às temáticas de orientações em formato generalizado foram excluídos, bem como aqueles que abordavam outros papéis sociais, sem se restringir ao da escola. Outro critério de exclusão foi, a partir da leitura dos resumos, desconsiderar as pesquisas que não tinham relação com meu objetivo de pesquisa.

Na primeira busca, sobre Orientação Educacional, foram inicialmente inseridos os indicadores “Orientação Educacional” e “orientador educacional”, de forma integrada. Nesse formato, foram encontrados apenas cinco trabalhos. Optei, também, por pesquisar as palavras individualmente, de modo que encontrei pesquisas em “Orientação Educacional” (N=25) e em “orientador educacional” (N=17), ambas com dois documentos relevantes para meu fim, que

não tinham sido encontrados na busca anterior. Portanto, foram coletados nove trabalhos com a temática de Orientação Educacional, conforme consta no quadro I:

Quadro I - Trabalhos selecionados com os indicadores “Orientação Educacional” / “orientador educacional”

Título	Autor	Ano	Tipo
O orientador educacional e suas contribuições para o ensino e aprendizagem escolar	Wouters, Janete Allassia Drebes	2019	Dissertação
A prática do orientador educacional e o seu papel no cotidiano escolar na rede pública municipal de Franca/SP	Colombini, Flávia Pinheiro da Silva	2019	Dissertação
A formação profissional do orientador educacional: um estudo nas escolas municipais de Santos/SP	Erra, Rita de Cássia Abreu	2019	Dissertação
Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas Interdisciplinares	Souza-Silva, João Roberto	2018	Dissertação
Contribuições de trabalhos pedagógicos realizados por pedagogo orientador educacional em contexto de escola: ênfase na formação de professores	Pinheiro, Queila Strücker.	2017	Dissertação
O pedagogo-orientador educacional no acolhimento e acompanhamento de adolescentes em medida socioeducativa	Nascimento, Izete Santos do	2017	Dissertação
O trabalho colaborativo como um caminho para transformar a prática: a experiência de um grupo de orientadoras educacionais	Meletti, Claudia Maria Duran	2017	Dissertação
O que dizem os orientadores educacionais sobre a Orientação Educacional	CHAGAS, Gisele Santos	2017	Dissertação
A Orientação Educacional nas redes de ensino estaduais públicas do Brasil: concursos e funções	Azevedo, Michele Miranda de	2016	Dissertação

Fonte: <https://bdtd.ibict.br>

A fim de buscar pesquisas sobre a função social da escola, esse indicador foi inserido entre aspas, resultando em 56 arquivos, dos quais seis o continham no título, conforme mostra o quadro II:

Quadro II - Trabalhos selecionados com o indicador “função social da escola”.

Título	Autor	Ano	Tipo
A função social da escola: a implantação de um projeto institucional para a convivência ética	Vivaldi, Flávia Maria de Campos	2020	Tese
O cumprimento da função social da escola na visão de alunos do ensino médio	Martins, Wagner Augusto da Silva	2019	Dissertação
A função social da escola: Relação Família-Instituição e suas tensões na ação compartilhada	Cordeiro, Fabiane de Oliveira	2018	Dissertação
A função social da escola na reforma do ensino médio: À luz da Biologia	Medeiros, Francisca Valkiria Gomes de	2018	Dissertação
Amor à terra: a função social da escola no meio rural	Nawroski, Alcione	2017	Tese
A função social da escola: convergências e divergências na expectativa da família e da escola na formação da criança	Colacino, Aline Fernanda	2016	Dissertação

Fonte: <https://bdtd.ibict.br>

De acordo com os critérios de exclusão explicados acima o trabalho de Medeiros (2018) e Nawroski (2017) foram desconsiderados, por fugirem do objetivo da presente pesquisa ao tratar de temáticas bastante particulares: a reforma do ensino médio para disciplina de biologia e função da escola no meio rural, tomando como referência exemplos retirados da imigração polonesas e de seus descendentes, no Brasil.

Diante do exposto acima, foram selecionados (12) pesquisas para o trabalho de revisão da literatura, conforme apresentado em quadro III:

Quadro III - Trabalhos selecionados para a revisão da literatura

Título	Autor	Ano	Tipo
A função social da escola: a implantação de um projeto institucional para a convivência ética	Vivaldi, Flávia Maria de Campos	2020	Tese
O cumprimento da função social da escola na visão de alunos do ensino médio	Martins, Wagner Augusto da Silva	2019	Dissertação
O Orientador Educacional e suas contribuições para o ensino e aprendizagem escolar	Wouters, Janete AllassiaDrebes	2019	Dissertação

A prática do orientador educacional e o seu papel no cotidiano escolar na rede pública municipal de Franca/SP	Colombini, Flávia Pinheiro da Silva	2019	Dissertação
A função social da escola: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada	Cordeiro, Fabiane de Oliveira	2018	Dissertação
Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas Interdisciplinares	Souza-Silva, João Roberto	2018	Dissertação
Contribuições de trabalhos pedagógicos realizados por pedagogo orientador educacional em contexto de escola: ênfase na formação de professores	Pinheiro, Queila Strücker.	2017	Dissertação
O pedagogo-orientador educacional no acolhimento e acompanhamento de adolescentes em medida socioeducativa	Nascimento, Izete Santos do	2017	Dissertação
O trabalho colaborativo como um caminho para transformar a prática: a experiência de um grupo de orientadoras educacionais	Meletti, Claudia Maria Duran	2017	Dissertação
O que dizem os orientadores educacionais sobre a Orientação Educacional	Chagas, Gisele Santos	2017	Dissertação
A função social da escola: convergências e divergências na expectativa da família e da escola na formação da criança	Colacino, Aline Fernanda	2016	Dissertação
A Orientação Educacional nas redes de ensino estaduais públicas do Brasil: concursos e funções	Azevedo, Michele Miranda de	2016	Dissertação

Fonte: <https://bdtd.ibict.br>

2.1 Orientação Educacional

Em termos de legislação, dois estudos sobressaíram-se, o primeiro deles foi à pesquisa de Azevedo (2016), que se mostrou essencial a esse trabalho, na medida em que analisa, com profundidade, a legislação nacional referente ao Serviço de Orientação Educacional e também as necessidades dos sistemas de ensino estaduais do Brasil. A autora conclui que as redes estaduais demandam pelo orientador educacional, porém essa carreira sequer é reservada a uma profissão, traduzindo-se mais em um campo intelectual do que um campo de atuação, com regulamentações claras. O segundo foi elaborado por Nascimento (2017), com o objetivo de analisar a atuação do pedagogo orientador educacional junto aos estudantes em comprimento de medida sócio-educativa. O trabalho foi feito no Distrito Federal, no qual o cargo de Orientação Educacional passou a ser chamado de Pedagogo Orientador Educacional (POE), com atribuições definidas pela Secretaria de Estado de Administração Pública e da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Em seu estudo, o trabalho de POE é visto de forma a contribuir para a formação integral do indivíduo e como membro ativo da sociedade em que vive. Esse educador deve, também, compreender o ser humano como uma pessoa total, com suas crenças, valores e características socioculturais e afetivas.

Segundo os pesquisadores Chagas (2017), Azevedo (2016), Colombini (2019), Meletti (2017) e Pinheiro (2017) desde o início, a Orientação Educacional é vista como uma profissão emblemática, que se iniciou com uma perspectiva individualista e patologizante, a fim de ajustar alunos problemas à escola e à sociedade, permanecendo, até os dias atuais como sendo uma função pouco clara no interior das escolas. Dessa forma, Chagas (2017) em sua dissertação, busca contribuir para caracterizar a atuação do orientador educacional e Souza (2018), em sua tese, aponta que não existia um consenso entre os participantes de sua pesquisa sobre o papel do orientador educacional na equipe.

Em outros estudos, Azevedo (2016), Chagas (2017), Colombini (2019), Meletti (2017) e Nascimento (2017) concordam que é necessário investir na formação do profissional orientador educacional e, ainda, que sua função deve ir muito além de promover o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos educandos. O foco deve estar na emancipação e no empoderamento dos alunos/comunidade escolar, diante de uma sociedade de classes, possibilitando a conscientização das contradições sociais que nela são produzidas. Analisada por esse ângulo, a contribuição do Orientador Educacional é também política, conforme esclarece Chagas (2017), ao apontar que a área de Orientação Educacional tem se mantido acesa no Brasil em virtude dessa ação de empoderamento dos sujeitos. Colombini

(2019), no entanto, problematiza a manutenção da profissão de orientador educacional em três aspectos: a ausência de políticas que promovam sua regulamentação, a exclusão da habilitação em O.E no curso de pedagogia e, finalmente, a falta de referencial teórico-prático que o oriente. Já a pesquisa de Wouters (2019) entende que o orientador educacional pode contribuir e muito como integrante da equipe de gestão escolar e apresenta as incertezas vividas por esse educador: extinção do cargo, formação inicial frágil e/ou pobreza de formação continuada; falta de investimento de políticas públicas na área.

Vale a pena mencionar brevemente o estudo de Meletti (2017), que entrevistou orientadoras educacionais de uma escola particular da cidade de São Paulo, com o objetivo de compreender os significados que constituíram para a prática formativa do grupo. Em sua tese, ela aborda a trajetória histórica da Orientação Educacional do Brasil, marcada pela relação com as políticas educacionais vigentes e por diferentes concepções, conceitos e significados do que seja orientar. A pesquisa explica que, por muito tempo, a atuação do O.E ficou atrelada a situações de crise, como questões relacionadas à orientação vocacional e a alunos-problemas (aqueles rotulados como disfuncionais, seja em relação à indisciplina, ao fracasso escolar ou à inadaptação). Por isso, durante um período, a O.E foi dissociando-se do processo educativo. No entanto, a autora salienta que a identidade do orientador educacional pode ser reconfigurada, indo em direção a uma atuação condizente com as demandas da escola da contemporaneidade, que implica valorizar questões individuais e coletivas, rever ações de cunho moralizador ou disciplinador e focar na aprendizagem e na construção da cidadania, reconquistando, assim, a importância de uma atuação conjunta, junto à comunidade escolar, lembrando-se sempre do caráter docente e formador da função. Em sua perspectiva, o orientador educacional deve contribuir com o fortalecimento da dimensão humana e coletiva da escola, bem como para construir pontes entre as práticas do passado, as demandas do presente e as possibilidades da escola do futuro.

Voltando-se para a atuação do orientador educacional, foram encontrados três estudos. Souza (2018) investigou a formação e atuação do orientador educacional em uma perspectiva interdisciplinar, salientando que o orientador educacional na cidade de São Paulo somente se faz presente nas escolas particulares. Colombini (2019) analisou a atuação dos orientadores educacionais das escolas da educação básica na rede municipal de Franca e considera que ele faz parte da equipe da gestão escolar na instituição de ensino, com a função de ser o mediador das relações que, nesse espaço, envolvem aluno-aluno, aluno-professor, professor-família e família- escola. Pinheiro (2019) estudou o trabalho pedagógico do pedagogo orientador

educacional (POE) em contexto escolar, as contribuições de sua atuação profissional para a formação continuada de professores e o seu papel no desenvolvimento do currículo escolar. A autora defende que o POE deve ampliar seu espaço de atuação, indo para além do estudante e atingindo a relação com os docentes, promovendo momentos de discussão e reflexão. Para Pinheiro (2019), é apenas com a colaboração e compreensão dos professores que o orientador consegue construir um clima favorável ao desenvolvimento da aprendizagem no cenário escolar. Além disso, cabe ao orientador mediar a construção do Projeto Político Pedagógico do colégio, com a participação de toda comunidade escolar, pois o planejamento coletivo é, segundo a autora, um dos pilares da atuação do pedagogo orientador educacional

Em síntese, pode-se notar que a Orientação Educacional se encontra fragilizada no Brasil. Azevedo (2016), Souza (2018), Colombini (2019) e Meletti (2017) relatam que a falta de pesquisa sobre ela tem dificultado que a orientação possa aprimorar e desenvolver sua atuação. Concomitantemente, observam que há falta de clareza sobre o papel desse profissional na instituição escolar. Cabe salientar, ainda, que todos os estudos consideraram o orientador educacional como um profissional fundamental na equipe gestora do colégio, que em muito contribui para o desenvolvimento dos estudantes. O desafio da presente pesquisa está em analisar como um grupo fragilizado, como os O.Es, entendem o papel social da escola, já que eles mesmo estão ainda consolidando e reconstruindo sua própria função social.

2.2 A função social da escola

Martins (2019) aponta duas funções básicas da escola: a primeira está ligada à aquisição de conhecimento escolar, contemplando uma educação formativa, que objetiva promover um futuro promissor. A segunda relaciona-se com a formação do sujeito como ser humano e cidadão, atuando e transformando o mundo ao seu redor.

Cordeiro (2018) também estudou a função social da escola, mas a partir da relação mantida por essa instituição com as famílias, procurando compreender como essas instâncias atribuem sentido e significado à socialização das crianças. A autora analisa que tanto a escola, quanto a família e a criança não têm clareza acerca de qual é a função social da escola, já que essa instituição se encontra imersa em um cenário neoliberal e capitalista que, em detrimento da formação humana, se preocupa em regular o mercado, com o consumo, com o imediatismo, o individualismo e a formação profissional. A responsabilidade por essa situação cabe, portanto, à sociedade e ao estado. Em especial, o estudo apontou que os sujeitos entrevistados entendem que preparar os alunos para ingressarem bem no trabalho,

aumentando as possibilidades de obterem sucesso profissional e ascensão pessoal, é a principal função social da escola. No entanto, como culturalmente os pais não se apropriam do espaço escolar, a democratização desse lugar compete à escola.

Os resultados obtidos por Colacino (2016) são similares ao de Cordeiro (2018). A autora investigou, em seu estudo, quais eram (a) as expectativas da família e da escola em relação à participação do papel da família no rendimento escolar e na formação integral e, também, quais eram (b) os desafios atuais enfrentados pela equipe escolar para a ampliação dessa relação. Seus resultados indicaram que, na visão das famílias, o processo de escolarização é uma das únicas formas de ascensão social e superação das condições atuais de vida e que a escola, infelizmente, ainda não se coloca como articuladora das funções democráticas perante a comunidade, já que a participação democrática no interior das escolas é um processo ainda a ser consolidado.

A tese de doutorado de Vivaldi (2020) investigou um programa desenvolvido por professores de uma escola pública no interior de São Paulo e indicou que os principais avanços e dificuldades foram encontrados na área da convivência. A autora observou haver falta de planejamento no trabalho desenvolvido, especialmente no que diz respeito às relações interpessoais, concluindo que isso prejudica a qualidade da convivência daqueles que participam da comunidade escolar.

Na pesquisa de Souza (2018), o autor mostra que a escola é um aparelho essencial do processo de humanização, atuando na construção de crenças e de ideias que reforçam determinado modelo de sociedade. Critica a educação atual, com ênfase na necessidade de se acumular informações, pois considera que isso amputa o pensamento dos indivíduos, ao invés de o desenvolver. Chagas (2017) acrescenta que a escola é um potente instrumento de transformação e enfrentamento da dinâmica que rege o social.

2.3 A Orientação Educacional e o papel da escola

É importante pontuar que debrucei-me nessa parte do trabalho, exclusivamente nas pesquisas acadêmicas referente a esses dois temas (Orientação Educacional e Papel Social da Escola) e que, principalmente no que diz respeito à função social da escola, encontrei um material escasso no período proposto, sinalizando a relevância de mais estudos sobre um tema tão caro à educação. Além disso, nos capítulos posteriores, irei aprofundar-me nas duas áreas, por meio de livros de autores conceituados e artigos validados por pares.

Retomando a revisão aqui proposta, foi constatado que, nos trabalhos encontrados, a escola ainda é vista pela sociedade como uma instituição que se dedica exclusivamente a disseminar saberes, porque se entende que seu principal objetivo é promover o sucesso profissional e, conseqüentemente, a ascensão social. Ora, a Orientação Educacional também se voltou, pelo menos inicialmente, ao mercado de trabalho e, ainda hoje, parece buscar encontrar seu espaço com objetivo bastante próximo a esse. Assim, mesmo tendo em vista a importância da função social “aquisição de saberes”, todos os pesquisadores concordam que o sentido mais transformador da escola deve ser o de formar sujeitos emancipados, críticos, questionadores e cientes da desigualdade social e de suas muitas injustiças. Porém, para que essa função social (e política) possa ser cumprida, é necessário diálogo, gestão democrática e uma atuação profissional mais crítica, a ser melhor pensada, desenvolvida e divulgada, algo que exige uma formação continuada de gestores e professores bem planejada. A atuação profissional do Orientador Educacional não foge à regra: ela precisa ser sólida, reflexiva, autocrítica e com ênfase no coletivo para auxiliar a transformação do espaço escolar e da sociedade:

Em tempos tão sombrios, em que a defesa da militarização das escolas aparece como principal política pública da Educação apresentada pelo Governo Federal, tornam-se ainda mais urgentes estudos, pesquisas e sobretudo, propostas práticas de transformação das relações humanas na escola, em que os valores democráticos estejam presentes e sejam fortalecidos por meio do exercício e da prática diários. (VIVALDI, 2020, p 231)

3. ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Nessa parte, procurei conhecer mais de perto o histórico da trajetória do O.E no Brasil, buscando entender o que ele é hoje, como se constituiu, como se transformou, quais são os “preconceitos” em relação a esse tipo de atuação, de onde eles vêm e quais são seus fundamentos. Para o meu embasamento teórico, utilizei-me de livros de autoras conceituadas na área de Orientação Educacional como em Giacaglia, Penteadó e Grinspun e artigos recentes, revisados por pares, de revistas com uma boa avaliação *Qualis*. Em minha procura na literatura, referente aos aspectos históricos, centrei-me especialmente em Giacaglia e Penteadó (2014), que me auxiliaram a encontrar as respostas desejadas.

3.1 Evolução histórica da Orientação Educacional

A Orientação Educacional, segundo Giacaglia e Penteadó (2014), teve início com a Revolução Industrial, que tinha deslocado os adultos de seus lares para inseri-los em um ambiente institucionalizado de trabalho e afastando-os do contato/cuidado frequente com os filhos. Para que se pudesse atender à alta demanda de crianças a serem acolhidas, foi necessário agrupá-las em instituições formais e especializadas: as escolas, anteriormente, destinadas apenas aos filhos da elite. A revolução industrial, segundo as mesmas autoras, transformou a vida dos países e apontou a necessidade de formação de mão de obra especializada. Com base nesse nicho, constituído por demanda social, política e econômica, surgiu a Orientação Educacional, tendo como foco selecionar e treinar alunos para as novas formas de trabalho. Realizava-se, então, exclusivamente o trabalho de Orientação Profissional (O.P) e Orientação Vocacional (O.V).

Giacaglia e Penteadó (2014) apontam também que se a Orientação Educacional teve uma origem pragmática, desde seu início, no século XX, ela passou por várias mudanças, que podem ser agrupadas em três momentos: o primeiro deles refere-se à orientação vocacional, que utilizava testes psicométricos e reduzia os sujeitos a perfis, servindo a fins capitalistas de mercado. O segundo momento aborda o trabalho de O.E com fins terapêuticos e corretivos e foco em alunos que não se adaptavam ou não conseguiam acompanhar as exigências da escola. Com o aumento de casos semelhantes, conhecidos como *inadaptação escolar*, a O.E adotou inicialmente um tratamento individualizado e, em seguida, passou para um grupal, promovendo reuniões e palestras nas quais se abordavam as temáticas mais recorrentes. No terceiro momento, a O.E assume um caráter preventivo, já que se mostrava mais eficaz prevenir comportamentos indesejáveis do que os remediar depois.

3.2 Orientação Educacional: sua história no Brasil

No país, a Orientação Educacional sofreu forte influência dos Estados Unidos e começou de forma pouco espontânea, eclodindo no campo da orientação vocacional, área pobre e limitada, que tinha como base a necessidade de treinar e recrutar mão de obra especializada para o trabalho. Dessa forma, a O.E nasceu com um caráter pragmático e psicotécnico (GIACAGLIA e PENTEADO, 2014). As mesmas autoras indicam que, tendo como modelo os EUA, foram implementadas leis contemplando o trabalho de Orientação Educacional, que ampliaram seu campo de atuação para além das necessidades de formação de mão de obra. Porém, como essas carências foram importadas de outro cenário, elas não foram cumpridas, de modo que a obrigatoriedade da Orientação Educacional na legislação nacional durou menos de três décadas.

Outros autores mencionam também o nascedouro da O.E no Brasil. Pimenta (1990) indica que o estado de São Paulo foi pioneiro na inclusão da Orientação Educacional. Entretanto, por falta de profissionais capacitados, o MEC viu-se forçado a oferecer treinamentos de emergência para quem fosse ocupar esse cargo. Dessa forma, a Orientação Educacional começou mal, com formação profissional improvisada e sem critérios. Pereira, Santos e Freitas (2021) sugerem ser necessário retornar à origem da O.E. para compreender seus diferentes papéis entre nós. Para os autores, é notável que as diferentes concepções de ação da Orientação Educacional tenham variado de acordo com os períodos políticos, sociais e econômicos da história. Ela se inicia com um acentuado caráter técnico e transforma-se, pouco a pouco, em uma função emancipadora, voltada a garantir os direitos das crianças e dos adolescentes.

Para melhor entender como isso se deu, fiz um cronograma da trajetória da legislação da Orientação Educacional no Brasil, que mostra como ela foi se configurando no Brasil.

**QUADRO IV TRAJETÓRIA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA LEGISLAÇÃO
BRASILEIRA**

**Decreto-Lei nº 4.073, de 30/01/1942. Lei Orgânica do Ensino Industrial D.O.U. 09/02/1942.
Retificado em 09/01/1943.**

Título III

Das Escolas Industriais e das Escolas Técnicas

Capítulo XII

Da Orientação Educacional

Art. 50 - Instituir-se-á em cada escola industrial ou escola técnica a Orientação Educacional, mediante a aplicação de processos adequados pelos quais se obtenham a conveniente adaptação profissional e social e se habilitem os alunos para a solução dos próprios problemas.

Art. 51 - Incumbe também à Orientação Educacional, nas escolas industriais e escolas técnicas, promover, com o auxílio da direção escolar, e organização e o desenvolvimento, entre os alunos, de instituições escolares tais como cooperativas, as revistas e os jornais, ou clubes ou grêmios, criando na vida dessas instituições, num regime de autonomia, as condições favoráveis à educação social dos escolares.

Art. 52 - Cabe ainda à Orientação Educacional velar no sentido de que o estudo e o descanso dos alunos decorram em termos da maior conveniência pedagógica.

Decreto-Lei nº 4.244, de 09/04/1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. D.O.U. 10/04/1942.

Título III

Do Ensino Secundário Feminino

Dos Professores

Artigo 79 - A constituição do corpo docente, em cada estabelecimento de ensino secundário far-se-á com observância dos seguintes preceitos:

- 1- Deverão os professores de ensino secundário receber conveniente formação em cursos apropriados, em regra de ensino superior.
- 2- O provimento, em caráter efetivo, dos professores dos estabelecimentos de ensino secundário-federais e equiparados dependerá da prestação de concurso.
- 3 - Dos candidatos ao exercício do magistério nos estabelecimentos de ensino secundário, reconhecidos exigir-se-á prévia inscrição que se fará mediante prova de habilitação, no competente registro do Ministério da Educação.
- 4- Aos professores de ensino secundário será assegurada remuneração condigna que se pagará pontualmente.

Capítulo VI

Da Orientação Educacional

Artigo 80 - Far-se-á nos estabelecimentos de ensino secundário, a Orientação Educacional.

Artigo 81 - É função da Orientação Educacional, mediante as necessárias observações, cooperar no sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha de sua profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com a sua família.

Artigo 82 - Cabe ainda à Orientação Educacional cooperar com os professores no sentido da boa execução, por parte dos alunos, dos trabalhos escolares, buscar imprimir segurança e atividade aos trabalhos complementares e velar por que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos decorram em condições da maior conveniência pedagógica.

Artigo 83 - São aplicáveis aos orientadores educacionais os preceitos do artigo 79 desta lei, relativos aos professores.

Decreto-Lei nº 6.141, de 28/12/1943. Lei Orgânica do Ensino Comercial. D.O.U. 31/12/1943.

**Título II
Capítulo VI**

Da Orientação Educacional e Profissional

Art. 39 - Far-se-á nos estabelecimentos de ensino comercial a Orientação Educacional

Art. 40 - É função da Orientação Educacional e Profissional, mediante as necessárias observações, velar no sentido de que cada aluno execute satisfatoriamente os trabalhos escolares e em tudo o mais, tanto no que interesse à sua saúde, quanto no que respeita aos seus assuntos e problemas intelectuais e morais na vida escolar e fora dela, se conduza de maneira segura e conveniente e bem assim encaminhe com acerto na escolha ou nas preferências de sua profissão.

Art. 41 - A Orientação Educacional e Profissional estará continuamente articulada com os professores e, sempre que possível, com a família dos alunos.

Decreto-Lei nº 9.613, de 20/08/1946. Lei Orgânica do Ensino Agrícola. D.O.U. 23/08/1946.

**Título III
Capítulo VI**

Da Orientação Educacional e Profissional

Art. 45 - Far-se-á nos estabelecimentos de Ensino Agrícola a Orientação Educacional e Profissional.

Art. 46 - É função da Orientação Educacional e Profissional, mediante as necessárias observações, velar no sentido de que cada aluno execute satisfatoriamente os trabalhos escolares e em tudo o mais, tanto no que interesse a sua saúde, quanto no que respeita aos seus assuntos e problemas intelectuais e morais na vida escolar e fora dela, se conduza de maneira segura e conveniente e bem assim encaminhe com acerto na escolha ou nas preferências de sua profissão.

Art. 47 - A Orientação Educacional e Profissional estará continuamente articulada com os professores e, sempre que possível, com a família dos alunos.

Lei nº 4.024, de 20/12/1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Da Orientação Educativa e da Inspeção. (Artigos Revogados). D.O.U. 27/12/1961

**Título VII
Da Educação de Grau Médio (*)**

**Capítulo I
Do Ensino médio**

Art. 38. Na organização do ensino do grau médio serão observadas as seguintes normas:

V - Instituição da orientação educativa e vocacional em cooperação com a família; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024 de 20/12/61)

Lei nº 5.540, de 28/11/1968. Fixa Normas de Organização e Funcionamento do Ensino Superior e sua Articulação com a Escola Média, e Dá Outras Providências. D.O.U. 29/11/1968. Retificado no D.O. de 03/12/1968.

**Capítulo I
Do Ensino Superior**

Art. 30. A formação de professores para o ensino de segundo grau, de disciplinas gerais ou técnicas, bem como o preparo de especialistas destinados ao trabalho, de planejamento, supervisão, administração, inspeção e orientação no âmbito de escolas e sistemas escolares, far-se-á em nível superior.

Lei nº 5.564, de 21/12/1968. Provê sobre o Exercício da Profissão de Orientador Educacional. D.O.U.24/12/1968.

Art.1º A Orientação Educacional se destina a assistir ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio, e primário visando ao desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Art. 2º. A Orientação Educacional será atribuição exclusiva dos profissionais de que trata a presente lei.

Art. 3º. A formação de orientador educacional obedecerá ao disposto nos artigos 62, 63 e 64 da Lei 4.024 de 20/12/61 e aos outros diplomas legais vigentes.

Art. 4º. Os diplomas de orientador educacional serão registrados em órgão próprio do Ministério de Educação e Cultura.

Art. 5º. Constituem atribuições do Orientador Educacional além de aconselhamento dos alunos e outras que lhe são peculiares, lecionar as disciplinas das áreas de Orientação Educacional.

Art. 6º. As disposições desta lei serão regulamentadas pelo Poder Executivo, inclusive para definição do Código de Ética dos orientadores educacionais.

Lei nº 5.692, de 11/08/1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e Dá Outras Providências. D.O.U.12/08/1971.

Capítulo I

Do Ensino de 1º e 2º graus

Art. 10 - Será instituída obrigatoriamente a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional em cooperação com os professores, a família e a comunidade.

Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973 regulamenta a Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1968, que provê sobre o exercício da profissão de Orientador Educacional. D.O.U. 27/09/1973.

Artigo 1º Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Artigo 2º O exercício da profissão de Orientador Educacional é privativo:

I - Dos licenciados em pedagogia, habilitados em Orientação Educacional, possuidores de diplomas expedidos por estabelecimentos de ensino superior oficiais ou reconhecidos.

II - Dos portadores de diplomas ou certificados de orientador educacional obtidos em cursos de pós-graduação, ministrados por estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, devidamente credenciados pelo Conselho Federal de Educação.

II - Dos diplomados em Orientação Educacional por escolas estrangeiras, cujos títulos sejam revalidados na forma da legislação em vigor.

Artigo 3º É assegurado ainda o direito de exercer a profissão de Orientador Educacional:

I - Aos formados que tenham ingressado no curso antes da vigência da Lei nº 5.692-71, na forma do art. 63, da Lei nº 4.024-61, em todo o ensino de 1º e 2º graus.

II - Aos formados que tenham ingressado no curso antes da vigência da Lei nº 5.692-71, na forma do artigo 64, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, até a 4ª série do ensino de 1º grau.

Artigo 4º Os profissionais, de que tratam os artigos anteriores, somente poderão exercer a profissão após satisfazerem os seguintes requisitos:

I- Registro dos diplomas ou certificados no Ministério da Educação e Cultura.

II- Registro profissional no órgão competente do Ministério da Educação e Cultura.

Artigo 5º A profissão de Orientador Educacional, observadas as condições previstas neste regulamento, se exerce na órbita pública ou privada, por meio de planejamento, coordenação,

supervisão, execução aconselhamento e acompanhamento relativos às atividades de Orientação Educacional, bem como por meio de estudos, pesquisas, análises, pareceres compreendidos no seu campo profissional.

Artigo 6° Os documentos referentes ao campo de ação profissional de que trata o artigo anterior só terão validade quando assinados por Orientador Educacional, devidamente registrado na forma desse regulamento.

Artigo 7° É obrigatório a citação do número de registro de Orientador Educacional em todos os documentos que levam sua assinatura.

Artigo 8° São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

- 1- Escola
- 2 - Comunidade.

b) planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Estadual, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o no processo educativo global.

d) coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) coordenar o processo de informação educacional e profissional com vistas à orientação vocacional.

f) sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao conhecimento global do educando.

g) sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) ministrar disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específica do ensino.

j) supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

k) emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

Artigo 9° Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;

d) participar na composição, caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;

e) participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;

f) participar do processo de encaminhamento dos alunos estagiários;

g) participar no processo de integração escola-família-comunidade;

h) realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional.

Artigo 10. No preenchimento de cargos públicos, para os quais se faz mister qualificação de Orientador Educacional, requer-se, como condição essencial que os candidatos hajam satisfeitos, previamente, as exigências da Lei nº 5.564, de 21 de dezembro de 1963 e deste regulamento.

Fonte: PENTEADO,1980 e ALMEIDA, 2019.

Para Wouters (2019), o ano de 1942 foi um marco na consolidação da Orientação Educacional, pois tornou-a obrigatória nos estabelecimentos de ensino industrial ou nas escolas técnicas. No entanto, como é de costume no Brasil, a lei não foi cumprida pelos estabelecimentos de ensino e, segundo as autoras Giacaglia e Penteado (2014), isso se deveu à falta de profissionais qualificados para atuar no mercado. Assim, pode-se afirmar que, no início, em 1940, havia suporte legal para o trabalho de O.E, porém faltava formação

qualificada de profissionais para isso. Foi somente em 1945 que se inaugurou o primeiro curso de formação de Orientadores Educacionais.

Pimenta (1990) observa que os princípios da O.E, no ensino industrial da década de 40, era capacitar e desenvolver os alunos a trabalharem na indústria, de modo que se fazia isso de forma individualizada, preventiva e ajustadora. Foi São Paulo, novamente, o primeiro e único estado a dar cumprimento às leis orgânicas nessa década e, por ser precursor, teve que enfrentar a falta de profissionais capacitados. Nota-se, assim, que a gênese do cargo, nesse estado, também se estabeleceu de forma frágil, confusa e pouco clara.

No período de 1950 a 1970, observou-se um movimento intenso na legislação, nos eventos e nas associações relacionadas à Orientação Educacional, particularmente nessa última década. De acordo com Giacaglia e Penteado (2014), houve, na década de 1950, intensa movimentação para implementar o trabalho de O.E, já que havia a necessidade aprimorar sua formação profissional e, inclusive, a compreensão do que seria esse cargo, demanda que perdurou por três décadas. Na de 1960, ocorreram alguns avanços, tanto é que foi nela que foi feito o primeiro registro de um profissional de O.E. junto ao MEC. Leis e pareceres também foram implementadas e sofreram muitas modificações, o que resultou em instabilidade e insegurança na definição da formação dos orientadores.

Nessa mesma década, exigia-se muito para se contratar o O.E. Todavia, o número de interessados/capacitados para as vagas era insuficiente diante da grande demanda que haveria, caso a legislação tivesse sido realmente seguida. Os Orientadores Educacionais, encontravam-se perdidos, sem diretrizes suficientes para que pudesse conhecer o que era esperado de suas atribuições. A comunidade escolar (diretor, professores, alunos, pais) e os próprios O.Es não compreendiam com clareza qual era seu papel, de modo que era frequente que realizassem atividades fora de sua atribuição e fossem encaminhados para executar tarefas desagradáveis ou complexas. Essa falta de clareza, segundo as autoras, contribuiu significativamente para a desvalorização do cargo do Orientador Educacional.

Tendo em vista esse cenário complexo dos Orientadores Educacionais, houve, durante a década de 70, intenso movimento de aproximação e fortalecimento desses profissionais por meio de associações, encontros, congressos, simpósios etc., que ocorriam em diferentes capitais do país, sempre buscando consolidar a formação, definir as atribuições e especificar os requisitos legais para o exercício do cargo (GIACAGLIA e PENTEADO, 2014). Para Almeida (2019), essa década de 1970 foi o período áureo da Orientação Educacional, tanto é que foi implementada a FENOE (Federação Nacional dos Orientadores Educacionais) e a

Associação dos Orientadores Educacionais do Estado de São Paulo, ambas esclarecendo melhor a função dos Orientadores Educacionais nas escolas.

QUADRO V – ESTATUTO DA FENOE

Estatuto da FENOE - Federação Nacional dos Orientadores Educacionais

Artigo 1º - A FEDERAÇÃO NACIONAL DOS ORIENTADORES EDUCACIONAIS, órgão máximo das Associações dos Orientadores Educacionais dos Estados, Territórios e Distrito Federal, Sociedade Civil sem fins lucrativos, e duração indeterminada, com sede e foro no Distrito Federal e jurisdição em todo o Território Nacional, com a sigla FENOE, tem as seguintes finalidades:

- a) propugnar pelo fortalecimento da classe, através de medidas eficazes, que permitam elevar o nível dos seus integrantes em todos os sentidos.
- b) defender os interesses e os direitos das entidades federadas e de seus associados.
- c) colaborar com o Estado e outras entidades, nos campos Educacional e Cultural.
- d) promover e referenciar os eventos de Orientação Educacional.

Código de Ética dos Orientadores Educacionais

O presente Código de Ética tem por objetivo estabelecer normas de conduta profissional para os Orientadores Educacionais.

Somente pode intitular-se Orientador Educacional e, nesta qualidade, exercer a profissão no Brasil, a pessoa legalmente habilitada, nos termos da legislação em vigor.

Título 1

Das Responsabilidades Gerais

Capítulo 1

Deveres Fundamentais

Artigo 1º. São deveres fundamentais do Orientador Educacional:

- a) exercer suas funções com elevado padrão de competência, senso de responsabilidade, zelo, discrição e honestidade;
- b) atualizar constantemente seus conhecimentos;
- c) colocar-se a serviço do bem comum da sociedade, sem permitir que prevaleça qualquer interesse particular ou de classe;
- a) ter uma filosofia de vida que permita, pelo amor à verdade e respeito à Justiça, transmitir segurança e firmeza a todos aqueles com quem se relaciona profissionalmente;
- e) respeitar os códigos sociais e expectativas morais da comunidade em que trabalha;
- f) assumir somente a responsabilidade de tarefas para as quais esteja capacitado, recorrendo a outros especialistas sempre que for necessário;
- c) lutar pela expansão da Orientação Educacional e defender a profissão;
- h) respeitar a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa humana;
- i) prestar serviços profissionais desinteressadamente em campanhas educativas e, situações de emergência, dentro de suas possibilidades.

Capítulo II Impedimentos

Artigo 2º. Ao Orientador Educacional é vedado:

- a) encaminhar o orientando a outros profissionais, visando a fins lucrativos;
- 5) aceitar remuneração incompatível com a dignidade da profissão;
- c) atender casos em que esteja emocionalmente envolvido, por certos fatores pessoais ou relações íntimas;
- d) dar aconselhamento individual através da imprensa falada e/ou escrita;
- e) favorecer, de qualquer forma, pessoa que exerça ilegalmente e, em desacordo a este Código de Ética, a profissão de Orientador Educacional.

Capítulo III Do Sigilo Profissional

Artigo 3º. Guardar sigilo de tudo que tem conhecimento, como decorrência de sua atividade profissional, que possa prejudicar o orientando.

Parágrafo único. Será admissível a quebra do sigilo quando se trata de caso que constitua perigo iminente:

- a) para o orientando;
- b) para terceiros.

Artigo 4º. Pessoa que a utilize para fins profissionais, com a autorização escrita por parte do mesmo, ao maior, ou dos pais, ao menor.

Artigo 3º. Guardar sigilo de tudo que tem conhecimento, como decorrência de sua atividade profissional, que possa prejudicar o orientando.

Parágrafo único. Será admissível a quebra do sigilo quando se trata de caso que constitua perigo iminente:

- a) para o orientando:
- b) para terceiros.

Artigo 4º. Pessoa que a utilize para fins profissionais, com a autorização escrita por parte do mesmo, ao maior, ou dos pais, ao menor.

Título II

Das Relações Profissionais

Capítulo I

Com o Orientando

Artigo 5º. Esclarecer ao orientando os objetivos da Orientação Educacional, garantindo-lhe o direito de aceitar ou não sua resistência profissional.

Artigo 6º. Proteger a identidade do orientador assegurando o sigilo dos dados que lhe dizem respeito.

Artigo 7º Promover assistência contínua, sem interrupção, exceto por motivos relevantes.

Artigo 8º. Usar, quando necessário, e, com a devida cautela, instrumento de medida - testes de nível mental, de interesses, de aptidões e, escalas de atitudes - como técnicas pertinentes ao trabalho do Orientador Educacional.

Capítulo II

Com os Orientadores Educacionais

Artigo 9º. Abster-se de interferir junto ao orientando, cujo processo de Orientação Educacional esteja a cargo de um colega, salvo quando solicitado.

Artigo 10º. Dispensar a seus colegas apreço, consideração e solidariedade, que reflitam a harmonia da classe.

Parágrafo Único: O espírito de solidariedade não pode induzir o orientador a ser conveniente com conduta profissional inadequada de colegas.

Capítulo III

Com Outros Profissionais

Artigo 11. Desenvolver bom relacionamento com os componentes de outras categorias profissionais.

Artigo 12. Reconhecer os casos pertinentes aos demais campos de especialização, encaminhando-os aos profissionais competentes.

Capítulo IV
Com a Instituição Empregadora

Artigo 13. Respeitar as posições filosóficas, políticas e religiosas da instituição em que trabalha, tendo em vista o princípio constitucional de autodeterminação.

Artigo 14. Realizar o seu trabalho em conformidade com as normas propostas pela instituição e conhecidas o ato de admissão, procurando o crescimento e integração de todos.

Capítulo V
Com a Comunidade

Artigo 15. Facilitar o bom relacionamento Instituição x Comunidade.

Artigo 16. Respeitar os direitos da família na educação do orientando.

Artigo 19. Empenhar-se por uma crescente aproximação entre a família e a instituição.

Capítulo VI
Com a Entidade de Classe

Artigo 18. Procurar filiar-se à entidade de classe.

Artigo 19. Colaborar com os órgãos representativos de sua classe, zelando pelos seus dirigentes e jamais se escusando de prestar-lhe colaboração, salvo por justa causa.

Artigo 20. Comunicar à entidade de classe competente os casos de exercício ilegal da profissão ou de conduta profissional em desacordo com este Código.

PENTEADO, W.M.A (1980)

Com a regulamentação da lei 5.564/68, as atribuições dos Orientadores Educacionais foram estabelecidas e seu caráter, que inicialmente era mecanicista, individualista, voltado para o ajustamento, encontrou outra forma de ser à luz dos aspectos sociais e coletivos que se voltavam ao desenvolvimento integral do estudante. Tendo ainda uma forte influência da Orientação Profissional.

Giacaglia e Penteado (2014) destacam que, já no final da década de 70, havia intensa atividade profissional entre os O.Es, observando-se um número crescente de alunos do curso de pedagogia que buscavam essa habilitação. Assim, na década de 1980, os O.Es continuaram reunindo-se em associações e promovendo congressos, bem como, as faculdades de Pedagogia continuavam a habilitar novos orientadores. Mas, essa foi, entretanto, uma época de declínio para a categoria, pois surgiram acontecimentos que afetaram seu prestígio e levaram a sua desvalorização. Convém pontuar, entretanto, que em razão do não cumprimento

da Lei Federal 5.692/71, que fazia obrigatória a presença dos Orientadores Educacionais nas escolas, não foram feitos concursos públicos para a contratação desse profissional.

Nesse período, foi igualmente observado que a habilitação em Orientação Educacional eram cursos extremamente teóricos e a parte prática pouco explorada, formando orientadores bastante despreparados para a profissão. Desse modo, como consequência, a atuação dos O.Es acabou empobrecida, já que a comunidade escolar e o próprio orientador desconheciam qual era essa função. Os diretores, em meio à indefinição, acabavam por atribuir ao O.E tarefas que nada tinham a ver com sua função. O O.E, então, atuava como “coringa”, um “faz tudo”, sem funções pré estabelecidas, era visto como disponível para realizar atividades de qualquer natureza, segundo indicam Giacaglia e Penteado (2014). Outro ponto de confusão vinha dos professores, já que a maioria deles acreditava que a O.E os estava desautorizando e protegendo os alunos.

Os O.E também se mostraram despreparados para ministrar as aulas de Orientação Profissional, requisitada pela Lei Nº 5.692/71. E, em contrapartida, havia outras disciplinas buscando inserção na grade curricular das escolas: a Filosofia, as Ciências Sociais e a Psicologia. Nesse período, a maior parte das escolas acabou escolhendo a Filosofia e a Sociologia em detrimento do trabalho de Orientação Profissional (GIACAGLIA e PENTEADO, 2014). Para Pimenta (1990), a falta de clareza sobre as atribuições e de formação adequada para os O.Es contribuíram para o declínio do orientador educacional na escola pública paulista, levando-a a ser dela excluído:

Estes dois aspectos - uma Orientação Educacional improvisada, colocada arbitrariamente nas escolas, com um desempenho profissional indefinido e mal visto pela própria escola e a ampliação quantitativa das escolas nas situações precárias conhecidas parecem ser explicativos (embora não esgotem) da inexistência do serviço de orientação na rede pública paulista hoje. (Pimenta, 1990, p.70)

Tendo em vista esse cenário, a Orientação Educacional enfraqueceu e o número de profissionais atuantes nas escolas foi minguando consideravelmente, empobrecendo junto os movimentos e as associações. Paulatinamente, cada vez menos estudantes procuravam a habilitação em Orientação Educacional, visto haver outras especialidades com maior prestígio e que ofereciam maior segurança: a Administração Escolar, que formava diretores, e a Supervisão Pedagógica, que formava os Coordenadores Pedagógicos (CPs). Finalmente, esses últimos profissionais acabaram por ocupar o lugar do O.E, acumulando suas funções. Assim, se em teoria, ambos deveriam atuar no mesmo espaço – o ensino básico – e com funções distintas, privilegiou-se a função do CP, voltada para orientar o processo de ensino-

aprendizado. Dessa forma, naquela época – e ainda hoje – a preocupação das escolas parece estar mais voltada para o desempenho/rendimento dos estudantes nas provas do que com seu bem-estar, uma preocupação compartilhada por muitos pais, como mostraram Giacaglia e Penteado (2014).

As mesmas autoras informam ainda que, em decorrência da baixa procura por parte dos estudantes de pedagogia, a habilitação em Orientação Educacional foi obrigada a reduzir o número de turmas e, em seguida, as faculdades que ofereciam essa modalidade foram deixando de oferecê-la, caso, por exemplo, da Universidade de São Paulo nesse período. Almeida (2019) considera que, mesmo com os excelentes modelos das escolas experimentais, destacando-se o Colégio de Aplicação da USP, os Ginásios Vocacionais e o Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental, que tinham a figura do orientador educacional atuando em formato coletivo e emancipatório e contavam com pessoas da envergadura de Bernardete Angelina Gatti, Maria José Garcia Werebe, Laurinda Ramalho de Almeida, Vera Maria Nigro de Souza Placco entre tantas outras profissionais de excelência, a Orientação Educacional, na década de 1980 continuava, no Estado de São Paulo, com funções pouco claras, voltada a “apagar incêndios”, sem planejamento de suas ações. O O.E. continuava a ser inserido nas escolas sem o suporte necessário do sistema de ensino, sem que se levasse em conta o número de alunos a serem atendidos: escolas com 200 ou 2.000 alunos contavam, independentemente de seu tamanho, apenas com um único orientador educacional. Não é de se estranhar, portanto, que o O.E não tenha se consolidado como membro atuante da equipe gestora.

Na década de 90, com a Lei Nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, a figura do O.E nas escolas deixou de ser obrigatória, permanecendo como escolha das redes municipais e privadas. Porém, as funções que eram do O.E, na escola permaneceram: articular as famílias e a comunidade integrando-as com a escola, informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos estudantes, desenvolver o educando e assegurar-lhe o exercício da cidadania, incentivar meios para progredir em seu trabalho, desenvolver a autonomia intelectual e o pensamento crítico. Atualmente, ainda existem cursos de pós-graduação em Orientação Educacional, ainda que essa habilitação tenha sido extinta do curso de Pedagogia, como indicam Monteiro et al. (2021): dos 26 estados mais o Distrito Federal, apenas 13 têm orientador educacional na rede escolar estadual, já que fica a critério de cada município a escolha por manter (ou não) esse profissional.

Pascoal, Honorato, Albuquerque (2008) apontam que a baixa presença de O.E na rede estadual está ligada à imagem negativa que esses profissionais conquistaram no século

passado (XX), em decorrência da adoção de uma postura tecnicista, assistencialista e ligada aos interesses políticos e econômicos vigentes na época. No entanto, no século XXI, a atuação do orientador educacional voltou-se mais para uma posição política emancipatória e pedagógica, cabendo verificar como isso se manifesta no que concerne à atuação prática e, em especial, com vista à função social da escola.

3.3 O papel do orientador educacional nas pesquisas recentes

Para Wouters e Galvão (2019), o orientador educacional faz parte da equipe gestora da escola e sua atuação deve buscar o bem-estar da comunidade escolar, atuando como elo entre os diferentes segmentos escolares (professores, equipe gestora, estudantes e suas famílias e a comunidade mais ampla), sempre de maneira interdisciplinar. Para essas autoras, as atribuições do O.E são:

As atribuições do orientador educacional dividem-se em: mediar conflitos em diversos segmentos (aluno/aluno, aluno/professor, professor/colegas); auxiliar na execução de projetos e nos problemas de aprendizagem; dialogar com os alunos sobre valores e atitudes. Mesmo tendo suas atividades descritas no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) da escola em que atuam, por vezes o trabalho realizado vai além disso para que se atenda às necessidades da comunidade escolar. (Wouters; Galvão, 2019, p. 14)

Navarro e Noronha (2018), pesquisando como a Orientação Educacional relaciona-se com a Empatia, seguem a mesma linha de pensamento, na medida em que endossam ser função da Orientação Educacional criar pontes entre a instituição escolar, os alunos e a família. Silva e Pereira (2021), em seu estudo, também indicam que o papel do O.E é articular os profissionais da educação e a comunidade escolar, por intermédio da construção de um projeto curricular que promova o desenvolvimento integral dos estudantes. Monteiro et al (2021) concordam com tais ideias e acrescentam que o O.E é também alguém que forma o aluno, promovendo o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, ele deve compreender as funções da escola e seus objetivos sociais, políticos e educativos, de onde decorre que o objetivo central da O.E é a formação de cidadãos críticos. Em suas palavras: As autoras afirmam que:

[...] a Orientação Educacional não se limita a uma atuação burocrática, mas sim, a uma atuação pedagógica com a finalidade de promover uma educação de qualidade pautada na cidadania e no desenvolvimento integral do estudante. (p.10)

Para Martins (2021), o Orientador Educacional precisa comprometer-se com a formação dos alunos, sendo esta cognitiva, social e emocional, por meio de práticas pedagógicas que promovam a emancipação, a reflexão e o diálogo dos saberes escolares com a sociedade. Lenz e Viegas (2019), também salientam a função do O.E como formador, na

medida em que lhe cabe promoção de espaços de mediação, levando os estudantes a desenvolver suas possibilidades de dialogar e escutar, vendo-se como agentes de mudanças e de transformação da realidade. Para os autores, é na experiência do diálogo que se estruturam a nossa cultura, valores e objetivos. David (2017), por outro lado, pontua que o trabalho do Orientador Educacional é ainda mais amplo e mais importante, porque não lhe cabe apenas dialogar com os estudantes e, sim, com todos os segmentos da escola. Isso requer dele conhecimentos sempre atualizados da comunidade em que a escola está inserida, da realidade de cada aluno e da cultura organizacional. O autor aponta que o O.E, nas escolas:

Orienta os alunos em seu desenvolvimento pessoal, preocupando-se com a formação de seus valores, atitudes, emoções e sentimentos; orienta, ouve e dialoga com alunos, professores, gestores e responsáveis e com a comunidade; participa da organização e da realização do projeto político-pedagógico e da proposta pedagógica da escola; ajuda o professor a compreender o comportamento dos alunos e a agir de maneira adequada em relação a eles; ajuda o professor a lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos; ajuda a mediar conflitos entre alunos, professores e outros membros da comunidade; conhece a legislação educacional do país; circula pela escola e convive com os estudantes. (David, 2017, p.41)

Lenz e Viegas (2021) salientam que a principal demanda para o O.E é de que ele seja responsável pela mediação das diversas situações de conflitos na escola. No entanto, essa função acaba por comprometer o seu trabalho, na medida em que isso requer que se esteja de prontidão para atuar de forma imediata, algo que, contraditoriamente, os leva a ficar em uma posição de “apagar incêndio”. Outro ponto de atenção, alertam Monteiro et al. (2021), David (2017), Lenz e Viegas(2021) é a precarização do aporte teórico na formação dos O.Es. Esses profissionais, segundo todos os autores, necessitam de uma teoria que lhes auxilie a compreender a realidade complexa que é a escola, para poder exercer a contento a mediação de conflitos:

Reitera-se a instrumentalização (teorização) como essencial ao processo de transformação possibilitado pela educação. A apropriação de saberes críticos, a consciência dos embasamentos das ações e a ação intencional são ferramentas que auxiliam no cumprimento da função social e política da escola. (MONTEIRO et al., 2021, p. 14)

Para finalizar, Seabra e Oliveira (2017) apontam que o O.E atua como um “amortizador” na trama complexa que é a escola, mediando entre os atores nela inseridos e o contexto social mais amplo. Dessa forma, seu campo de atuação é junto aos alunos, aos profissionais da escola (professores, gestores, inspetores), família, comunidade e sociedade. Cabe a esse profissional contribuir para a formação dos estudantes, promovendo discussões de problemas atuais, de natureza social, política e cultural, impulsionando seu desenvolvimento, autonomia, senso crítico e emancipação.

A partir das pesquisas atuais, foi possível constatar que o Orientador Educacional é um profissional, membro relevante da gestão da escola, na medida em que trabalha com todos os setores da instituição, estabelecendo sua ligação com a comunidade e sociedade. Nota-se que sua função, antes vista como de ajustamento e voltada apenas para a profissionalização, foram substituídas pela mediação e formação. Mediação, na medida em que atua junto aos atores do colégio, em relações conflitivas (ou não) e, na formação, promovendo práticas pedagógicas reflexivas, emancipatórias e críticas. Mas, como os pesquisadores indicaram as limitações teóricas do O.E, procurei compreender como os principais teóricos da Orientação Educacional vêem o papel da Orientação Educacional.

3.4 O que dizem os principais autores sobre o papel da escola e o de O.E.

Bicudo (1978) buscou, no final da década de 70, estudar a função do Orientador Educacional entendendo-a como uma atividade curricular que envolve todos os atores da escola em constante reflexão e, por isso, requer clareza acerca dos objetivos estabelecidos pela instituição, de como se organiza a cultura organizacional e de qual é a função social da escola. A autora compreende que cada instituição persegue objetivos próprios, que seguem os ditames da cultura e da sociedade, os quais são muito variados. Desse modo, há escolas que tendem ao tradicionalismo e outras que tendem ao vanguardismo, embora existam aspectos em comum entre as várias tendências, no que concerne à função geral da escola. Pode-se dizer que a primeira e mais geral função seria a de manter e transmitir a cultura (o conhecimento acumulado, os valores, crenças e normas) socialmente construída pela humanidade.

A mesma autora aponta que a escola é um empreendimento social e, por isso, o seu papel está ligado às exigências da sociedade e, também, em termos da manutenção de sua força de trabalho, situação que direciona os conteúdos e programas desenvolvidos pelas disciplinas escolares. Surge assim outra função social da escola: a de desenvolver, formar e organizar ações para que o estudante desenvolva as habilidades necessárias aos requisitos da sociedade. O papel da Orientação Educacional não é visto pela pesquisadora como um serviço de ajuda ou de ajustamento, pois se trata de analisar os processos que mediam a relação de ensino-aprendizado por parte de todos aqueles que vivem na escola, sejam gestores, professores, estudantes e suas famílias. Para Bicudo (1978, p. 103):

À Orientação Educacional cabe analisar os significados, as possibilidades e as ocorrências de dois aspectos da realidade escolar: o organizacional e o dos relacionamentos humanos; das situações de ensino e das de auto edificação. Ao proceder dessa forma, ela estará orientando o processo educacional do sistema organizacional da escola e auxiliando o desenvolvimento do educando.

Placco (1994), na década de 90, concorda que o O.E deve atuar em consonância com os objetivos propostos no projeto político-pedagógico da escola e, para tanto, deve auxiliar os educadores a obtê-los, garantindo a aprendizagem do educando em conformidade com as metas estipuladas:

É nesse contexto que a Orientação Educacional será conceituada: um processo social desencadeado dentro da escola, mobilizando todos os educadores que nela atuam - especialmente os professores - para que, na formação desse homem coletivo, auxiliem cada aluno a se construir, a identificar o processo de escolha por que passam, os fatores socioeconômico-político-ideológicos e éticos que o permeiam e os mecanismos por meio dos quais ele possa superar a alienação proveniente de nossa organização social, tornando-se, assim, um elemento consciente e atuante dentro da organização social, contribuindo para sua transformação. (PLACCO, 1994, p. 30)

Pode-se perceber como é fundamental o Orientador Educacional trabalhar de acordo com os objetivos sociais da escola, bem como com o projeto político pedagógico (PPP) de cada instituição, sempre em consonância com os demais educadores, de forma a não se confundir com outras funções. É preciso que todos tenham clareza do seu papel para que possam atuar de maneira mais harmoniosa, livre, integral e objetiva possível. Pascoal, Honorato e Albuquerque (2008) ressaltam a importância de distinguir a função de O.E dos demais gestores da escola: a do diretor é a administração geral da escola; a do coordenador é formar e auxiliar o professor para que ele realize sua função da melhor maneira possível; e a do O.E é cuidar da formação do estudante enquanto aluno, sujeito social e sujeito individual. As autoras não têm dúvida da necessidade do O.E na escola.

Ao contrário, as autoras consideram preocupante que não haja O.E nas instituições escolares, visto a etimologia da palavra “Educação” – guiar, conduzir, orientar – e o fato de a escola existir basicamente em função dos estudantes e de sua formação. Um profissional que se volta totalmente para a orientação dos educandos é, portanto, indiscutivelmente necessário, sobretudo para mediar as relações deles nas situações didático-pedagógicas e nas situações socioculturais. Para Pascoal, Honorato e Albuquerque (2008), a Orientação Educacional atual só tem sentido se tiver como objetivo a formação de todos os estudantes (e não apenas a dos ditos “alunos-problemas”), em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Finalmente, concluem que o O.E é um agente integrador da comunidade escolar, já que também é sua função construir um espaço educativo ético e solidário e desvelar os conflitos e contradições nele presentes.

Grinspun (2011) acrescenta que a Orientação Educacional não deve ser entendida apenas no sentido etimológico de *educare* – guiar, conduzir, orientar – e voltar-se também para o de *educere* – conduzir para fora, desenvolver, preparar para o mundo. Para ela, o O.E,

tal qual a Educação, são ambas práticas sociais, com ações que ultrapassam muros. Para atuar com propriedade nessa função, é preciso estar comprometido com a formação cidadã dos estudantes e com a formação da subjetividade de cada um. A ênfase está no trabalho coletivo, tendo em vista que a participação na construção e efetivação do projeto político pedagógico é fundamental e rege o trabalho de todos. Assim, a autora observa que o orientador precisa estar comprometido com as transformações necessárias a sociedade e ao seu tempo, fazendo-as presente no cotidiano escolar. Em suas palavras, a Orientação Educacional precisa estar comprometida com:

1. a construção do conhecimento, através de uma visão da relação sujeito-objeto, em que se afirma, ao mesmo tempo, a objetividade e a subjetividade do mundo, esta considerada como um momento individual de internalização daquela;
2. a realidade concreta da vida dos alunos, vendo os como atores de sua própria história;
3. a responsabilidade do processo educacional na formação da cidadania, valorizando as questões de o saber pensar, saber criar, saber agir e saber falar na prática pedagógica;
4. a atividade realizada na prática social, levando-se em consideração que é dessa prática que provém o conhecimento, e que ele se dar com um empreendimento coletivo;
5. a diversidade da educação, questionando valores pessoais e sociais, submersos nos atos da escolha e da decisão do indivíduo;
6. a construção da realidade de subjetividade que é tecida em diferentes momentos na escola e por ela;
7. o planejamento e a efetivação do projeto político-pedagógico da escola em termos de sua finalidade, considerando os princípios que o sustentam, portanto, a filosofia da educação, e o fundamento, e as demais áreas que articulam.

(GRISPUN,2011. p. 36)

Trata-se, portanto, de consenso entre os teóricos da área que o O.E. deve compreender a função social da escola, na realidade social em que se trabalha. Assis (2012) argumenta que a escola precisa assumir a função de formar cidadãos críticos, inconformados, cientes das injunções políticas em jogo, capazes de identificar suas possibilidades e limitações, aptos a lutar por seus direitos sociais e pelo dos demais, cumprindo suas responsabilidades e deveres. Boa parte desse trabalho, salienta Assis, pode ser alcançada pela mediação do O.E.

Grinspun (2011) ao estudar a Orientação Educacional frente às dimensões filosóficas, políticas, sociais e pedagógicas da escola, aponta que essa instituição é responsável pelo conhecimento acumulado de nossa cultura e sociedade, bem como pela socialização e desenvolvimento das possibilidades dos educandos. A autora salienta que a Orientação Educacional pode ser vista como um espaço de experiências, transformações, trocas, criações e, sobretudo, de aprendizados. Daí a importância de se conhecer a sociedade em que se vive,

pois só assim é possível compreender as funções sociais que se almeja conquistar na e pela escola. E ela pode estar tanto atrelada à reprodução da estrutura social como se abrir à transformação social e política que se impõe. A Orientação Educacional exige um olhar atento ao que há de conflituoso e contraditório na sociedade:

A escola deve ser grande nos seus propósitos, pois grande é sua responsabilidade com seus alunos, (in)formando-os para a leitura crítica e a transformação do mundo vivido. A Escola não contém só os conhecimentos, os saberes, a instrução: ela deve estar preocupada com valores, atitudes e conhecimentos que contribuam com a sociedade inclusiva, solidária e participativa que queremos construir. (GRINSPUN, 2011, p. 182)

Dessa forma, vimos o quanto a Orientação Educacional foi evoluindo e o quanto ela pode auxiliar, como parte e em conjunto com a equipe gestora, na construção do projeto político-pedagógico da escola. Entendo-a como função que dialoga com todos os atores da escola e que, justamente por isso, precisa compreender a cultura organizacional dos funcionários e os perfis de clientela, para que seja possível, por meio da reflexão e do diálogo, promover as transformações que se fazem necessárias nos indivíduos, na escola e na sociedade. Dessa maneira, atuando à luz da função social da escola, que é a de informar e formar os estudantes para a vida, investindo no diálogo e na reflexão acerca do mundo socioeconômico e político, bem como nas esferas mais pessoais de educadores e educandos, é preciso que a Orientação Educacional vá muito além da mediação de conflitos: é imprescindível que ela se faça presente no dia a dia da escola e nas salas de aula, unindo todos numa relação de contínua trocas (re)construções.

4. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Estudar a função social da escola é algo muito importante, principalmente nos dias atuais, em que vivenciamos um aumento exponencial das desigualdades e injustiças; somos enganados por “*Fake News*” que manipulam informações, de modo que a realidade virtual e o marketing digital interferem incessantemente em nossa subjetividade; passamos quase dois anos em isolamento em decorrência da pandemia que privou milhares de crianças e adolescentes de frequentar a escola e, no mês de novembro 2021, foi sancionada, em Santa Catarina, uma lei que permite o “Homeschooling”, modalidade de ensino que defende que crianças e adolescentes, ao invés de frequentarem a escola, sejam educadas em casa, pelos pais. Dessa forma, a fim de investigar a importância social dessa instituição tão valorosa, inicialmente pesquisei o que os teóricos atuais estavam discutindo sobre a função social da escola e, posteriormente, investiguei em maiores detalhes quatro artigos, também atuais, publicados por revistas bem avaliadas.

4.10 que os estudiosos têm falado a respeito da função social da escola

Biesta (2012) problematiza que estamos vivendo numa era da mensuração da educação, buscando verificar sua qualidade e eficiência, por meio de rankings e classificações. No entanto, segundo o autor, há pouca discussão sobre o que constitui uma educação de boa qualidade, de modo que se perde de vista qual é sua finalidade e objetivo, os quais se tornam de difícil compreensão, na medida em que o conceito de aprendizagem se confunde com o de educação, sendo o primeiro um conceito individualista e o segundo implicado em uma perspectiva de relação.

O pesquisador explica que uma boa educação é uma questão composta e aponta três finalidades que devem nortear as reflexões sobre o objetivo e o papel da educação. De fato, ambas cumprem funções diferentes, mas, como mantêm entre si uma relação não dicotômica, na qual uma contém e transforma a outra, ensejam tensões e conflitos. Tais finalidades são as de qualificação, socialização e subjetivação. A qualificação diz respeito a um “fazer algo”, a proporcionar conhecimentos e desenvolver a habilidade para ação. Dessa maneira, ela parece estar ligada aos interesses econômicos. A função de socialização proporciona uma continuidade da tradição e cultura, em aspectos positivos e negativos, o sentimento de pertença a algum grupo/cultura/civilização. Por fim, a função de subjetivação, refere-se à escola como espaço que auxilia no processo de individuação do ser humano.

Young (2007) utiliza-se do conceito de ‘*conhecimento poderoso*’ e acredita que o objetivo da escola deveria ser apresentar e aprofundar esse tipo de conhecimento. O mesmo autor aponta que esse conhecimento poderoso é independente de contexto, permite generalizações e busca a universalidade. Raramente acessado em casa e potencialmente alcançado na escola, via problematizações, perguntas e reflexões, o conhecimento poderoso é, segundo o autor, emancipatório.

Gatti (2013) utiliza-se de uma expressão proposto por Tedesco e também utilizada Libâneo ao abordar que a sociedade atual demanda por uma escola justa, que promova justiça social, ou seja, uma escola que inclui, qualifica, respeita, trabalha com a heterogeneidade e possibilita aprendizagens significativas e eficazes para as novas gerações. Uma escola na qual “*os alunos aprendem de forma significativa e se educam para a vida como cidadãos*” (p.53).

A autora observa que a educação é um direito humano, um bem público, tendo em vista que, a partir dela, as pessoas se conscientizam e podem lutar por seus outros direitos. Dessa forma, a educação é um ato essencialmente político. A pesquisadora aponta que se apropriar de conhecimentos é fundamental nos dias atuais, nos quais esse último se configura como determinante de desigualdades sociais. Dessa forma, para que se tenha uma escola justa, é necessário que se ensine o pensar, o saber, a observar, a relacionar, o interpretar, refletir e criticar conhecimentos e informações. Segundo Gatti, 2013. p. 54

O papel fundamental da escola é, pois, levar os estudantes a apreender/compreender conhecimentos já produzidos, ao mesmo tempo formando-os em valores para a vida humana. Ou seja, desenvolver ações pedagógicas que propiciem aprendizagens efetivas, contribuindo para o desenvolvimento humano-social das crianças e jovens.

A pesquisadora aponta ainda, que as práticas pedagógicas estão no centro do papel social da escola e não devem ser compreendidas como ações simples ou técnicas modeladoras, e sim como ações políticas, que implicam numa análise constante da práxis, que tenham a intenção de instruir e educar, visando a construção de uma civilização mais justa.

Libâneo (2020) também discorre sobre escola socialmente justa, sendo aquela que proporciona o atendimento à diversidade sociocultural e tem como paradigma o ensino direcionado para o bom desenvolvimento humano. O autor mostra-se alguém atento à possibilidade de que as finalidades da escola podem variar de acordo com interesses políticos e econômicos, tendo como base as relações de poder em âmbito internacional e nacional.

Para o autor (2016), a finalidade da escola pública do Brasil tem se voltado mais para políticas educativas de proteção e ao combate à pobreza, sempre associando-as a um currículo instrumental ou resultados imediatistas, pretendendo ajustar a nossa educação às exigências

de mundialização do capital, tendo como base o acolhimento social e o conhecimento de habilidades necessárias ao mercado de trabalho.

Não se trata, portanto, de uma escola voltada para ensinar conhecimentos significativos, contribuir para a promoção e a ampliação dos processos psíquicos superiores, ajudar a compreender e analisar a realidade e desenvolver processos de pensamento. Ao contrário, é uma escola centrada em conhecimentos práticos, em habilidades e maneiras de fazer, visando a empregabilidade precária para os que vivem somente do trabalho. (LIBÂNEO, 2016, p.49.)

O teórico aborda que a finalidade da escola de boa qualidade deve ser a aquisição de saberes produzidos historicamente como: conhecimentos científicos, hábitos culturais, habilidades e atitudes e, por meio deles, desenvolver aspectos mentais, afetivos e morais dos educandos. Esse processo de ensino-aprendizagem deve realizar uma sólida conexão entre conteúdos escolares e conteúdos culturais locais, bem como trazer a dialética do movimento para a realidade, ou seja: pelo aprendizado transformar-se a si próprio e a realidade.

Em resumo, escola de boa qualidade é a que, antes de tudo, por meio dos conteúdos, propicia as condições do desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos, considerando suas características individuais, sociais e culturais e as práticas socioculturais de que vivenciam e participam. (LIBÂNEO, 2016, p.60)

A escola é vista, portanto, como uma das mais importantes instâncias de democratização social e de promoção da inclusão social. Não obstante, é necessário que ela atenda à função básica de promover aprendizagem dos alunos, pois é a partir do conhecimento que se funda o pensamento crítico, a cidadania e as transformações. (LIBÂNEO, 2012)

Trata-se, por um lado, de uma escola que visa a formação cultural e científica, isto é, ao domínio do saber sistematizado, mediante o qual se promove o desenvolvimento de capacidades intelectuais, como condição de assegurar o direito à semelhança, a igualdade. Por outro, é preciso considerar que essa função primordial da escola - a formação cultural e científica - destina-se a sujeitos diferentes, já que a diferença não é uma excepcionalidade da pessoa humana, mas condição concreta do ser humano e das situações educativas. Compreende-se, pois, que não há justiça social sem conhecimento; não há cidadania se os alunos não aprendem. (LIBÂNEO, 2012, p.26)

E, finalmente, retomando aos propósitos de uma escola socialmente justa, Libâneo (2020, p.843) afirma que:

O entendimento de que a finalidade máxima da educação escolar é o desenvolvimento de todas as dimensões do ser humano naquilo que ele tem de universal, cuja realização no ensino implica considerar a diversidade sociocultural dos alunos, enquanto constituinte de uma visão mais ampla das finalidades educativas. Nisso consiste a consumação de propósitos em relação à escola socialmente justa.

É importante pontuar a existência de um Projeto denominado CEPid na PUC-SP, coordenado pela professora Dra. Vera Maria Nigro de Souza Placco, que apresenta como

tema “Os Desafios da escola na atualidade: Qual a escola para o século XXI? - Uma pesquisa com diversos atores, no estado de São Paulo”. Esse projeto, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vem realizando pesquisas na rede pública estadual paulista, sendo que entre agosto/2018 e abril/2019 foi feita uma investigação que utilizou questionário *online*, buscando alcançar a participação de 5.005 educadores: professores (65%), professor coordenador (14%), professores mediadores (1%), diretores (11%), vice-diretores (5%), supervisores (2%), dirigentes de ensino (inferior a 1%) e os outros ‘não se aplicam’. Em andamento há mais de oito anos, esse projeto acolhe um núcleo, cujo objetivo central é discutir a questão das finalidades educativas escolares (FEE), termo esse que tem sido usado como sinônimo de papel social da escola. (PLACCO, BARBOSA, CALLAS, 2021).

No grupo de FEE, discute-se que a educação tem uma função crucial no desenvolvimento dos indivíduos, seja ele psíquico, afetivo, motor, intelectual e moral, sendo uma das formas de democratização da sociedade e de inclusão social (PLACCO, BARBOSA, CALLAS, 2021). Não obstante, não se pode esquecer que, por mais importante que seja essa instituição, ela não pode, sozinha, ser a responsável pelo cuidado de todos os entraves da sociedade. Cabe à escola, sim, discutir esses problemas, ensinar os indivíduos a identificarem criticamente as informações que lhes são apresentadas, perpassando as diversas esferas do social e a partir do ato de refletir e pensar, que é o que nos situa no mundo. (PLACCO, 2020)

No trabalho de Placco, Barbosa e Callas (2021), foi apresentado um quadro norteador, criado pelo grupo de FEE do CEPid, como proposta às finalidades educativas escolares no Brasil, optando-se por categorizar as funções educativas em: essenciais e derivadas. Em relação às essenciais, foram criadas cinco dimensões: desenvolvimento pessoal e emocional, desenvolvimento criativo, desenvolvimento cognitivo, cultura digital e desenvolvimento físico. Já as finalidades derivadas foram divididas em cinco temas centrais: formação do cidadão e formação para a vida em sociedade, formação para o trabalho, formação para o conhecimento científico poderoso historicamente construído, transformação social e acolhimento, como mostra o quadro VI:

PROPOSTA DE UM QUADRO PARA AS FEE NO BRASIL	
Finalidade Educativa Escolar Essencial	Finalidades Educativas Escolares Derivadas
<p>FORMAÇÃO INTEGRAL DO INDIVÍDUO Categoria: Desenvolvimento do Indivíduo (Lenoir, 2016)</p> <p>Dimensão: Desenvolvimento pessoal e emocional Atributos: autoestima, responsabilidade, autonomia e identidade individual.</p> <p>Dimensão: Desenvolvimento criativo. Atributo: pensamento crítico</p> <p>Dimensão: Desenvolvimento cognitivo. Atributos: relação epistemológica com o saber, relação com a realidade, relação com os saberes, relação com as experiências, entre outros.</p> <p>Dimensão: Cultura digital Atributos: cultura digital como linguagem.</p> <p>Dimensão: Desenvolvimento físico. Atributo: relação com o corpo.</p> <p>Atributo geral: Socialização escolar</p>	<p>FORMAÇÃO DO CIDADÃO e FORMAÇÃO PARA A VIDA EM SOCIEDADE Categoria: Desenvolvimento nacional (Lenoir, 2016) Dimensão: Cultura Dimensão: Identidade Coletiva Dimensão: Relação com os outros e com a diferença Dimensão: Cultura digital</p>
	<p>FORMAÇÃO PARA O TRABALHO Dimensão: Considerando a diferença entre formação para o mercado de trabalho e formação para o trabalho, uma vez que essa vincula-se à formação identitária do indivíduo.</p>
	<p>FORMAÇÃO PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO PODEROSO HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO Dimensão: Experiências com aprendizagens significativas, com conhecimento científico historicamente acumulado e construído, que leve em consideração a diversidade que é constituinte da igualdade do ser humano. Dimensão: Cultura digital</p>
	<p>TRANSFORMAÇÃO SOCIAL Dimensão: Autotransformação Dimensão: Como sujeito histórico e social, capaz de intervir em sua realidade.</p>
	<p>ACOLHIMENTO Dimensão: Reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidade.</p>

Fonte: Placco, Barbosa, Callas, 2021.

Os pesquisadores entendem que a escola precisa oferecer o conhecimento poderoso, preparar os estudantes para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania, promover a emancipação e transformação. Dessa forma, trabalhar respeito, valores, atitudes, hábitos relacionados à humanização e à atuação cidadã transformadora, torna-se fundamental. Sobre as FEE, Placco, Barbosa, Callas (2021, p. 21) comentam:

[...] uma escola que se humanize, que promova o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo, com conhecimentos científicos articulados aos conhecimentos locais, que não apenas prepare o aluno para o mercado de trabalho, mas, sim, o prepare para a cidadania e a vida em sociedade.

Callas (2020), autora que também faz parte do grupo de FEE no CEPid, em sua tese de doutorado cita cinco funções escolares, tendo como referência às categorizações de Fiala (2007) e Leonoir (2016): A escola para a vida, a escola para estudar, a escola para a socialização escolar, escola para o mercado de trabalho e a escola para a vida em sociedade.

A **escola para vida** refere-se ao processo de humanização que, por meio das interações sociais que nela ocorrem, levam à individuação do próprio ser, à conquista de autonomia, responsabilidade e ética sobre a sua própria vida e ações. Trabalha-se o desenvolvimento pessoal e social de maneira articulada às questões morais e éticas, imprescindíveis para a vida em sociedade. Já a **escola para estudar** refere-se, idealmente, à escola que ensina o conhecimento poderoso, aquele que possibilita a ampliação e aprofundamento da compreensão da realidade, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a consciência crítica. Porém, a autora observa que, em sua pesquisa, esse tipo de conhecimento manifesta-se de maneira invisível aos estudantes, levando o estudo a ser abordado como algo mecânico e obrigatório, relacionado a conteúdos e disciplinas. O ideal é que os conteúdos se interconectem com aspectos da realidade e da cultura dos educandos e que sejam trabalhados de forma reflexiva, crítica e participativa. Talvez, o termo aqui mencionado ficasse mais completo se fosse nomeado como **escola para conhecer**.

A **escola para socialização escolar** refere-se às aprendizagens resultantes da convivência entre estudantes. Esse é um local onde laços são criados no trabalho em grupos procurando aprender a gerenciar conflitos que emergem de relacionamentos interpessoais. Finalmente, a **escola para o mercado de trabalho** refere-se à capacitação do estudante, do ponto de vista do mercado de trabalho e é vista pelos estudantes como um meio para a ascensão profissional. Finalmente, vem a **escola para vida em sociedade**, que se refere à escola que, por meio da consciência crítica proporcionada pelo conhecimento poderoso, possibilita que o seu estudante seja um transformador da sociedade e atue no mundo como produtor do conhecimento científico poderoso. (CALLAS, 2020)

A autora aponta que as condições essenciais para a escola atual são: o fortalecimento e a formação dos educadores, práticas que possibilitem o processo de humanização, bem como o trabalho com o conhecimento científico poderoso, a compreensão e fortalecimento do estudante como indivíduo histórico e social, a articulação de conhecimentos específicos com a cultura local por meio de atividades socioculturais, a criação de vínculos e o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo.

Para Almeida (2019), utilizando-se do conceito walloniano de meio, a escola é um meio funcional, pois possui uma função específica que é, essencialmente, o de levar ao estudante o conhecimento acumulado pela humanidade. Interpretando o Plano Langevin-Wallon, a teórica aponta que a escola deve trabalhar em duas direções – a coletiva e a individual -, buscando o bem comum e necessidades específicas de cada pessoa. Além disso, ressalta que a escola não deve ser pensada como uma entidade abstrata e sim em sua totalidade e relações.

É o meio escolar, meio no qual crianças e jovens aprendem coisas para conhecer e compreender o mundo nas aulas, nos diálogos com educadores e colegas, que vai apresentar “este é o nosso mundo”. Essas coisas são aprendidas na escola e fora dela, por diferentes perspectivas e visões de mundo, mas a escola tem o compromisso de desenvolver a criticidade dos alunos em relação a essas diferentes visões. (Almeida, 2019, p. 15)

Além disso, ainda tendo como referência o pensamento de Wallon, a escola pode ser o lugar no qual diferentes meios podem ser apresentados aos estudantes, para que eles possam sair de suas bolhas familiares e comunitárias e sonhar com novas possibilidades de meios sociais.

Vários meios podem, então, superpor-se para um mesmo indivíduo e até entrar em conflito. Alguns são vergonhosos, outros vantajosos, alguns são renegados e outros desejados. Assim a existência dos meios reais pode ser duplicada, para criança, por julgamentos de valor ou por aspirações imaginativas, no decorrer das quais ela opõe a situação que desejaria para si e a situação do *outro* ao seu próprio destino. Os meios em que vive e aqueles com os quais sonha são a fôrma que deixa nela sua marca. Não se trata de uma marca recebida passivamente. Com certeza, os meios dos quais a criança depende começam por comandar muitas de suas condutas, e o hábito precede a escolha. Mas a escolha pode se impor, seja para resolver desacordos, seja para comparar seus próprios meios aos outros. (Wallon, 1956, p. 171)

4.2 O que os artigos recentes dizem sobre a função social da escola

O trabalho de Oliari e Rigue (2020) buscou pesquisar como indivíduos, com nível superior em alguma licenciatura, compreendem a função social da escola. Os autores esclarecem que compete à instituição escolar atuar como mediadora entre o mundo e a família. Como resultado de pesquisa, encontraram-se cinco categorias que tratam da função social da escola. 1) Cidadania, 2) Ensino de Conteúdo, 3) Mão de obra e formação para o trabalho, 4) Formação humana e integral, 5) Sem função social. Os autores também indicam que a categoria que teve mais sujeitos respondendo foi a da “cidadania”, e problematizam que ser cidadão tende a estar relacionado a uma lógica de condução de condutas, vinculada à formação de indivíduos dóceis e obedientes à hierarquia social. Desse modo, alertam os

autor(es), que os pesquisadores devem refletir e tomar ações compatíveis, atentando para que a educação não se desconecte do campo educativo e pedagógico e passe a servir, principalmente, a interesses políticos e econômicos, como vem acontecendo na maioria dos casos.

Silva e Ovigli (2020) pesquisaram e mapearam as percepções de adolescentes que cursam o ensino médio acerca da função da escola e do sentido de frequentá-la. Como resultados, obtiveram respostas como as que se seguem: *“escola é o lugar do encontro com o outro, onde as relações acontecem, as amizades, as experiências e os projetos de vida”* (p. 18). Os jovens participantes assinalaram que, por mais que estejam inseridos na escola, não se sentem pertencentes a ela, porque trata-se de uma escola restrita no que diz respeito ao espaço físico escolar, que não atua em parceria com a comunidade e não incentiva sua participação nos processos escolares. Os sujeitos da pesquisa sonham com uma escola que valorize suas histórias individuais, o diálogo aberto e respeitoso entre todos os atores da escola, que atue de maneira participativa, inclusiva, justa, e que transcenda os muros escolares. Uma escola que não tenha medo de mudar de acordo com as necessidades de seus estudantes, que valorize o conhecimento e inclua a comunidade.

Nesse sentido, apresentamos elementos que pudessem colaborar para uma escola que esteja disposta a mudar de postura frente ao encontro com o outro, valorizando-o e, também, a participação, o diálogo e a liberdade de expressão, excluindo qualquer diferença e distanciamento que negue direitos ou adie o enfrentamento desse grande desafio que é hoje o Ensino médio. (SILVA E OVIGLI, 2020, p.20)

As autoras Raab e Barbosa (2019) investigaram a função da escola pública estadual paulista de Educação Básica, de acordo com legislação oficial do estado de São Paulo e do que diziam professores e alunos de uma unidade escolar. Para as pesquisadoras, não se pode deixar de levar em consideração as transformações que a escola tem passado por meio da história e das inferências políticas e econômicas, as quais têm impacto em sua função social. Os resultados indicam esse conflito e contradições entre “Educação X Economia”. Os estudantes respondentes apontaram, inicialmente, para a escola como sendo o lugar de ingresso no mundo do trabalho. Porém, ao aprofundarem essa resposta, os alunos disseram que a função básica da escola era a de ensinar aos alunos. Já os professores, em razão de conflitos que se faziam presentes na escola atual, não conseguiram esclarecer qual seria o papel social da escola. Sendo assim, a pesquisa das autoras mostrou a dificuldade de se reconhecer qual é a função social da escola, seja por parte de alunos, seja por parte dos professores.

Oliveira e Reis (2017) abordam que o homem não nasce sendo homem, ele torna-se homem por meio do trabalho educativo de sentir, agir, pensar e significar, Dessa forma, apontam que a educação é uma dimensão da vida dos indivíduos, dimensão essa que se transforma ao longo da história e não pode ser desvinculada do social, pois contribui para o processo de inserção do homem na sociedade. As autoras indicam também que a educação pode servir como instrumento de mudança ou de manutenção da hegemonia vigente.

A educação escolar, além de ensinar matérias específicas que difundem o conhecimento socialmente construído, atua também nas dimensões da vida social e emocional dos estudantes e deve, segundo as pesquisadoras, por meio da inter-relação entre os diversos conhecimentos, contribuir para transformar as relações sociais, tendo como foco principal, as injustiças. A escola precisaria ir muito além da formação para o mercado de trabalho, constituindo-se em um espaço de atuação crítica na sociedade e de mudança social.

Logo, é preciso acreditar que, embora a escolaridade não garanta um espaço no mercado de trabalho a todos, ela deve e pode garantir o acesso e a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos, (re) significando-os, utilizando-os como instrumentos de conscientização, de inserção crítica na sociedade, como uma garantia de que o aspecto econômico não seja internalizado nos homens como algo superior e predominante ao aspecto social. (OLIVEIRA e REIS, 2017, p. 104)

4.3.Sintetizando as informações

A partir da leitura dos teóricos abordados acima, concluo que a instituição escolar é de fundamental importância para nossa sociedade, tendo em vista as diversas funções que exerce, como a de transmitir o conhecimento historicamente acumulado, auxiliar no processo de socialização e individuação, desenvolver nos estudantes valores, atitudes e habilidades relacionadas ao pensar, relacionar, criticar, refletir, organizar, e, principalmente, de promover a emancipação e transformação da realidade. Para tanto, é necessário que se aprenda a pensar criticamente, algo que só ocorre em razão da conexão com o conhecimento historicamente produzido, o qual, por meio da criticidade, será transformado em “conhecimento poderoso” (Young, 2007). Ser capaz de pensar criticamente é, portanto, conseguir olhar além das aparências; desvelando aquilo que nos aparece na realidade empírica, focando os olhos na totalidade e, fazendo parte de uma unidade, buscar entender os contextos e compreender as mediações que compõem o real.

A escola não deve ser a única agência a cumprir esses papéis, mas ela deve ser, essencialmente, a instituição em que o pensamento crítico vai ser desenvolvido. É importante o termo desenvolvimento, pois ele indica processo, movimento, transformação, da mesma forma que o mundo também se transforma a cada instante e em cada ação humana, sendo

assim, o nosso pensamento crítico não é algo fixo ou estático, deve, pois, estar sempre acompanhado de contato com a diversidade, leituras, visitas a obras de arte, questionamentos.

Freire (1982) também mencionou a importância de se fazer perguntas e de ler. Em seu livro - “A Importância do ato de ler” - o autor comunica que a leitura da palavra antecede a leitura de mundo, de modo que aprender a ler, escrever e conhecer foi o nosso primeiro passo para a conquista do pensamento crítico. Além disso, em outro livro - “Por uma Pedagogia da Pergunta” -, Freire (1985) afirma que a origem do conhecimento está no ato de perguntar e que umas das habilidades que o educador deve ter é saber perguntar, relacionar as questões a temas centrais da sociedade, partindo, inicialmente, da realidade de seus educandos. E, como consequência dessa dialética de compreensão/transformação do conhecimento a partir de perguntas, incentivar que os alunos busquem também fazer isso continuamente, no cotidiano. Perguntar é querer enxergar o que não está nítido na realidade, é desvelar, é, portanto, a essência da criticidade.

Vale frisar que a nossa realidade está cada vez mais complexa, principalmente por questões da tecnologia e da inteligência virtual, razão pela qual olhar além das aparências é cada vez mais desafiador. Vemos, hoje, por meio das redes sociais, do compartilhamento de dados, uma manipulação em massa, capaz de decidir eleições, derrubar democracias e mexer profundamente com a nossa subjetividade. Atualmente, vivemos tempos sombrios na Educação do Brasil e, no entanto, não podemos nos conformar. Mais do que nunca, temos de estar atentos e precisamos continuar nossa luta, com disposição para seguir com o pensamento crítico, sempre procurando estimular essa forma de pensar na escola brasileira.

5. MÉTODO

5.1 *Objetivos e justificativa*

Cabe aqui relembrar três aspectos importantes, a saber: (a) o orientador educacional está banido da rede estadual de ensino e faz-se presente apenas em escolas vinculadas à rede particular e municipal que escolherem contar com ele em suas escolas; (b) a atuação desse profissional possivelmente perdeu a importância que já teve no passado, situação que pode impactar a visão que eles têm acerca de sua relevância para o sistema educacional em que atuam; (c) o problema de pesquisa deste trabalho é identificar e compreender a visão do Orientador Educacional (O.E.) acerca do papel social da escola.

5.2 *Pressupostos teóricos-metodológicos*

Adotou-se, no estudo aqui proposto a abordagem de pesquisa qualitativa, visto que pretendo compreender um fenômeno específico e suas múltiplas significações para as pessoas. Refiro-me ao conceito de “fenômeno”, porque essa palavra vem, etimologicamente, da expressão grega “*fainomenon*” que, por sua vez, vem do verbo “*fainestai*”, cuja tradução é “mostrar-se a si mesmo”, aquilo que se pode tornar evidente ou aparente. Fenômenos são, portanto, aquilo que está à luz do dia ou que pode ser trazido à luz e, nesse sentido se afastam da realidade objetiva, ou de dados empíricos disponíveis, sempre observáveis e mensuráveis. (MARTINS e BICUDO, 1989). O motivo por optar pela abordagem qualitativa deve-se, sobretudo, por ela se preocupar essencialmente com aspectos relativos à qualidade do fenômeno e com seu significado.

Não tenho a pretensão de, com esse estudo, alcançar princípios, nem leis, e, menos ainda, generalizações: minha meta é simplesmente entender o problema de pesquisa e seu contexto, ciente de que fenômenos e contextos são mutuamente constitutivos e transformados. Da mesma forma, não creio que esse possa ser um estudo neutro, sem vieses ou tomada de posições, pois considero que somos parte de uma cultura e que nela construímos nossos próprios modos de sentir, agir e pensar, os quais são ora mais singulares, ora menos.

Além disso, entendo que nós somos o nosso principal instrumento de investigação, já que em tudo deixamos marcas: selecionamos o que queremos conhecer, como iremos conhecê-lo e como iremos analisá-lo, de modo que tudo isso está carregado de escolhas pessoais. Ademais, interessa-me muito em compreender como pessoas, que têm uma experiência semelhante a minha, constroem significados distintos para o fenômeno que pretendo desvendar.

5.3 Participantes

Os participantes foram selecionados de acordo com a rede colaborativa da presente pesquisadora e foram três orientadores educacionais que atuavam prioritariamente junto ao Ensino médio, mas que poderiam também atuar em outros segmentos da escola, como no Fundamental II, I e Ensino infantil . Os participantes deveriam atuar como orientador(a) educacional por pelo menos 5 anos em escolas da cidade de São Paulo e estar inserido(a) em um desses cenários: escola de grande porte, que mantêm uma posição de prestígio no cenário educacional paulista, com mais de 50 anos de existência; escola que possui material apostilado com diversas filiais pelo estado; e finalmente, escolas confessionais, que sigam alguma religião (católica, protestante, judaica etc.).

Quadro VII: Principais características dos O.Es e de suas escolas

Participantes	Dados sobre os Participantes e as Escolas
Paulo	Atua como O.E há mais de 5 anos, junto ao fundamental II e ensino médio de uma escola confessional com mais de 50 anos de existência e que usa material apostilado.
Lavínia	Atua como O.E há mais de 5 anos, junto ao ensino médio de uma escola que tem uma posição de prestígio no cenário educacional paulista, com mais de 50 anos de existência.
Mariane	Atua como O.E há mais de 5 anos, junto a todos os segmentos ofertados pela escola confessional (sem viés religioso): educação infantil, ensino fundamental I, II e ensino médio, que existe há mais de 50 anos.

5.4 Instrumentos

Foram selecionados dois instrumentos de coleta de dados: (a) um questionário para caracterizar o perfil dos orientadores educacionais; e (b) a entrevista semiestruturada, a ser conduzida individualmente, com cada participante. Ambos os instrumentos encontram-se disponíveis nos Anexos. No primeiro deles, o questionário, buscou-se saber quem eram os orientadores educacionais e o tipo de escola na qual estavam inseridos(as), sendo as perguntas relacionadas à: gênero, estado civil, número de filhos, escolaridade, trajetória profissional, cargo ocupado, tempo de exercício nesse cargo, valor da mensalidade da escola, número de alunos da instituição, segmentos de atuação e números de alunos que atende. Para o preenchimento do questionário, criei um formulário no *Google Forms*, com perguntas fechadas, o qual deveria ser respondido pelos participantes em suas residências.

Após a tabulação e análise das respostas fornecidas aos questionários, os(as) O.Es. foram convidados(as) a participarem de uma entrevista, com roteiro semiestruturado. Esses encontros ocorreram em formato *online*, por meio do aplicativo *Teams* e foram gravadas nessa mesma plataforma. A forma *online* foi escolhida em razão do momento atual incerto que vive o mundo, em decorrência da pandemia do Coronavírus. O objetivo da entrevista semiestruturada foi o de conhecer, de forma mais aprofundada, os participantes, a fim de compreender como configuravam sua trajetória profissional, atuação como orientador, percepção da função de O.E, os impasses frequentes na atuação da profissão, relação com outros profissionais da escola, relação escola-família e função social da escola, sempre à luz do contexto onde atuavam. As entrevistas foram gravadas mediante anuência das O.E. e transcritas, encontrando-se no Anexo 1, ao final desse trabalho.

Todos os participantes foram contatados por meio da *network* da autora e convidados a participar do estudo, que lhes foi explicado em detalhes. Após terem aceito essa tarefa, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (ver anexo 2), ficando uma cópia desse documento com eles. Os nomes dos O.Es são fictícios, bem como os de suas instituições.

Antes do início do processo de captação de dados oficiais, foi realizado um pré-teste com um Orientador Educacional, estudante do mestrado Formação de Formadores (FORMEP) da PUC-SP, para testar as ferramentas do questionário *Teams* e sua gravação, bem como as perguntas da entrevista semiestruturada. Além disso, realizar essa entrevista prévia teve, também, a intenção de “destravar-me” e fazer com que eu me sentisse mais segura e preparada para a atuação em campo.

5.5 Referencial de análise

Como referencial de análise, realizamos uma análise de conteúdo, método que envolve uma sequência de etapas, para que se se posse organizar, sistematizar e interpretar os dados, como mostra Bardin (2006). Essa autora salienta que três são as etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados para fins de interpretação. A primeira etapa é a que busca organizar e sistematizar os dados, o que requer várias leituras para melhor conhecer o que nos informaram os participantes e, assim, selecionar o que será analisado, agrupando informações que tratam de uma mesma questão, aspecto ou temática. A segunda etapa, exploração do material, envolve identificar as unidades por temas e atribuir-lhes um código (nessa pesquisa, utilizamos cores variadas) para, em seguida, classificar e categorizar os achados. Finalmente, a terceira etapa é o momento de dar destaque aos aspectos mais importantes das categorias e analisá-los de forma reflexiva e crítica, à luz do referencial teórico, dos achados da literatura e do contexto de vida dos entrevistados.

Vale mencionar, para finalizar, que o Quadro VIII indica como foi o resultado da organização de dados, em termos de organização de categorias e subcategorias. Espero que esse descrição tenha contribuído para a compreensão do caminho percorrido neste estudo. Nos capítulos seguintes, apresentarei as discussões e conclusões a partir dos dados analisados.

Quadro VIII. Resultado das etapas 1 e 2 do procedimento metodológico adotado, de modo a poder dar início à análise propriamente dita.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Trajetória do O.E	<ul style="list-style-type: none"> ● Formação ● Trajetória ● Experiência passada positiva
Peculiaridades da função de O.E	<ul style="list-style-type: none"> ● Configuração da equipe ● Atuação ● Valor do cargo: retornos, possibilidade de transformação ● Metáforas como compreensão da atuação do O.E
Relacionamentos:	<ul style="list-style-type: none"> ● Espaço de trocas ● Alunos ● Professores ● Diretores ● Coordenadores ● Funcionários ● Famílias

Dificuldades encontradas no cotidiano Escolar	<ul style="list-style-type: none"> ● Lidar com burocracia e questões operacionais ● Excessiva demanda de trabalho ● Ser a linha de frente nas ocorrências do ambiente escolar ● Superar as dificuldades das relação interpessoais ● Manejar as dificuldades da Pandemia
Especificidades de cada escola	<ul style="list-style-type: none"> ● Tipo de escola ● Participação do P.P.P, regimento ou manual do aluno
Papel social da escola	<ul style="list-style-type: none"> ● Transmissão de conteúdos acumulados historicamente ● Preparar para Cidadania ● Articulação do conhecimento com o mundo ● Transformação do mundo ● Ensino de valores ● Formação integral da pessoa ● Possibilitar a convivência
Contribuição do O.E para a função social da escola	<ul style="list-style-type: none"> ● Contribui para o ato reflexivo ● Trabalha o socioemocional ● Mediação das relações e favorecimento do clima escolar. ● Sustentação e confiabilidade das famílias na escola ● Trabalhar em parceria e consonância com a Coordenação Pedagógica

6. ANÁLISE

Antes de iniciar a análise e discussão das categorias encontradas, considero importante esclarecer as particularidades das escolas nas quais os participantes da presente pesquisa estão inseridos, já que elas proporcionam experiências distintas na atuação do Orientador Educacional. É claro que cada cultura possui suas próprias especificidades, mas ao se tratar de uma função (O.E) que não é claramente definida, inexistindo uma norma a ser seguida (não há, atualmente, na legislação federal nem obrigatoriedade e nem a regulamentação do que deve fazer um O.E), as condições de trabalho e atribuições ficam a critério de cada escola. Sendo assim, pude analisar desde um O.E que atua com as particularidades de um segmento, o 3º ano do ensino médio, como o de outro, que trabalha com o ciclo completo (educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio) e ainda outro, que trabalha com adolescentes (fundamental II e ensino médio).

Mesmo com as diferenças existentes nas escolas e da definição de cada uma delas quanto ao que cabe ao orientador educacional, essa pesquisa foi bastante enriquecedora, na medida em que encontrei pontos comuns e distintos no relato de seus participantes. Houve um diálogo entre eles e deles com as teorias estudadas nos capítulos anteriores. Dessa forma, para facilitar a comunicação e tendo como procedimento para compreender os dados a análise de conteúdo, foram estabelecidas sete categorias principais, que se encontram dispostas no quadro IX abaixo, das quais irei explorar com maior profundidade as grifadas em amarelo, a saber: “A função de O.E “, O papel social da escola, na visão do O.E” e “Contribuições do O.E para o cumprimento da função social da escola”.

Quadro IX. Categorias de análise formadas a partir das falas dos participantes

Categorias de análise
Trajetória do O.E
A função de O.E
Relacionamentos do O.E
Dificuldades que o O.E encontra no cotidiano escolar

Especificidade de cada escola.
O papel social da escola na visão do O.E
Contribuições do O.E para a função social da escola

6.1 Trajetória do O.E

A categoria trajetória do O.E foi dividida em três subcategorias: 1) Aspectos relacionados à formação, 2) Caminho percorrido pelo profissional até chegar a função e 3) Experiências passadas, enquanto estudante, no contato com O.E da escola.

No que concerne à **formação** do O.E, foi percebido, em concordância com as demais pesquisas lidas Azevedo (2016), Chagas (2017), Colombini (2019), Meletti (2017), Nascimento (2017), Wouters (2019), Moteiro et al (2021), David (2017), Lenz e Viegas (2021), que há uma precarização do aporte teórico em Orientação Educacional dos profissionais que atuam na área, visto a Orientação Educacional não ser uma formação específica nem clara, de modo que cada participante tinha uma ou duas graduações, em áreas da Educação ou não, como se vê no quadro X, que se segue:

Quadro X. Formação dos participantes	
Participante	Formação a nível de graduação
Paulo	Sistemas de Informação e Pedagogia
Mariana	Pedagogia e Psicologia
Lavínia	Terapia Ocupacional

Ainda, em relação à formação do O.E, notou-se que dois deles eram formados em pedagogia, mas, segundo seus relatos, há uma preferência e, também, uma prevalência do campo da psicologia, indo na contramão do que as autoras Nascimento (2017) e Pinheiro (2019) defendem para o POE (pedagogo orientador educacional) e ao que a legislação estabelece (LDBEN 9394/96), ou seja, na escola pública, o orientador educacional deve ser o pedagogo habilitado em Orientação Educacional, porém, como já visto nos capítulos anteriores, essa habilitação já nem existe mais.

Como os Orientadores Educacionais da presente pesquisa são de escolas particulares, estas não precisam se restringir ao que está previsto em lei, podendo ampliar seu quadro de funcionários e decidir, de acordo com seu regimento, a formação da equipe de Orientação Educacional, Coordenação Pedagógica e ou direção. No caso das escolas particulares de São Paulo, parece haver uma preferência na contratação de Psicólogos para a função do Orientador Educacional.

“Uma amiga minha me falou da vaga aberta aqui na escola e ela falou: -”**Olha é muito difícil contratarem profissionais que não sejam psicólogos ou pedagogos, mas tenta**”.

“Eu, como terapeuta ocupacional, **já estudei bastante, né, as questões psi**”. “E nós, da Orientação Educacional, **a maioria (é de) psicólogos**. Eu sou a única intrusa da terapia ocupacional”.

(Lavínia)

“Eu já sou formada há mais de 20 anos e a minha formação inicial é em pedagogia [...] Essa formação em psicologia vem mediante a minha experiência dentro da escola e as **necessidades de intervenção e uma qualidade melhor nessa intervenção**”.

“É um desafio, sim. Eu adoraria poder, eu brinco lá na escola, nossa, eu **podia ter uma psicóloga para cada, né? Um orientador para cada segmento**. Claro, isso é o dos sonhos”.

“[...] por **ser psicóloga, a gente, não é de uma atuação clínica**, não, de forma alguma. Ela é muito com foco nesse desenvolvimento do aluno dentro da sua, enfim, formação, na relação com os professores, com aqueles conteúdos que ele está tendo”.

(Mariana)

Percebe-se, a partir dos relatos, que a escola particular tem procurado, para exercer a função de orientador educacional, profissionais capacitados para lidar com dinâmicas complexas do cotidiano escolar, que possam compreender o processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos estudantes, além de entender os “assuntos psi”, como as questões relativas à subjetividade de cada um, os relacionamentos interpessoais e os adoecimentos psicológicos, hoje tão presentes em nossa sociedade. Sendo assim, se é compreensível a busca por psicólogos, a participante Mariana, que é pedagoga e psicóloga, esclarece que a busca não é de alguém que venha da psicologia clínica e, sim, um profissional com compreensão da psicologia do desenvolvimento, para auxiliar os docentes no processo de ensino-aprendizagem.

No que diz respeito ao caminho trilhado pelos O.Es, todos pontuam que já atuavam anteriormente com educação, seja na educação inclusiva, seja como docente, seja como funcionário que foi crescendo e ganhando espaço na instituição (da limpeza até virar O.E), o que me leva a interpretar que, para ser O.E atualmente, é necessária alguma experiência

prévia com Educação, mas não necessariamente uma formação específica. Essa situação, por sua vez, tende a criar diferentes tipos de Orientação Educacional, de modo que falta uma base comum, como, por exemplo, a FENOE ou a Associação de Orientadores Educacionais do estado de São Paulo, que lutaram, na década de 70, em prol da definição da função dos O.Es na escola.

Ainda em relação à trajetória para tornar-se um O.E, uma das participantes trouxe para a entrevista sua **experiência pessoal** como estudante, que contou com o serviço de Orientação Educacional e foi afetada por ele, sendo que foi marcada de tal forma que até hoje norteia sua atuação enquanto orientadora:

[...] **eu adorava aquele espaço de acolhimento**, eu adorava como estudante. Então, foi a **grande influência mesmo na minha... nesse meu encontro com esse cargo que hoje eu ocupo**. Essa influência vem de uma profissional muito competente que, na minha época de estudante, há alguns anos atrás, mostrou o prazer que ela tinha em ocupar aquele cargo, em quão significativo se torna a presença de uma orientadora educacional dentro da escola, sendo acolhedora, mostrando lados diferentes da escola.

(Mariana)

O psicólogo do desenvolvimento Henry Wallon, ajuda-nos a compreender a importância do outro e do ambiente para a constituição da pessoa e considera a afetividade (capacidade de ser afetado por algo), como força motriz da aprendizagem e da transformação humana. Essa condição de ser afetado pelo mundo faz-se presente tanto no ato motor como na atividade mental, sendo que é no entrelaçamento da afetividade, da motricidade e da cognição que se dá a constituição dos valores, interesses e motivações que dirigirão as escolhas durante a vida. (MAHONEY, 2010)

6.2 A função do O.E

A categoria “A função do O.E” foi onde se concentrou o maior número de informações, de modo que ela foi dividida em quatro subcategorias: 1) Configuração da equipe, 2) Atuação do O.E, 3) Valor da função e 4) Metáforas para compreender a atuação do O.E. A primeira subcategoria, **“configuração da equipe”**, possibilitou compreender os diferentes organogramas administrativos de cada escola, indicando a presente pesquisa que, em suas respectivas instituições, o Orientador Educacional faz parte da equipe gestora e atua em parceria com os Coordenadores Pedagógicos e com os Professores, sendo liderado diretamente por um Diretor.

Sabendo, então, que o Orientador Educacional faz parte da equipe gestora da instituição na qual trabalha, atuando em conjunto com os demais profissionais da escola,

encontramos o tema “**atuação do O.E**”, que explora as atividades realizadas por esse profissional. Num primeiro momento, foi identificado que o Orientador Educacional trabalha mediando muitas das relações sociais da escola, ou seja, nas relações: aluno-aluno, professor-aluno, aluno-família, professor-família, colaborador²-aluno, professor-coordenador, coordenador-família e, ainda oferece, por meio dessa mediação, um espaço de escuta ativa, trocas, reflexão, acolhimento e motivação.

[...]. Então, a nossa **mediação** é muito importante, porque a gente entra em contato com o pai, incentiva o pai, trabalha com o professor e a gente consegue ajustar a vida acadêmica do aluno, motivar, também, ao estudo constante.

(Paulo)

A Orientação Educacional tem um **lugar muito potente que é de fazer os alunos, de fato, viverem momentos reflexivos sobre o que acontece no cotidiano da escola**. [...] então, sou sempre eu que vou propor, eu né, a Orientação Educacional, que vai propor discussão assim, desde o intervalo. Aconteceu uma briga no futebol, então a gente que vai parar; então nós vamos parar para discutir isso. O que é que a gente vê dessa cena? O que vocês veem dessa cena? Como a gente trabalha conflito, aqui nessa escola? Então, é a gente, a Orientação Educacional, que está atento para essa circulação mais coletiva mesmo, essa circulação mais social dos alunos, e que dá conta de trabalhar **essa ética das relações**. [...]. Então, **tudo isso que eu acho que é muito caro, assim, que são essas microrrelações** que o professor, às vezes, não dá conta de fazer. [...] O professor não dá conta de parar a aula e discutir relação, mas eu faço essa costura. Sabe assim, é a gente que **vai propor a reflexão (sobre o que aconteceu)**.

(Lavínia)

E o nosso papel é exatamente esse, de **sensibilizar o outro**, né? De ir sensibilizando o outro, para que ele **construa um sentido para as ações** dele, dentro da escola. Não das minhas ações, as ações de cada um. E o nosso trabalho vai muito nesse sentido de **ajudar o outro a perceber como ele está desenvolvendo o próprio trabalho**, né? Não é para ser um repetidor de ações. Pelo contrário!

(Mariana)

A atuação do O.E como figura de apoio e ponte entre aqueles que circulam no espaço escolar foi muito marcante nas entrevistas, ressaltando ser por meio desse cuidado na mediação das pessoas, que o O.E contribui para melhorar o clima escolar e possibilitar uma convivência mais saudável. Sendo assim, o Orientador **atua como uma função complementar de suporte**, que oferece subsídios socioemocionais para que a aprendizagem ocorra.

É... A nossa **atuação é mais assim segundo plano**, né? Quem atua mais é o professor[...]. Mas, o nosso trabalho também é importante, que é o de **dar uma sustentação** para chegar naquele ponto [...], para que o professor possa trabalhar. Então, esse é um papel nosso.

(Paulo)

² Colaborador: São todos os funcionários que compõem uma empresa. No presente trabalho, o termo está sendo utilizado para se referir aos funcionários da escola que não são os professores, coordenadores pedagógicos e diretores.

Acolhendo as famílias, acolhendo os alunos e promovendo ações também preventivas, além de dinâmicas, rodas de conversas, palestras, enfim **várias ações que possibilitam, que possam promover um processo de autoconhecimento e estabelecimento de relações**. Enfim, uma **convivência saudável** dentro da escola.

(Mariana)

[...] então, eu acho que a nossa **atuação, ela é muito, muito socioemocional mesmo**, sabe? A gente dá conta de tentar colocar isso mais dentro das pautas da escola.

(Lavínia)

O O.E também pareceu ser o responsável pelo acompanhamento do rendimento acadêmico dos estudantes, buscando estratégias de aprendizagem e de recuperação da aprendizagem, chamando a família para atuar em parceria com a escola que, na verdade, é com ele (o O.E é o representante da escola). Além disso, a partir das dificuldades que percebe no cotidiano escolar, o orientador pode organizar encontros formativos com famílias e estudantes, desenvolvendo ele mesmo ou chamando algum profissional externo à escola para abordar algum tema específico. Indo de encontro ao trabalho preventivo explorado por Giacaglia e Penteadó (2014), o O.E por vezes, segundo os participantes do presente estudo, também oferecem pautas formativas aos professores, principalmente em assuntos relacionados à psicologia do desenvolvimento e a aspectos emocionais.

O tema **“valor e retorno da função”** diz respeito a como os profissionais entrevistados sentem-se valorizados na própria atuação profissional, observando-se que ser visto como alguém que proporciona ajuda, alguém ao qual as pessoas podem recorrer, promove, nos O.Es, um sentimento de importância e de reconhecimento. Outra valorização advém da possibilidade de verificar as transformações possíveis (no ambiente ou na pessoa), por meio de sua mediação, conforme podemos observar nos seguintes excertos:

[...] o maior retorno que a gente tem, é quando você chega no final do ano ou mesmo durante o bimestre e você vê aquele aluno, que estava totalmente marginalizado [...], você vê que ele **desenvolveu e ele melhorou**, passou de ano **através de várias mãos**, mas que teve a sua mão ali também, conduzindo a situação.

(Paulo)

Eu me entendo como alguém com um **potencial de transformação**. Assim, como a gente consegue atuar muito nas microrrelações e, ao mesmo tempo, no coletivo e no individual, eu consigo tecer ali possibilidades de transformações muito grandes mesmo [...]. Eu acho que eu valorizo meu trabalho nesse ponto, de pode ser alguém que **propõe mesmo a transformação**, que faz a família refletir sobre o papel dela no desenvolvimento desse estudante. Colocá-los para refletir mesmo. Eu acho que o grande valor do meu trabalho é esse.

(Lavínia)

Isso é muito prazeroso, acho que esse é até o maior, o momento que eu tenho de maior satisfação do trabalho: a hora que **eles chegam espontaneamente para conversar, principalmente os adolescentes**

(Mariana)

As autoras Almeida, Placco e Souza (2016), em uma de suas pesquisas da coleção “O Coordenador Pedagógico” investigaram o que faz com que o CP fique no cargo, já que na escola pública ele também exerce as funções do O.E, situação que o sobrecarrega em um contexto permeado de conflitos e incertezas. O motivo mais frequentemente dado foi o reconhecimento de seu trabalho pelos demais atores da escola e pela comunidade, indicando como é poderosa a aprovação do outro como motivação de profissionais:

Uma delas diz respeito ao fato de o profissional, independentemente da atividade que exerce, buscar ser considerado de modo positivo pelos outros de suas relações e a outra reporta a necessidade de cada um em ter seu trabalho valorizado e reconhecido pelas pessoas às quais suas ações se dirigem (Almeida, Placco e Souza, 2016, p. 65)

As pesquisadoras esclarecem que o valor do “reconhecimento”, em uma visão Humanista, que utiliza o conceito de “consideração positiva” e de “consideração positiva de si”, decorre do fato de ser na relação com os outros que a pessoa vem a se valorizar e forma uma imagem positiva de si enquanto pessoa ou profissional. Também neste trabalho, foi possível verificar, por meio das falas dos entrevistados, que o sentido, a satisfação e o valor dado à função de O.E deriva sobretudo da consideração positiva expressas por alunos e suas famílias, por professores e pela equipe gestora da escola, já que elas engendram a consideração positiva de si. Esses dois aspectos salientam a importância das relações sociais para a constituição dos indivíduos:

[...] A necessidade de o indivíduo perceber suas experiências no campo experiencial do outro de forma positiva, de que o outro o aceite como pessoa de valor, separada dos demais, é postulada por ele com a necessidade de consideração positiva. Surge, também, em decorrência, a necessidade de que ele próprio se perceba como pessoa de valor - que denomina necessidade de consideração positiva de si. Ou seja, a valorização de si, a consideração positiva de si, nasce da consideração positiva dos outros em relação ao sujeito, o que permite postular que é no social, nas relações com outras pessoas que a possibilidade de se ver como de valor e reconhecer-se positivamente em relação ao que se é e se faz na profissão torna-se possível. (ALMEIDA, PLACCO E SOUZA, 2016, p. 66)

A quinta e última subcategoria encontrada chamou atenção por ter sido muito presente no relato dos entrevistados Paulo e Lavínia, e refere-se ao **uso de metáforas, para compreender a atuação do O.E**. Isso é, foi possível perceber, no discurso dos participantes, que ao tentarem se expressar sobre seu cotidiano na escola e sobre sua função, os entrevistados recorreram ao uso de metáforas. Lakoff e Johnson (2012), autores do livro “Metáforas da vida Cotidiana”, afirmam que grande parte de nosso processo de pensamento é metafórico e que:

“[...] a metáfora é indiscutivelmente de natureza conceptual, pois é um importante instrumento do nosso aparato cognitivo e é essencial para a nossa compreensão de

mundo, da nossa cultura e de nós mesmos. Ela é tão importante como se “fosse um dos cinco sentidos, como ver ou tocar ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, tão preciosa quanto”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 33)

Sendo assim, de acordo o que iremos expor, essa subcategoria traz um aprofundamento de todas as informações já exploradas na presente categoria, uma vez que o pensamento metafórico é amplo. Cabe notar que ele, embora encoberto, pode desvelar sentidos escondidos em uma dada fala. Lakoff e Johnson (2002) apontam ser possível identificar as metáforas que estruturam nossa forma de sentir, pensar e agir:

As metáforas têm implicações que iluminam e dão coerência a determinados aspectos de nossa experiência. Talvez, uma determinada metáfora seja a única forma de iluminar e de organizar coerentemente esses aspectos de nossa experiência. As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode, assim, ser um guia para ações futuras. Essas ações, é claro, irão adequar-se à metáfora. Isso, por sua vez, reforçará o poder da metáfora de tornar a experiência coerente. Nesse sentido, as metáforas podem ser profecias autossuficientes. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 257)

Almeida (2010) estudou a metáfora como recurso para a compreensão do trabalho do CP e identificou nela dois tipos: Metáforas Integrativas, aquelas que somam ações, possibilitando seu planejamento e enriquecendo sua função e Metáforas não integrativas, que não possibilitam integrar ações, de modo que a possibilidade de as planejar e de organizá-las ficam prejudicadas. Farei uso dessa divisão para compreender as metáforas dos entrevistados, as quais estão indicados no Quadro XI.

Quadro XI: metáforas utilizadas pelos participantes para definir o trabalho do O.E	
Metáforas integrativas	Metáforas não integrativas
[...] a gente faz o elo de aluno com professor, e o dos pais com o professor. (Paulo)	E nós somos muito a linha de frente mesmo , sabe Marina? Então, (como) qualquer coisa que acontece na escola é o educacional, vou tentando pensar uma coisa e a secretaria me liga e diz que a mãe está com dúvida em relação a não sei o que, não sei o que lá. (Lavínia)

<p>[...] eles (alunos) começam a achar que a gente pode ser um elo, sabe? De apoio.</p> <p>[...] eu acho que as famílias se beneficiam muito do nosso trabalho, como possibilidade de ponte.</p> <p>[...] a gente também é o elo central. Então, sempre, quando alguém da manutenção, alguém da limpeza, precisa de ajuda para manejar alguma situação, é a gente que eles recorrem.</p> <p style="text-align: right;">(Lavínia)</p>	<p>Então, a nossa figura é muito centralizadora, pensando que a Coordenação Pedagógica em geral e, também, os professores, ficam menos acessíveis à comunidade escolar. Então, a gente é meio que o front ali, da coisa...</p> <p>(Lavínia)</p> <p>[...]a gente não joga contra [os alunos]: a gente joga a favor, sabe?</p> <p style="text-align: right;">(Lavínia)</p>
<p>A nossa atuação é mais, assim, segundo plano, né.</p> <p style="text-align: right;">(Paulo)</p>	<p>Eu vejo assim: todos percebem o trabalho do orientador; ele é muito importante, porque a gente vive apagando os incêndios.</p> <p style="text-align: right;">(Paulo)</p>
<p>A Orientação Educacional tem um lugar muito potente, que é o de fazer os alunos viverem de fato momentos reflexivos sobre o que acontece no cotidiano da escola.</p> <p style="text-align: right;">(Lavínia)</p>	<p>Você acaba sendo, assim, um... um para-raios, um ponto de confiança naquele sentido.</p> <p style="text-align: right;">(Paulo)</p>
<p>[...] então, eu faço essa costura também dentro de sala de aula, com os professores. Mas, não do ponto de vista pedagógico.</p> <p style="text-align: right;">(Lavínia)</p>	<p>[...]são vários braços, o orientador... Mas, a principal função é dar apoio, é auxiliar o aluno na parte acadêmica.</p> <p style="text-align: right;">(Paulo)</p>

A partir da análise das metáforas não integrativas foi percebido que o O.E ainda é visto como um profissional multitarefa, que não tem suas atribuições bem definidas (“**vários braços**”), que deve estar preparado para atender emergências (“**linha de frente**” “**vive apagando os incêndios**”, “**para raio**”, “**front**”), as quais são, por vezes, graves (**incêndios, guerra**), exigindo dele um estado de constante prontidão. E, isso já se sabe, pode levar, com frequência, a uma atuação imediata e, portanto, pouco refletida. Além disso, podemos perceber que a escola também é vista como um espaço de guerra “**front ali da coisa**” (e, de certo modo, o orientador é o primeiro a receber os ataques), além de um local de disputas (**não joga contra, joga a favor**), no qual ou se perde ou se ganha. Os perigos dessas metáforas é delas levarem à compreensão do O.E como um profissional que não consegue se planejar, razão pela qual atua de maneira improvisada, sem atribuições claras, tornando-se *um*

faz de tudo na instituição. Nessas circunstâncias, não é de se estranhar que sua atuação seja mal vista desde a década de 70, conforme expôs Giacaglia e Penteado (2014). Além disso, temos que levar em conta a saúde desse trabalhador (O.E), que se percebe como alguém que está, cotidianamente, em uma guerra, lidando com fogo e aparando raios.

Já na análise das metáforas integrativas, foi possível considerar que o O.E é visto como parte integrante e importante da equipe, especialmente quando se refere a si mesmo como um “**elo**”. Ora, o elo faz parte de uma corrente e dá força e sustentação aos demais (ALMEIDA, 2010). Na mesma direção vai a palavra “**ponte**”, que também constitui um elemento de ligação, um espaço de sustentação, que liga uma margem a outra. Nesse mesmo sentido, “**fazer a costura**” é relacionar, ligar os pontos, dar significado, não deixar nada solto. A metáfora “**lugar muito potente**” diz de uma atuação poderosa, que tem força, poder transformador. Ao perceber-se como um profissional que trabalha em “**segundo plano**”, inteiramo-nos de que, se o O.E não é o protagonista da escola, como o é o estudante ou professor, ele está lá para dar suporte, auxiliar a escola a cumprir seu papel.

6.3 Relacionamento do O.E

Como vimos na categoria acima, o orientador educacional é visto como elo, ponte, mediador que atua junto aos atores inseridos no espaço escolar. Desse modo, várias subcategorias foram encontradas na categoria principal, denominada de “Relacionamento do O.E”: 1) Espaço de trocas e relacionamentos, 2) Relacionamento com alunos, 3) Relacionamento com professores, 4) Relacionamento com Diretores, 5) Relacionamento com Coordenadores, 6) Relacionamento com funcionários, 7) Relacionamento com famílias.

A subcategoria espaço de trocas e relacionamento sintetiza todos os demais dessa categoria, pois esclarece que o O.E atua mediando às relações dentro da escola e que lhe cabe, portanto, estabelecer uma conduta ética para os relacionamentos. Além disso, por estar inserido nessa relação e em constante interação com todos os que estão na escola, o O.E consegue conhecê-los bem, trocar experiências com cada um e, conhecendo sua realidade, permite que, a partir das partes, se tenha uma visão do todo:

Então é a gente [...] que dá conta de trabalhar essa **ética das relações** mesmo.

(Lavínia)

[...]a **troca como pessoa**, o que eu, como a gente convive, né? Você acaba convivendo com muitas pessoas, **conhecendo muitas histórias e aprendendo muito com cada história**. Então, eu vejo, enfim, que isso não tem preço. Não tem preço mesmo. A riqueza dessas trocas, ela é enorme.

(Mariana)

Na relação com os alunos, percebe-se que o Orientador Educacional é uma figura de apoio, que inspira confiança e atiza a motivação, precisando, por esse motivo, estar atento tanto à individualidade de cada estudante quanto ao coletivo, acolhendo alunos, grupos e turmas em suas necessidades e promovendo espaços reflexivos capazes de engendrar transformações no real. Por também atuar em conjunto com a família, professores e colaboradores do colégio, o O.E está na posição de elo, que une o corpo docente, a gestão, o corpo discente e a comunidade escolar.

Como nós estamos, assim, constantemente perto, eles (os alunos) percebem uma **preocupação sua para com eles**. Então, cria ali um vínculo [...]. *Tem alguém ali que está se preocupando comigo, está me incentivando, está me motivando*. Você acaba sendo, assim, [...] um **ponto de confiança** nesse sentido.

Então, você tem que tentar entender o contexto de cada aluno e o respeitar dentro da sua individualidade. Mas, eu procuro ter um **olhar geral para com todos eles, respeitando as individualidades**.

Mas, aí, a gente faz o elo de aluno com professor, dos pais com o professor

(Paulo)

[...] é de fazer **os alunos de fato viverem momentos reflexivos** sobre o que acontece no cotidiano da escola.

(Lavínia)

No **relacionamento com os docentes**, encontrou-se que essa relação é, na maioria das vezes, harmoniosa, permitindo muitas trocas de experiência e sugestões. Segundo os entrevistados, o O.E oferece suporte aos professores, auxiliando-os na mediação com os alunos, favorecendo um bom clima de sala de aula, entendendo as notas e as causas da indisciplina, permitindo a compreensão de aspectos mais amplos de relacionamentos e, também, dando formação aos docentes sobre assuntos que permeiam o cotidiano escolar e que fogem do domínio de sua disciplina, como é o caso de assuntos relacionados ao desenvolvimento humano, neurodesenvolvimento e habilidades socioemocionais. Mesmo assim, pontos de conflito apareceram, como relatou Lavínia, ao dizer que o O.E, por ser uma figura de suporte, tende a ser visto como “aquele que vai resolver o problema”. No entanto, essa figura mágica não existe, de modo que entre o que se espera e o que se pode efetivamente fazer vai uma distância: é possível refletir em conjunto, dar suporte em decisões difíceis e apoiar quando se faz necessário algumas ações do corpo docente. Nesse sentido, o trabalho do Orientador é mesmo um que fica *em segundo plano*, pois contribui para que os professores consigam dar suas aulas da melhor maneira possível:

A **relação é muito boa** porque, no caso, sempre que tem alguma dificuldade, eu estou resolvendo junto com eles. Então, a gente tem que ter uma harmonia. [...] nós conversamos e entramos num consenso quanto ao melhor modo da gente ajudar aquele aluno. Então, assim, **é um trabalho de parceria**, nesse sentido.

[...]a **nossa atuação é mais assim segundo plano, né?** Quem atua mais é o professor. O **professor é o principal**, ele que está lá, na linha de frente, trabalhando com o aluno. Mas, o **nosso trabalho** também é importante, porque é o **de dar uma sustentação** para chegar naquele ponto

(Paulo)

[...] a gente também faz esse **trânsito com os professores**. Sabe assim, (de pensar) como é que eu consigo acompanhar os professores, com o objetivo de **olhar para o clima de aula**, quais habilidades que estão sendo ali trabalhadas para além do pedagógico? O que do educacional, quais competências socioemocionais, habilidades, o que está ali posto, como eu posso **ajudar esse professor a entender a dinâmica da sala?** Então, eu faço essa **costura também dentro de sala de aula, com os professores**. Às vezes, não só do ponto de vista pedagógico...

[...] (O O.E também) trabalha **pautas formativas**, né? Assim, por exemplo, a gente tem um aluno com transtorno do espectro autista, a gente vai falar sobre ele (com os professores), a gente vai trazer um pouco de conhecimento do que é o transtorno do espectro autista

[...] os professores sentem-se **apoiados**, pensando que eles não precisam lidar com questões difíceis sozinhos.

[...] olha, eu posso te dizer que tem algo da dificuldade com o professor. Eu posso dizer que isso, para mim, é uma dificuldade, porque, muitas vezes, eles entendem que **nós somos alguém que vai resolver o problema deles**.

(Lavínia)

Na **relação com a Direção e Coordenação**, é também observada uma relação de parceria, apoio e trocas. A direção parece dar suporte ao Orientador Educacional, uma vez que, no organograma de todos os entrevistados, o O.E se encontra ela subordinado, de modo que, em casos difíceis, ele pode recorrer à Direção para juntos, pensarem em possíveis soluções para os problemas e, ainda, conforme for a situação, pedirem aporte formativo. Na relação com a coordenação, houve divergências em relação ao organograma: Lavínia não tem, em sua escola, um coordenador pedagógico geral e, sim, coordenadores por área do conhecimento. Já Paulo e Mariana contam com um coordenador por segmento. No primeiro caso, existem trocas, mas parece haver maior parceria com a diretora, já no segundo caso, a atuação é mais integrada, com parceria e trocas constantes no dia a dia, entre O.E e CP.

O papel do orientador educacional dentro de uma escola, em uma **relação construtiva e integrada à equipe de coordenação** existe [...]. Porque existe isso, existem ambientes e, que ela (a parceria) é desintegrada da função da coordenação. Enfim, é (uma atuação) fragmentada e, aí, nisso eu não acredito. Eu acredito num projeto coeso, um projeto efetivo e ele não pode se sobrepor à ação pedagógica. Deve ser sempre (um projeto) equilibrado.

(Mariana)

E eu acho que **um potencial de ajuda é a equipe de direção, né?** A equipe gestora nos ouve e pensa, junto com a gente, possíveis soluções, sabe? De processo formativo, a gente vai lá e diz das nossas necessidades, e eles (os integrantes da equipe gestora) nos falam quais são os limites e quais são as possibilidades [...]

(Lavínia)

No que diz respeito ao **relacionamento com os colaboradores** da escola, podemos perceber que, segundo os O.Es entrevistados, eles são vistos como o profissional que centraliza as informações. Assim são buscados pelos funcionários para ajudá-los em diversas situações e, de maneira geral, mantêm com eles uma relação harmoniosa. No entanto, foram também encontrados, nesse tema, pontos de divergências: Paulo percebe que alguns funcionários desconhecem a atuação do orientador educacional e isso leva à desvalorização desse profissional; Mariana relatou que, dentre todos os funcionários da escola, a maior resistência ao trabalho formativo que desenvolve foi com os inspetores. Meletti (2017), em sua pesquisa, criou, junto com a equipe de O.E da instituição na qual trabalhava, um documento que expunha todas as atribuições do Orientador Educacional e as demandas que lhe eram feitas, para expor à comunidade escolar seu trabalho e torná-lo reconhecido por todos os que nele se envolviam. Segundo a autora, esse documento foi importante para dar visibilidade a função:

[...] a gente também é **o elo central**, então, sempre quando alguém da manutenção, alguém da limpeza, precisa de ajuda para manejar alguma situação, é à gente que eles recorrem. Então, a nossa **figura é muito central**, pensando que a Coordenação Pedagógica em geral – e também os professores– ficam menos acessíveis à comunidade escolar. Então, a **gente é meio que o front ali, das coisas**.

(Lavínia)

[...] é mais, assim, setores que não são ligados muito com a parte pedagógica né? Então, esses setores dificilmente vão nos conhecer: o financeiro não conhece e, não sei, às vezes, algum colaborador da limpeza, **por não ter conhecimento do trabalho e de como que ele funciona, acaba não ... não respeitando**.

(Paulo)

No relacionamento com as famílias, o O.E é o principal mediador, aquele que atende e dá suporte nas muitas inseguranças e atende as suas necessidades. Cabe ao O.E acionar as famílias em caso de intercorrências com os estudantes e é ele quem conhece o estudante e acompanha seu desenvolvimento pedagógico e social, seja na escola ou fora dela. Mas, o O.E não atua sozinho: se ele conhece os estudantes é justamente por dialogar com todos segmentos do colégio, inclusive a família.

Vale aqui esclarecer que o trabalho de Mariana é diferente do dos outros O.Es entrevistados, na relação que estabelece com a família e com os estudantes, pois sua escola conta com tutores (que são professores) nas salas de aula, responsáveis por fazer o atendimento às famílias e aos alunos. A orientadora, nesse caso específico, forma os tutores e oferece supervisão aos atendimentos, participando diretamente apenas em alguns casos mais complexos.

De forma geral, os orientadores apontam que o relacionamento com as famílias é

positivo, ressaltando que, não obstante, envolve conflitos, por tratarem-se de pessoas heterogêneas. Quando a atuação do O.E é requerida em casos difíceis, o relacionamento direto com a família acaba sobrecarregando o orientador, que tem que parar tudo o que está fazendo, para atender à família que precisa de atenção. Paralelamente, Mariana contou que, mesmo com trocas constantes, o fato de a família não estar inserida no cotidiano escolar, faz com que ela acabe não ficando tão próxima quanto seria desejável e Paulo, por sua vez, disse que tem dificuldades com o distanciamento das famílias em relação à formação de seus filhos, razão pela qual acabam por delegar toda a responsabilidade pela educação dos alunos à escola.

Atendo as famílias, então, nessa costura, de entender quem é esse aluno, somos nós os responsáveis por fazer esse trânsito com a família. Então, eu trago a família para perto, tento **entender um pouco desse contexto familiar**, também.

Eu acho que **as famílias se beneficiam muito do nosso trabalho**, com a possibilidade que oferecemos ao atuarmos como ponte delas com a escola, sabe?
(Lavínia)

[...] há falta de entendimento, falta de tempo, também, tem pais que trabalham e, enfim, que **cobram da escola uma postura que não é da escola**, né?

[...] é uma **relação de confiança**, mas há algumas exceções, né? É uma relação de confiança, então a maioria dos pais ligam aqui e não querem falar com ninguém: só com o orientador.

(Paulo)

Colaboram (as famílias) ... colaboram, mas podem colaborar mais? Podem. [...], mas **o nosso trabalho, ele é contínuo**, entendendo que envolve alertar os pais sobre a importância de seu papel na formação do seu filho. É, por isso, que a gente **constantemente tem de trocar com as famílias**. [...], mas, aí, a gente percebe o quanto ainda se precisa alcançar as famílias, porque nem todos estão sensibilizados para isso.

(Mariana)

6.4 Dificuldades encontradas no cotidiano escolar

A partir das entrevistas foi constatado que existem alguns pontos de tensão que dificultam o trabalho do Orientador Educacional, São eles: 1) Dificuldades relacionadas à burocracia e às questões operacionais, 2) Volume de demanda em decorrência da atenção aos microdados, 3) Atuar como linha de frente nas ações, 4) Dificuldade no relacionamento e 5) Dificuldades em relação à pandemia.

No que concerne às **dificuldades relacionadas a questões burocráticas e questões operacionais** foram encontradas divergências entre as orientadoras Mariana e Lavínia. A primeira, que atua com todos os segmentos do colégio, relata não ter nenhum entrave burocrático que dificulte seu trabalho, embora reconheça que eles poderiam existir. Ressalta, no entanto, que pela organização da escola, sua função é a de fortalecer a atuação do outro

(professor, tutor, coordenador e estudante). Já a Orientadora Lavínia, que atua junto ao 3º ano do Ensino médio e cuja escola não dispõe de um CP (apenas coordenadores de área), pontua que seu cotidiano é permeado por entraves burocráticos de registro como, por exemplo, a conferência do sistema de notas, de faltas, de tarefas, atestados e ocorrências, além dos atendimentos dos eventos que se dão no dia-a-dia, situações que dificultam uma ação mais criativa e reflexiva.

[...] **essa administração, essa gestão é muito difícil**, a gente é muito central, né? Você vê que todo mundo, em algum momento, está pautado na gente, então tem **muita demanda burocrática**, tem muita demanda operacional que, às vezes, **me distancia de poder pensar** e elaborar uma pauta formativa bem bacana mesmo, sabe assim, vou fazer formação de professores.... Às **vezes, não tenho tempo de pensar, sabe?** Então, eu acho que o meu maior desafio é poder ser alguém mais criativo, quando a gente está no dia a dia escolar meio enterrado na burocracia.

(Lavínia)

Podemos perceber, pelo relato de Lavínia, a importância de duas figuras, o CP e o O.E, e da atuação de ambos integrada e conjunta. O primeiro teria como foco o pedagógico e todos os problemas dele derivados; já o segundo ficaria encarregado dos aspectos educacionais/sociais. CP e O.E seriam como um par dialético, no qual a função de um contém a do outro, mas ambas não se confundem, mantêm sua especificidade, muito embora a atuação integrada deles enseje também transformações recíprocas.

Foi também apontado, como um aspecto que dificulta o trabalho do Orientador Educacional, o **grande volume de demanda e os microdados** pelos quais o O.E é responsável, pois deve olhar atentamente às partes para ganhar uma visão integrada do todo. Entretanto, com o número de alunos elevado a função do O.E, isso nem sempre é tarefa fácil, pois todos os entrevistados concordam ser difícil lidar com tantas demandas. Mariana salienta a importância do O.E não atuar sozinho, de seu trabalho estar integrado ao da Coordenação Pedagógica, já que as responsabilidades ficam mais bem distribuídas e, inclusive, mais leves:

[...] é uma demanda muito grande e para você ser assertivo o tempo todo não é fácil. **São muitos atendimentos**, são muitos alunos que têm que se acompanhar, **então falta constância, devido à alta demanda**. Vencer essa questão é o grande desafio.

(Paulo)

[...]às vezes, eu não consigo atender toda a demanda, às vezes, **você tem que adiar uma coisa ou outra**, mas não vejo isso como uma sobrecarga. Eu vejo (que a demanda) pode ser bem distribuída, justamente porque é um cargo que é complementar. Eu vejo uma ação complementar, não enxergo assim: essa é a minha atuação, essa é a função do orientador educacional sozinho. Não, não vejo desta forma.

(Mariana)

Outro aspecto que chamou a atenção na análise dos dados das entrevistas e, principalmente, na atuação de Lavínia, foi a questão de o O.E ser **a linha de frente** de todas

as ocorrências, pois como o cotidiano escolar é repleto de casos que envolvem alunos, pais e colaboradores, o planejamento das ações e a reflexão sobre elas ficam prejudicadas. Lenz e Viegas (2021) acreditam que o O.E, por ser o responsável pela mediação de diversas situações sociais, muitas vezes conflitivas, na escola, sua atuação requer dele que fique de prontidão para agir, razão pela qual se vê na posição de “apagar incêndios”, o que acaba por dificultar o cumprimento do planejamento. Essa posição incômoda também foi observada na presente pesquisa, na voz de Lavínia e Paulo.

E nós somos muito a **linha de frente mesmo**, sabe Marina. E, como qualquer coisa que acontece na escola é ligado ao educacional, eu sou acionado: estou tentando pensar uma coisa e a secretaria me liga, dizendo que a mãe X está com dúvida em relação a “não sei o que, não sei o que lá”. Então, eu atendo. Aí, eu desligo o telefone e entra um aluno: - “*Ai, eu posso ir na enfermaria*”? Aí, eu tenho que conferir se a medicação dele está autorizada no sistema.

(Lavínia)

[...]todos percebem que o trabalho do orientador é muito importante, porque a gente vive apagando os incêndios que acontecem nos setores.

(Paulo)

Como o Orientador atua principalmente nas relações mantidas pelos vários atores do colégio, é natural que encontre **dificuldades no manejo desses relacionamentos**. Isso se faz particularmente presente junto ao professor, justamente porque ele considera, muitas vezes, que o O.E irá resolver seu problema com alguém e os quer delegar sem se implicar na situação, refletir em conjunto e tentar chegar a uma solução boa para todos. Com os colaboradores e em relação às famílias, as dificuldades aparecem quando não se procura compreender as intervenções de cunho socioemocional realizadas. Entraves com às famílias surgem sempre que elas não se mostram dispostas a colaborar com a escola para que ambas possam assegurar a formação dos estudantes, delegando-a exclusivamente ao O.E. Finalmente, existem problemas que ocorrem em decorrência de ruídos na comunicação, que acabam por levar a interpretações distorcidas de alguma fala ou intervenção.

Outra subcategoria que apareceu nos relatos foi a situação da **pandemia**, que aumentou as demandas burocráticas, exigindo que se supervisione os protocolos de saúde, tais como ficha médica, casos de adoecimentos, perda de aulas e, também, a presença dos pais nas salas de aula. Para Paulo, a pandemia trouxe mais conflito para seu cotidiano, pois a família delega todo o desenvolvimento dos aspectos pedagógicos e dos pessoais à escola. Vale frisar, que o tema da pandemia não apareceu com muita ênfase na presente pesquisa, mesmo que as entrevistas tenham sido realizadas ainda em cenário pandêmico.

6.5 Especificidades de cada escola

Como mencionado no início deste capítulo, as escolas nas quais os O.Es entrevistados trabalhavam tinham suas especificidades, razão pela qual essa categoria foi dividida em duas subcategorias: 1) tipo de escola e 2) a participação do O.E no P.P.P, regimento ou manual do aluno, sendo que me atentarei apenas a essa última, visto que as especificidades de cada escola já foram exploradas no método.

Foi percebido que os O.Es entrevistados não participam da construção do Projeto Político Pedagógico da escola, nem do regimento, já que eles foram elaborados e redigidos pela junta diretiva superior: mantenedores e diretores, encontrando-se já consolidados há muitos anos. No entanto, o O.E, segundo informaram os entrevistados, participa da construção do que chamaram de “manual do aluno” ou “manual da família”, documentos nos quais são apresentados, aos estudantes e suas famílias, as regras de convivência, os acordos relacionados a horários, intervalos, provas, trabalhos, lições, uso de espaço comum etc. No entanto, Pascoal, Honorato e Albuquerque (2008) salientam a importância do O.E atuar em consonância com o P.P.P, para que não confunda suas funções com as exercidas pelos demais atores da escola e possa agir de acordo com a missão e com os valores daquela comunidade escolar. Do que foi possível apreender, os entrevistados conheciam suas atribuições e os propósitos da escola, mas como a participação no P.P.P. não era possível, esse documento parecia ser visto como algo ao mesmo tempo presente e distante do cotidiano escolar: presente, na medida em que é ele que rege os valores da instituição e, portanto, as suas atribuições; distante por não ser um documento no qual se reconheçam, já que não participaram de sua elaboração e nem o podem alterar, caso sintam essa necessidade.

6.6 Papel social da escola

Nessa categoria, buscou-se identificar e compreender quais eram, na visão dos O.Es entrevistados, o papel social da escola de forma geral e foram encontrados sete temas principais: 1) Transmissão de conteúdos acumulados historicamente, 2) Preparação para Cidadania, 3) Transformação do mundo, 4) Articulação do conhecimento com o mundo, 5) Formação integral da pessoa 6) Ensino de valores e 7) Possibilitar a convivência.

A primeira subcategoria a ser discutida, **“Transmissão de conteúdos acumulados historicamente”**, foi convergente entre todos os entrevistados, sendo o ponto de partida para a reflexão sobre os demais temas refletidos. Com isso, ficou claro que eles compartilham a ideia

de que essa é a função básica dessa instituição, por vezes mercadológica, conforme nos aponta Biesta (2012), entendendo-a como função de qualificação:

[...]esse é o compromisso com a **educação formal** desses alunos, com a questão dos **conteúdos programáticos**[...].

(Lavínia)

[...] eu vejo a escola e é óbvio que ela tem o **objetivo específico de oferecer uma formação de conteúdo**, acadêmica mesmo.

(Mariana)

Primeiro, é **se ater à área acadêmica**, que é o **nosso negócio**: a educação

(Paulo)

A educação parece ser entendida por Paulo como um “negócio” e, tendo em vista o cenário no qual ele se insere (uma escola da rede particular), foi possível analisar, em consonância com a própria experiência da pesquisadora, que essa instituição pode também ser compreendida como um empreendimento comercial (empresa), que deve gerar lucro. Para tanto, é preciso que alcance bons resultados acadêmicos, pois é isso que mantém sua clientela. Segundo Menezes (2010), o capitalismo vem se interessando cada vez mais pela escola e pela formação de novos indivíduos que possam consumir o saber escolar, transformado em mercadoria a ser avaliada por meio de rankings e provas. Nesse sentido, a existência de desigualdades não só é central como é essencial incentivá-la para que mais e mais famílias busquem “boas” escolas para seus filhos “terem sucesso na vida” profissional.

Paralelamente, outro aspecto que aparece no relato de dois orientadores foi à questão da **formação para cidadania**, possibilitado aos estudantes um olhar para si e para o mundo e na compreensão do tipo de cidadão que gostariam de ser, a afim de que consigam se inserir na sociedade e trazerem-lhe um acréscimo. Esse aspecto está ligado a outro, que é o da **transformação de mundo**, já que é a formação de cidadãos bem informados sobre seu entorno, bem como conscientes, reflexivos e críticos que leva a mudanças na realidade social.

Grinspun (2011) menciona que um dos pilares do processo educativo e do trabalho do O.E deve ser “a responsabilidade do processo educacional na formação da cidadania, pois cabe-lhe valorizar o saber pensar, o saber criar, o saber agir e o saber falar na prática pedagógica (GRISPUN, 2011, p. 36). Libâneo (2012) e Placco, Barbosa e Callas (2021) expõem que é a partir de conhecimentos poderosos que se funda a cidadania. Dessa forma, uma escola realmente humanizadora, que promove a transformação de seus alunos e o desenvolvimento de seu pensamento crítico, tem um papel que vai, portanto, muito além de apenas preparar os estudantes para o mercado de trabalho. A escola forma para a vida em sociedade.

[...] é pensando em que cidadão eu quero ser, que **transformações eu quero prover aí, no mundo que as coisas mudam**, de modo que eu acho que essa tem que ser uma preocupação a ser facilitada pela escola. E esses aprendizados podem ser possibilidades de transformação.

(Lavínia)

[...]A gente transformar o aluno, para que ele **possa ser inserido na sociedade e trazer um acréscimo à sociedade**, seja através do ensinamento de valores e, também, dos acadêmicos.

(Paulo)

Ainda relacionado às subcategorias “**transformação de mundo**” e “**conhecimento adquiridos pela humanidade**” está a subcategoria “**articulação do conhecimento com o mundo**”, que diz respeito ao conhecimento que possibilita um olhar para si, para o mundo e produz uma mudança, uma transformação na maneira de pensar, sentir e agir no real. Podemos pensar que isso é a aquisição do Conhecimento Poderoso, proposto por Young (2007):

(É importante pensar em) que cidadão eu quero ser, a partir de tudo que eu sei, da biologia, da física, da geografia, das linguagens e **que mundo que eu quero construir a partir disso**. [...]. Que cidadão eu quero ser, **que transformações que eu quero provocar aí, no mundo**, eu acho que essa precisa ser uma preocupação e algo a ser facilitado pela a escola. **Esses aprendizados podem ser possibilidades de transformação**.

(Lavínia)

(Eu penso na) importância da formação como pessoa, **como você se percebe [...]** o sentido que se atribui à escola, a gente ajuda muito o jovem a refletir sobre isso. Essa é uma etapa da vida de formação da pessoa, e se fala tanto em desenvolvimento integral.... Eu acredito muito nisso.

(Mariana)

A **formação integral da pessoa** apareceu relacionada à articulação de conhecimento do mundo, entendido não com uma simples transmissão de informações e sim com destaque ao autoconhecimento, às conexões das teorias com a cultura e a sociedade. É, a partir desses muitos aprendizados que vêm de dentro e de fora dos alunos, que há a possibilidade de transformação social, porque essa última não se dá se não acontecer antes no próprio indivíduo. Pode-se observar, aqui, a função de subjetivação mencionada por Biesta (2012) e também abordada por Mariana:

Olha, cada vez mais eu entendo que é esse a formação da pessoa que é importante. Óbvio que tem o **objetivo específico de uma formação de conteúdo**, acadêmica, mas a **formação da pessoa tem que ser primordial**. Acho que, hoje, o mundo nos mostra o quanto a escola precisa se redescobrir, né? O sentido da escola mudou, não é mais um ambiente só de formação, como se a melhor escola fosse a que tem uma exigência maior de conteúdos. (Eu penso na) importância da formação como pessoa, **como você se percebe [...]** o sentido que se atribui à escola, a gente ajuda muito o jovem a refletir sobre isso. Essa é uma etapa da vida de formação da pessoa, e se fala tanto em desenvolvimento integral.... Eu acredito muito nisso

(Mariana)

Outro aspecto que foi pontuado em relação ao valor social da escola foi o de **possibilitar a convivência**, pois cabe também à escola, como meio social no qual as crianças e adolescentes vão fazer amigos, aprender a conviver, participar de grupos, regular as emoções, ter contato com diferentes grupos e meios, promover a possibilidade de reconhecer-se como um sujeito que faz parte de uma sociedade, mas que é, ao mesmo tempo, singular e única:

[...] o valor maior para mim da escola (é a possibilidade de conviver) né? Vamos pensar no quanto fomos privados do convívio, quanto as pessoas sofreram, quanto as pessoas, sobretudo os jovens padeceram, né? Enfim os alunos, de uma maneira geral, **sentiram falta dessa interação com o outro, dessa vivência**. Acho que é isso...

(Mariana)

Além desses, outra subcategoria aloca à escola a função de **ensinar valores**. Nesse caso específico, essa questão aparece relacionado a uma escola confessional, que tem, como missão central, o ensinamento de valores religiosos, indo na contramão da escola laica, mas em conformidade com o papel social da religiosa, situação que destaca a particularidade de cada escola. Bicudo (1978) observa que cada instituição persegue objetivos próprios, seguindo a cultura local e organizacional, com o que um de nossos participantes, Paulo, concorda:

Então, primeiro, há o nosso foco na área acadêmica; mas, também, é (preciso) ensinar os alunos a (desenvolver) a parte espiritual, trabalhando valores, como a importância de você respeitar o próximo.

(Paulo)

Nesse sentido, a partir das subcategorias apresentadas, vemos a importância de atentarmos para os vários papéis sociais que a escola exerce e, também, para sua responsabilidade de veicular conteúdos escolares, valores e crenças socialmente valoradas em determinadas culturas. A escola, como mencionado por Bicudo (1978), é um “empreendimento social” ligado às exigências da sociedade e, conforme abordado por Grinspum (2011), atrelada tanto à reprodução da estrutura social como à abertura ao novo, à transformação, nas palavras de André (2010, p.14):

É captando o movimento que configura essa dinâmica de trocas, de relações entre os sujeitos, que por sua vez reflete os valores, símbolos e significados oriundos das diferentes instâncias socializadoras, que se pode visualizar melhor como a escola participa do processo de socialização dos sujeitos que são, ao mesmo tempo, determinados e determinantes. Todo esse processo se materializa no cotidiano, quando o indivíduo se coloca na dinâmica de criação e recriação do mundo.

Além disso, foi também observado, a partir dos relatos dos O.Es, falas que estão em

consonância com o que nos alertou Libâneo (2016, 2020), ao mencionar que as finalidades da escola podem variar de acordo com cada cultura e, também, com exigências de mercado. Salienta o mesmo autor que uma escola de boa qualidade, além promover a aquisição de saberes historicamente acumulados, deve fazer a conexão entre os conteúdos escolares e a realidade dos educandos, de modo a promover uma mudança em seus modos de pensar, agir, sentir e refletir, para que a partir da transformação de si, eles possam transformar o mundo.

Foi igualmente possível realizar uma conexão com a tese de Callas (2020), que apresenta diferentes tipos de escolas: a escola para a vida, que diz respeito ao processo de humanização que se dá nas relações sociais que cada indivíduo estabelece, faz-nos pensar na formação integral da pessoa, que almeja o desenvolvimento articulado das funções cognitivas, afetivas e motoras do ser humano. Também a escola para estudar ou, em minhas palavras, escola para conhecer, refere-se ao conhecimento poderoso, aqueles que podem promover a reflexão e a transformação social que nos conta a subcategoria “articulação conhecimento com o mundo”. A escola para a socialização pode ser encontrada na subcategoria “possibilitar a convivência”, que trata da criação de laços ora ligados a relações interpessoais conflitivas e ora a experiências conciliadoras. E, por último, podemos encontrar a escola para a vida em sociedade, na subcategoria “preparação para a cidadania”. É importante ressaltar que a tese de Callas (2020) menciona ainda mais um tipo de escola, a que se volta ao “mercado de trabalho” que, no presente trabalho, não foi encontrado.

6.7 Contribuição do O.E para a função social da escola

Nessa categoria foram formadas cinco subcategorias: 1) Contribuição para o ato reflexivo, 2) Trabalho com socioemocional, 3) Mediação das relações e favorecimento do clima organizacional, 4) Sustentação e confiabilidade das famílias na escola e 5) Trabalho em parceria e consonância com a Coordenação Pedagógica.

A primeira subcategoria menciona que o Orientador Educacional contribui para o papel social da escola por meio da **promoção de espaços reflexivos, que corresponde ao explorado** no capítulo 3, pois aborda o histórico e a transformação da função do Orientador Educacional nas últimas décadas, um profissional que saiu do lugar do ajustamento e do enquadre, para preocupar-se com a transformação social. Grispum (2011) aborda que a O.E, para além do sentido de guiar e orientar, deve conduzir e desenvolver os estudantes para o mundo e, assim, possibilitar a transformação social:

Como adulto, que também já tem uma visão um pouco macro das coisas, posso emprestar, ou melhor, **auxiliar os alunos a se fazerem perguntas**, o tipo de

perguntas que eu quero que eles se façam. Eu acho que a gente vai emprestando, vai dando *inputs* ali, de dúvidas, de questionamentos, de reflexão [...]. Um filme que eu passo ali, uma sugestão de leitura, sabe? **Uma reflexão que eu faço com o aluno no dia a dia vai ajudá-lo a compor a transformação que ele irá passar até sair da escola.**

(Lavínia)

Eu vejo que é fundamental, porque a ação [...], essa ação que é **de refletir sobre as nossas atitudes**, sobre como eu vou **conviver** ou como eu convivo melhor no meio, então acho que é fundamental.

(Mariana)

A subcategoria **trabalho com o socioemocional** vem muito ligado à anterior, na medida em que, com o trabalho das emoções, do autoconhecimento e do conhecimento de temas como empatia, solidariedade, desigualdade, responsabilização, “grupalidade”, coletividade, entre outros, o indivíduo pode, a partir de um olhar que se volta inicialmente para si, expandi-lo à realidade social e refletir sobre o tipo de mundo em que ele gostaria de viver e sobre como suas ações impactam o todo. A Orientação Educacional foi vista como um espaço potente para o trabalho com essas questões socioemocionais. Sendo assim, diria que ela contribui para a função social da escola, auxiliando principalmente nos dois processos abordados por Biesta (2012): socialização e individuação.

[...] acho que a Orientação Educacional, do ponto de vista de **habilidades socioemocionais e desse ser crítico no mundo**, a gente (os O.Es) tem muito potencial (para desenvolver nos alunos).

(Lavínia)

Foi percebido, também, que O.E é visto como facilitador e suporte para que a escola consiga exercer a sua função social. Sendo assim, o tema **mediações das relações e favorecimento do clima escolar para que aprendizagem ocorra**, permite que se compreenda que, por meio da mediação feita nas relações estabelecidas pelos atores da escola, que esse profissional atua, utilizando as mesmas palavras de Seabra e Oliveira (2017), como “*amortizador*” da trama complexa que é a escola. Ainda, ao promover a ação reflexiva, sustentada, formativa, motivadora e mediadora, ele faz com que diversas aprendizagens sejam alcançadas e transformações ocorram no plano individual e social. Trata-se, portanto, de alguém que fica em segundo plano, permitindo que alunos, professores e famílias interajam bem e em conformidade com o pretendido pela escola, desenvolvendo novas posturas e novos pontos de vista.

Então, é mediar sempre essas situações (complexas), tanto com professor que é o primeiro a trabalhar isso com eles (os alunos), como com os alunos e as famílias também. É promovendo situações, é mediando, incentivando, motivando, acolhendo. Então, o meu papel é levar o meu aluno a se sentir bem aqui na escola, para que os professores possam trabalhar com ele da melhor maneira possível. [...] a nossa atuação é mais, assim, segundo plano, né? Quem atua mais é o professor, porque é

ele quem está lá, na linha de frente, trabalhando com o aluno. Mas, o nosso trabalho também é importante, que é o de dar uma sustentação para chegar naquele ponto.

Esse é um trabalho muito importante, para **dar uma sustentação e uma confiabilidade também para família em relação a escola.**

(Paulo)

A subcategoria **oferecer sustentação e confiabilidade das famílias na escola** também está relacionado ao que foi discutido acima, pois tem a ver com o suporte que o O.E oferece às famílias a fim de torná-las próximas, o que envolve acolhê-las e fazer com que acreditem no Projeto Político Pedagógico da instituição. Para que o estudante esteja frequentando uma determinada escola, é necessário que a família escolha a instituição. O responsável por dialogar com a família, para que ela venha a confiar no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.), é o O.E, decorrendo daí a importância, mencionada por Placco (1994) e Grispum (2011), de que ele participe desse Projeto, algo que infelizmente não ocorre no cenário dos entrevistados. Vale mencionar que o termo Regimento é utilizado pelos entrevistados como referência ao P.P.P.

Não, desse (Projeto Político Pedagógico // Regimento), a gente não participa. A gente participa do que é sobre regras de convivência da escola, a gente cria o manual do aluno.

(Lavínia)

Eu não participei dessa formação (do Projeto Político Pedagógico), mas eu vejo um projeto vivo.

(Mariana)

Do manual de família, a gente participa [...] Agora, do regimento em si, não, porque o regimento, por trabalharmos em rede, é a união.... Eu creio que tenha uma reunião entre as pessoas que estão mais na ponta da educação e eles fazem o regimento e, aí, a gente recebe aqui na escola.

(Paulo)

Por último, apresento a subcategoria **Trabalhar em parceria em consonância com o CP**, que indica ser bem-sucedido o O.E que assegura a função social da escola, mediante um trabalho integrado com o dos demais segmentos da escola, especialmente, a Coordenação Pedagógica, que é responsável pelos conteúdos programáticos a serem trabalhados com os estudantes:

O papel do orientador educacional em uma escola depende de uma **relação construtiva e não desintegrada da equipe de coordenação**. É lógico, porque a minha atuação, a atuação do orientador [...], **não pode estar desintegrada**. Porque existe isso, existem ambientes em que ela é não é integrada à função da coordenação, enfim, é fragmentada. Aí, nisso eu não acredito. Eu acredito num projeto coeso, num projeto efetivo e ele não pode se sobrepor à ação pedagógica. Precisa ser sempre equilibrada.

(Mariana)

Almeida (2010) e Placco (1994) observam que o O.E deve atuar sempre em consonância com os demais educadores da escola e ter sua função bem delimitada, não no sentido de compartimentalizar e, sim, para que, com clareza do seu papel, ele possa agir de maneira integrada, somando esforços e caminhando em prol de objetivos comuns. O O.E, o CP e os professores devem fazer parte de um mesmo grupo, como ensina Almeida (2010, p.43), ao falar que o trabalho do Orientador Educacional deve ser “*um trabalho articulador, formador, orientador e transformador*”.

7. CONCLUSÃO

A partir do estudo aqui realizado, foi possível compreender como os orientadores educacionais entrevistados entendem o papel social da escola e, também, como atuam no contexto de suas instituições, esclarecendo a importância e o valor de cada um para que essa função se cumpra. O O.E faz parte da equipe gestora e tem como função principal dar apoio aos estudantes, famílias e professores, bem como oferecer um espaço de mediação e interlocução para todos aqueles inseridos no contexto educacional, sendo percebido como um elo, que faz parte da equipe e oferece a ela ligação e sustentação. Nesse sentido, o Orientador Educacional vê a si mesmo como um agente secundário no processo educativo (não é professor, nem aluno), ao mesmo tempo em que verifica, todos os dias, que seu trabalho e suas intervenções asseguram um melhor clima escolar, facilitam a atuação docente e a valorização do aprendizado dos alunos.

Além da função estruturante observada, foi possível considerar que o O.E se percebe como um agente formador e transformador que, por meio de sua atuação profissional, possibilita à equipe gestora, ao corpo docente e, especialmente aos alunos, novas reflexões e aprendizados necessários ao desenvolvimento do pensamento crítico e à transformação da realidade. Essa posição central do O.E na escola possibilita que descortine as partes e o todo, levando-o a intervenções mais integradas.

E, ao se pensar em um trabalho integrado, ficou explícita a importância da articulação do trabalho do O.E com o do Coordenador Pedagógico. Cabe lembrar que atualmente, na rede pública paulista, não existe a figura do O.E, sendo que suas atribuições são englobadas pelo CP, que fica sobrecarregado e não consegue dar conta de sua função primordial que é a formação de professores (PLACCO, ALMEIDA E SOUZA, 2015). Sendo assim, vemos a importância de repensar-se a introdução do O.E dentro da rede pública, para que, junto com o Coordenador Pedagógico, eles possam, de maneira integrada e não compartimentalizada, perseguir objetivos comuns e atuar de maneira acolhedora, formadora e transformadora.

Outro aspecto importante a ser considerado foi a participação do O.E no Projeto Político Pedagógico da escola, projeto que cuida dos valores compartilhados, do clima escolar, dos aprendizados e dá norte à instituição que se quer ter. Infelizmente, nessa pesquisa, verificou-se que os O.Es não participaram da elaboração desse documento, mas precisavam agir tal como nele se esperava, situação que pode ter lhes forçado, muitas vezes, a atuar em desacordo com os propósitos da educação escolar. Dessa forma, é importante que a equipe gestora e administrativa pensem e (re)pensem, juntas e continuamente, sobre se ele é

mesmo o Projeto Político Pedagógico que se quer ter, e que, em o sendo, que façam todo o possível para o mantê-lo presente, atual e vivo na escola.

Vale considerar que o Projeto Político Pedagógico (P.P.P) da escola explica e justifica seus valores e, nesse sentido, podemos pensar que as funções do O.E são em grande parte estipuladas por esse projeto. Se ele não for bem urdido e generoso, o P.P.P direcionará esse profissional para pelo menos duas atuações contraditórias entre si: o de reproduzir a realidade social, mantendo suas crenças e valores ou o de construir o futuro, promovendo a reflexão e o pensamento crítico, tão essenciais à transformação social. Se a escola particular pretender que seu Projeto Político Pedagógico seja construído apenas pela “alta cúpula” de diretores e mantenedores, estará lidando em prol do hoje contra o amanhã, pois ele é sempre um campo semeado de transformações.

O O.E, diante desse cenário e dependendo dele para sobreviver, está em uma relação totalmente assimétrica diante dos gestores e da mantenedora de sua escola. Para fortalecer-se, precisa que se invista em sua formação profissional nos cursos de pedagogia, licenciaturas e psicologia, além de contar com especializações de boa qualidade. Sua função precisa ser bem definida, para que ele possa se preparar e desempenhar bem suas atribuições, cumprir seus deveres e ocupar com legitimidade seu espaço na instituição escolar. Uma das principais recomendações desse trabalho é a de que novas pesquisas sobre o O.E sejam levadas adiante, fomentando novas discussões, pontos de vista e conhecimento sobre essa atuação profissional.

Retomando ao eixo central da pesquisa – como os O.Es percebem a função social da escola – foi observado que os O.Es sabiam bem que a escola tem o papel de transmitir os conhecimentos socialmente construídos e acumulados ao longo da história. Mas, mais do que isso, entendiam ser seu papel articular a transmissão de conhecimentos, à contemporaneidade, oferecendo sentido ao aprendizado e sem se assustar diante da mudança social. Dessa forma, a função de hominização (socialização e subjetivação) foi explorada, nessa pesquisa, como um importante papel da escola, a ser incentivado pelo O.E. Nesse sentido é seu papel levar os estudantes a constituírem-se como pessoa, na qual a partir da relação com os aprendizados e entre os indivíduos, o estudante passa a se reconhecer como cidadão: pessoa no mundo com responsabilidades sociais. Citando Canário (1998, p. 22):

Aprender, entendido como um processo de hominização, não pode constituir resultado de um processo cumulativo de informação, mas sim de um processo de selecção, organização e interpretação da informação a que cada um está exposto e que, segundo as pessoas e segundo os contextos, pode dar origem a perspectivas muitos diferentes. É a partir desta maneira de ver que se pode sustentar, como o faz Barth (1996, p.25), que aprender significa “atribuir sentido a uma realidade

complexa” e essa construção de sentido é feita a partir da história “cognitiva, afetiva e social” de cada sujeito.

Após ter-me dado conta da complexa teia interpessoal, relacional e contratual em que se encontra o O.E, vi-me na posição de responder as três perguntas que levantei na introdução deste trabalho: a escola é vista como espaço de formação e transformação social? Há, em andamento no cenário educacional atual, expectativas de mudanças quanto ao papel social da escola? O orientador educacional atua de modo a ir ao encontro a função social da escola? Encontro-me agora mais preparada para respondê-las e é o que farei a seguir.

A escola parece ser compreendida pelos O.Es como um espaço de formação tanto acadêmica como pessoal (formação para cidadania); porém, fiquei na dúvida quanto a como eles se posicionaram em face às transformações que sempre estão germinando na sociedade. Muito embora esse tema tenha sido discutido com os participantes, conforme apresentado na análise, entendo que, contraditoriamente, os O.Es não podem acolher e promover a transformação de sua realidade, se esse papel não lhe estiver designado no P.P.P. Se ele discordar do que estipula esse documento, seja porque não participou de sua construção, seja porque ele lhe foi imposto, que legitimidade podem ter eles para incentivar os estudantes a sonharem com outras possibilidades?

Consegui perceber, também, a dificuldade dos participantes para abordarem aspectos negativos inerentes às demandas da função, como se estes não fizessem parte de seus cotidianos. Perguntei-me: poderia esse afastamento do real dever-se à preocupação ou ao medo de perder seu emprego? Entendo que o Orientador Educacional de escola particular precisa ter um duplo compromisso: com a Educação e com os valores e normas da instituição que o emprega, ou seja, aqueles que o P.P.P. adota. Por vezes, ao “vestir a camisa” de sua escola, ele precise escolher entre dois caminhos: seguir aquele que está em compasso com a instituição, mas o afasta do que prevê a função social da escola ou abrir mão de seu emprego, atendo-se à função social da escola ou a seus próprios princípios e valores.

Os relatos dos participantes desta pesquisa foram distintos do que eu faria, com base em minha experiência pessoal na Orientação Educacional. Os participantes não mencionaram, por exemplo, a maneira como as famílias veem a escola particular: aquela que, por ser paga, precisa ensinar bem e assegurar a seus filhos uma aprendizagem de boa qualidade, que se expressa na forma de boas notas nos exames. Mas, se isso não ocorrer, as famílias tendem a pressionar a escola para que satisfaça sua demanda, mesmo que, para isso, seja preciso alterar a proposta pedagógica da instituição, criando, assim, um constrangimento para todos. Daí ser necessário, em próximas investigações, ampliar o escopo dessa pesquisa, investigando mais

O.Es e revisando o questionário empregado, para que se possa acessar o que eles realmente fazem (ou deixam de fazer) e, ainda, suas maiores dificuldades e frustrações. Espero que essas pesquisas venham a ser feitas proximamente e possam aprofundar mais os achados deste estudo.

Respondendo à última pergunta: sim, parece ser claro para os O.Es os três principais papéis da escola: o de formação, socialização e subjetivação, sendo os dois últimos mais explorados atualmente em decorrência da obrigatoriedade estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de se trabalhar as competências socioemocionais. Os que participaram da presente pesquisa conseguiam se perceber como profissionais envolvidos e empenhados em promover a função social da escola, entendendo que, com isso, seu trabalho estaria servindo de suporte para que outros educadores da escola também atuassem em favor desses mesmos objetivos.

Dessa forma, finalizo sustentando a hipótese de que permanecendo o O.E. como um dos membros da equipe gestora e podendo falar e agir também em nome dela, participando da construção e atualização do P.P.P, ele contribuiria mais para a emancipação de seus alunos, uma justa pretensão da escola e da sociedade que, se atingida, receberia reconhecimento de todos. Defendo, portanto, que essa seja uma de nossas bandeiras de luta e, ainda, reivindico para nós, O.Es, melhores condições de formação para cumprirmos nosso papel de educadores e aguardo, com elevadas expectativas, as novas pesquisas que certamente serão feitas nessa área. Finalmente, espero que possamos ser contratados para ocupar nosso posto, nas redes públicas de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. In PLACCO, V. N. de S; ALMEIDA, L.R (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2010.

ALMEIDA, L.R. e PLACCO, V.M.N.de S.; SOUZA, V.L.T. Sentidos da Coordenação Pedagógica: Motivos para a permanência na função. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 42, p. 61-69, 2016

ALMEIDA, L. R. Orientação Educacional e Coordenação Pedagógica no Estado de São Paulo: avanços, recuos, contradições (Parte I). **Psicologia da Educação**, 48. São Paulo, 2019.

ALMEIDA, L. R. A escola, espaço para o conhecimento, convivência e representação do mundo. In **O coordenador pedagógico e questões emergentes na escola**/ Vera Maria Nigro Placco, Laurinda Ramalho de Almeida, (Org). São Paulo: Edicação Loyola, 2019.

ANDRÉ, M. O cotidiano escolar, um campo de estudo. In PLACCO, V. N. de S; ALMEIDA, L.R (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2010.

ASSIS, N. de. Revendo o meu fazer sob uma perspectiva teórico prática. In: **A Prática dos Orientadores Educacionais** / Mirian P. S. Zippin Grispun, (Org.). 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2012.

AZEVEDO, M. M. de. **A Orientação Educacional nas redes de ensino estaduais públicas do Brasil: concursos e funções**. 2016. 629 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Uniersidade de Brasília, Brasília, 2016.

BARDIN, L.**Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977)

BICUDO, M. A. V. **Fundamentos de Orientação Educacional**. São Paulo. Saraiva. 1978.

BIESTA, G. Boa educação na era da mensuração.**Cadernos de pesquisa**. v 42 n 147 p 808 - 825. Set /dez 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9394/96**.

_____. **LEI Nº 9.392**, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

_____. **LEI Nº 5.564**, DE 21 DE DEZEMBRO DE 1968.

_____. **DECRETO No72.846**, DE 26 DE SETEMBRO DE 1973.

CALLAS, D. G. **As finalidades educativas escolares a partir das percepções dos jovens-alunos e os desafios da escola da atualidade**.2020. 233 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

CANÁRIO; R. A escola, o lugar onde os professores aprendem. **Psicologia da Educação**, nº 6. São Paulo, 1998.

CHAGAS, G. S. **O que dizem os Orientadores Educacionais sobre a Orientação Educacional: vida e trabalho**. 2017. 89 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ.2017.

COLACINO, A. F. **A função social da escola**: 2016. 110 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru. 2016

COLOMBINI, F. P. da S. **A prática do orientador educacional e o seu papel no cotidiano escolar na rede pública Municipal de Franca/SP**. 2019. 134 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Análise de Políticas Públicas) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

CORDEIRO, F. de O. **A função social da escola: relação família-instituição e suas tensões na ação compartilhada**. 2018. 258p. Dissertação(Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.2018.

DAVID, R. S. O orientador educacional e a escola: a criação de espaços de participação social e exercício da cidadania. **Revista Labor**, Fortaleza, v.1, n. 18, p.104-117, dezembro, 2017.

ERRA, R. de C.A. **A formação profissional do orientador educacional: um estudo nas escolas municipais de Santos/SP**. 2019. 166 p. Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos. Santos. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 11ª Edição, Cortez editora, 1982.

_____.**Por uma Pedagogia da Pergunta/** Paulo Freire, Antonio Faundez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

GATTI. B., A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, n 50, p 51 -67, Curitiba, 2013.

GIACAGLIA, L. R. A.; PENTEADO, W. M. A. **Orientação Educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumentos.** 6ª ed., São Paulo: Cengage Learning, 2014

GRINSPUN, M. P.S.Z. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAKOFF, G.& JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002.

LENZ, A. J.; VIEGAS, M. F. Um estudo sobre as práticas educativas de mediação de conflitos na Orientação Educacional. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 39 n. 2, abr./jun. 2021.

_____. A mediação de conflitos na educação numa perspectiva dialética e a prática da orientadora educacional. **Revista Online de Política e Gestão Educacional, Araraquara**, v. 23, n. 3, 2019.

LIBANEO, José, C. O dualismo perversidade da escola pública brasileira: Escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e pesquisa**, v 38, p. 13-28, São Paulo. 2012.

_____. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v.46, n.159, p.38-62, jan. /mar. 2016.

_____. Finalidades educativas escolares e escola socialmente justa: a abordagem pedagógica da diversidade social e cultural. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v. 24, n. esp. 1, p. 816-840, ago. Araraquara, 2020

MAHONEY, A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. **A constituição da pessoa nas propostas de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2010.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos.**São Paulo: Educ/Moraes, 1989.

MARTINS, J. L. de C.; STAMM, T. F. T. O papel do Orientador Educacional na visão dos Profissionais da Escola. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. e7410817196, 2021.

MARTINS, W. A. da S. **O cumprimento da função social da escola na visão de alunos do ensino médio.** 2019. 70p. Dissertação (mestrado em Planejamento e Análise de Políticas Públicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Franca. 2019

MEDEIROS, F. V. G. de. **A função social da escola na reforma do Ensino médio: À luz da Biologia.** 2018. 143p. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional). Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2018.

MELETTI, C. M. D. **O trabalho colaborativo como um caminho para transformar a prática: a experiência de um grupo de orientadoras educacionais.** 2017. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MENEZES, I. G. Educação e saber como bens de consumo conspícuo e posicional: notas reflexivas a partir de uma crítica marxiana. **IV Colóquio Internacional educação e Contemporaneidade**, 2010.

MONTEIRO, *et al.* A formação e o trabalho do (a) orientador (a) educacional. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, jan./dez. 2021

NASCIMENTO, I. S. do. **O pedagogo-orientador educacional no acolhimento e acompanhamento de adolescentes em medida socioeducativa.** 2017. 108 p. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NAVARRO JR, R.; NORONHA, M. P.; ROSA, A. K. A empatia e a Orientação Educacional. **Revista Diálogos Acadêmicos**, v. 1, n. 1, Campinas,.2018.

NAWROSKI, A. **Amor à terra:**a função social da escola no meio rural.2017. 346p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.2017

OLIARI, G.; RIGUE, F. M.; STURZA, R. Função Social da Escola: compreensões e multiplicidades.**Dialogia**,n. 35, p 79-92, maio/ago. São Paulo. 2020.

OLIVEIRA, M. D. S. de; REIS, M. D. G. F. de. A. (Re)pensando a função social da escola na atualidade. **Série-Estudos:** Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande, v. 22, n. 44, p.89-106, 2017

PASCOAL.M. HONORATO, E. C. ALBUQUERQUE, F.A. O Orientador Educacional no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, nº 47, 2008

PENTEADO, W.M.A. **Orientação Educacionao:** fundamentos legais. São Paulo: EDICON, 1980.

PEREIRA, A.C.A. **O adolescente em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 2005.

PEREIRA, R. M. da R. P., SANTOS, J. F. dos S., FREITAS, C. R. de F. O papel da Orientação Educacional na articulação em rede: o caso Davi. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, RS, v. 26, n.2, 2021.

PIMENTA, S. G. A Orientação Educacional no Estado de São Paulo. **Revista Faculdade de Educação**, nº18, São Paulo. 1900.

PINHEIRO, Q. S. **Contribuições de trabalhos pedagógicos realizados por pedagogo orientador educacional em contexto de escola: ênfase na formação de professores**. 2017. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, campus Ijuí e Santa Rosa. 2017

PLACCO, V. M. N. **Qual a escola para o século XXI?** Uma pesquisa com diversos atores no estado de São Paulo. Projeto processo número 424141/2016 - 7. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.

PLACCO, V. M. N. de. S; BARBOSA, R.C; CALLAS, D. G. Tecnologias digitais: uma das finalidades educativas escolares ou meio para alcançá-las? **Educativa**, v. 24, p.1-26, Goiânia 2021.

PLACCO, V, ALMEIDA, L, SOUZA, V. Retrato do coordenador pedagógico brasileiro: nuanças das funções articuladoras e transformadoras. In: PLACCO, V.M.N.S; AMEIDA, L.R. **O coordenador pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador**. São Paulo: Loyola, 2015

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação e prática do educador e do orientador: confrontos e questionamentos**. Campinas, SP. Papyrus, 1994.

RAAB, Y. S; BARBOSA, A. Escola para quê? Reflexões sobre a função da escola pública estadual paulista. **Revista Histedbr On-line**, v. 19, mar.Campinas. 2019.

SEABRA, R. C. F.; OLIVEIRA, C. S. L. Adolescentes em atendimento socioeducativo e escolarização: desafios apontados por orientadores educacionais. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, set. /dez. 2017.

SILVA, M. H.; PEREIRA, Antonio S.Orientação Educacional: perspectivas teóricas. **Criar Educação**, Criciúma, v. 10, n. 1, 2021.

SILVA, M. da; OVIGLI, D.F. B.Olhares juvenis para as escolas: gaiolas ou asas?**Revista Pedagógica**, v. 22, 2020.

SOUZA-SILVA; JR., **Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas interdisciplinares**. 2018. 150 p. Tese (doutorado em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: Universidade presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2018

VIVALDI, F. M. de C. **A função social da escola: a implantação de um projeto institucional para a convivência ética**. 2020. 318 p. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2020.

WALLON, H. Os meios, os grupos e a psicogênese da criança (1956). In: Werebe, M.J e Nadel-Brulfert J. **Henri Wallon, Psicologia**. São Paulo: Ática, 1986.

WOUTERS, J. A. D. **O Orientador Educacional e suas contribuições para o ensino e aprendizagem escolar**. 2019. 91p. Dissertação(Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens) - Universidade Franciscana, Santa Maria – RS.2019

WOUTERS, Janete Allassia D.; GALVÃO, Eliane Aparecida dos S. A Orientação Educacional no Brasil e o contexto da rede municipal de ensino de Santa Maria, RS., **Research, Society and Development** [S. l.], v. 8, n. 4, p. e 1784961, 2019.

YOUNG, M. Para que servem as escolas?**Revista educação e sociedade**, v. 28, n 101, dez. 2007.

Sites:

<https://ibict.br/sobre-o-ibict-1> - acessado em 05 de maio de 2021

<https://ibict.br/informacao-para-a-pesquisa> - - acessado em 05 de maio de 2021

ANEXO 1. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Data: 01 de abril de 2022
Sobre o Participante
<ul style="list-style-type: none"> ● Paulo, 44 anos, homem, casado, possui dois filhos. ● Ensino Superior em Sistemas de Informação e Pedagogia. ● Sem mestrado ou doutorado.
Atuação como O.E
<ul style="list-style-type: none"> ● Exerce a função de O.E há 5 anos. ● Atua como O.E do Ensino fundamental II e Médio. ● 750 alunos sob sua supervisão. ● É exclusivamente orientador educacional.
Dados escola
<ul style="list-style-type: none"> ● Escola particular. ● Mais de 30 anos de história. ● Mensalidade de R\$ 1000,00 a 3000,00. ● Escola com até 3000 alunos. ● Possui os segmentos: Ensino fundamental I, II e Médio. ● Faz parte de uma rede de colégios confessionais. ● Possui material apostilado. ● Possui lista de espera para todos os segmentos.

Marina	Ah .. agora está gravando. Você está na escola agora ?
Paulo	Eu tô na escola mas eu separei esse momento para gente conversar.
Marina	Então tá bom. Você conseguiu preencher o questionário ?
Paulo	Preenchi.

Marina	Preencheu? O que você achou ?
Paulo	Tranquilo, poucas perguntas eu esperava que fosse até um pouco mais ... mais longo, mas foi tranquilo.
Marina	Na verdade era só para me situar mesmo. Então, perguntando algumas coisas do questionário. Você está em qual escola ?
Paulo	Colégio *****
Marina	Tá bom. E você enquanto orientador atende quais segmentos ?
Paulo	Fundamental 2 e ensino médio.
Marina	Ah, entendi, então você está nos dois segmentos... E tem só você de orientador ou tem mais orientadores junto com você ?
Paulo	No meu segmento só eu.
Marina	Ok , entendi
Paulo	Agora , nós temos na escola do 2º aninho do fund 1 até o ensino médio. 2º ao 5º ano tem outra coordenação e orientação também.
Marina	Ah , entendi. E o organograma da sua escola é como ? Por exemplo , você responde ao coordenador ou ao diretor? Você faz parte da gestão?
Paulo	Isso , o orientador aqui faz parte da gestão tá ? Eu respondo para a diretora , então nós temos aqui a equipe pedagógica. A equipe pedagógica faz parte coordenação, orientação. É... coordenação e orientação e a diretora. No nosso caso a gente tem vice diretor também , diretor financeiro que é a coisa do administrativo.
Marina	Entendi. Bom, me conta uma coisa, como você chegou a ser orientador educacional? Como você começou atuar nesse cargo? Como foi o processo ?
Paulo	Ah, ok. Eu tô no colégio ***** já há uns 18 anos né , eu entrei trabalhando na limpeza no colégio de Guarulhos né, trabalhei 3 anos , e daí trabalhei mais 4 anos na monitoria e fui dedicando e crescendo né. Aí me formei em sistemas de informação e fui para informática, professor de informática. Aí só que assim, pela minha ligação com a igreja, ser líder de igreja e gostar muito dessas áreas assim teológicas, eu comecei também a me dedicar na área pedagógica, comecei a fazer cursar pedagogia e comecei a lecionar ensino religioso lá no colégio de Cachoerinha. É aí viram em mim atributos para orientação, depois de 3 anos eu fui convidado para trabalhar na orientação e aí eu tô já há uns 5 anos na orientação.

Marina	Ah , já está há 5 anos na orientação ?
Paulo	Sim ... correto.
Marina	E como você percebe a sua atuação na escola enquanto orientador? O que você faz? Quais são suas atribuições?
Paulo	Tá, a principal, são vários braços o orientador... mas a principal função é dar apoio né, é auxiliar o aluno na parte acadêmica. Então, nosso caso, nós acompanhamos a vida acadêmica do aluno e juntamente com a família. Mas aí a gente faz o elo de aluno com professor, dos pais com o professor, então a gente faz sempre ... no meu caso o contato primário dos pais com a escola é através de mim.
Marina	Entendi... e como é esse atendimento primário ? Relacionado a pais novos ou pais do colégio ? Deixa eu entender melhor esse atendimento primário.
Paulo	É assim... tanto os pais novos, claro. Eles ingressam na escola, nós fazemos a prova diagnóstica , explicamos um pouco sobre a lógica da escola. Enfim, fazemos também a questão de acolhimento, explicamos essa parte filosófica da escola também. E os pais que já são veteranos , quando já está em curso as aulas , no caso , o pai ter qualquer dificuldade que ele tenha , ele procura a orientação. Olha: <i>Meu filho perdeu prova ... meu filho fez isso ...</i> e aí, nós encaminhamos para o setor adequado.
Marina	Entendi. Então você meio que faz uma triagem ?
Paulo	Sim, exato.
Marina	Perfeito , tá. E você entra na grade curricular de aula ?
Paulo	É ... no nosso caso específico não, tem associações né , conheço associações que tem. Mas a nossa associação não entra na grade de aulas.
Marina	Entendi. E como você percebe por exemplo que a sua atuação interfere no cotidiano escolar ?
Paulo	Ah , bastante né , porque no caso principalmente do acolhimento. Então tem alunos, assim que tem algumas dificuldades de relacionamento, então o trabalho do orientador é primordial. Tem os alunos que também, assim, têm dificuldade de entregar trabalhos , estudos, então a nossa mediação é muito importante: porque a gente entra em contato com o pai, incentiva o pai , trabalha com o professor e a gente consegue ajustar a vida acadêmica do aluno, motivar também ao estudo constante.

Marina	Então, você olha pro aluno e faz com ele se desenvolva academicamente, por exemplo, entregar trabalho. É esse tipo de acolhimento? Que tipo de acolhimento que você mencionou ?
Paulo	Acolhimento assim, a gente sabe que dentro da escola a parte acadêmica , lógico é a mais importante, mas o relacionamento ele é muito importante também. O aluno que não se relaciona ele não, não consegue avançar. Então tem aluno que é muito... introvertido, muito fechado , ele não consegue fazer amizade, então a orientação também trabalha nesse aspecto para poder ajudá-lo a se relacionar, criar laços de amizades e assim o ambiente da escola fica um ambiente mais agradável e ele consegue se envolver mais na parte acadêmica.
Marina	Entendi , e assim pensando , que estratégias você usa para esse envolvimento social, pelo que você falou, você pode me dar um exemplo ?
Paulo	Posso ... nós temos assim, no meu caso aqui eu motivei através de premiações também. Então , cada aluno veterano que fez amizade, trouxe na minha sala aluno novo eu premiei com chocolate. Aí atividades que nós fazemos, gincanas, que nem, nós fazemos aqui a noite esportiva , nós fazemos somente com uma turma né, aí a turma que melhor tem o desenvolvimento acadêmico nós convidamos para uma noite esportiva aqui na escola. Então a gente vai criando relacionamento entre eles através de algumas ferramentas como essas aí.
Marina	Tá , e como é sua participação nesses eventos? Na gincana , noite esportiva. Qual é a sua participação nisso ?
Paulo	Primordial né, então assim, eu motivo, a gente dá as ideias no administrativo, a gente acompanha, comunicação com os pais, todo envolvimento do aluno o orientador tem que estar no meio. O incentivo, fazer eles virem faz parte da função do orientador. Motivá-los a estar, a participar, a se envolver, esse é meu trabalho.
Marina	Entendi. Me fala, dentro da escola, quem são os atores que mais valorizam o seu trabalho? Assim, as pessoas , pode ser pai, aluno , funcionário , professor , diretor ... quem são as pessoas que mais você percebe, que você sente, que valoriza o seu trabalho?
Paulo	Os alunos. Na verdade assim... eu vejo assim, todos percebem , o trabalho do orientador, ele é muito importante porque a gente vive apagando os incêndios que acontecem nos setores né, então através do meu atendimento eu ajudo secretaria, através do meu atendimento eu ajudo os professores, então, mas com certeza, os alunos são os que a gente recebe mais feedback positivo, junto com os pais claro.
Marina	Aham... E por quê você acha que isso acontece? Por quê você acha que o aluno é aquele que mais você percebe essa valorização ?

Paulo	Como nós estamos assim ... constantemente perto, eles percebem uma preocupação sua para com eles, então cria ali um vínculo, lógico se você fizer o trabalho direitinho. Cria um vínculo com o aluno e ele: <i>nossa tem que alguém ali que está se preocupando comigo , tá me incentivando , tá me motivando</i> . Você acaba sendo assim um... um para raio, um ponto de confiança naquele sentido.
Marina	Entendi. Esse olhar: <i>alguém está olhando para mim?</i>
Paulo	Exatamente , você não tá sozinho né.
Marina	Você consegue ter olhar atencioso para maioria? É difícil sabendo do número de alunos que você tem sobre sua responsabilidade? Como é isso ?
Paulo	Não é fácil. Mas a gente, no meu caso né, específico eu tento olhar geral para todos, mas eles são diferentes né. Então tenho aluno que ele já chega querendo te abraçar, tem aluno que não gosta , ele é mais reservado. Então você tem que tentar entender o contexto de cada aluno e respeitar ele dentro da sua individualidade, mas eu procuro ter um olhar geral para com todos eles respeitando as individualidades.
Marina	Entendi. Agora é hora do intervalo ?
Paulo	É que abriram, deixe eu só fechar a porta aqui que abriram a porta.
Marina	Tá bom.
Paulo	Melhorou um pouco né?
Marina	Melhorou. Essa é a vida da escola. Esse barulho , essa vida.
Paulo	A gente que tá aqui acaba se acostumando.
Marina	Agora ainda nessa questão de valorização, você percebe que, por exemplo, que tem alguém ou algumas pessoas que não valorizam o seu trabalho ?
Paulo	(Pausa mais demorada para para responder) Olha... por experiência a gente sabe que... que sempre tem né, mais assim ... eu , no meu caso assim, eu não me preocupo, porque o importante é eu saber da importância que eu tenho e fazer o meu trabalho. Então isso eu não me preocupo , vai sempre ter dentro do local de trabalho alguns que não valorizam o trabalho do outro. No meu caso eu sei do meu trabalho, do que eu tenho que fazer, da importância que é, não só o meu como dos outros também né, cada um dentro do seu setor , então... mas eu sei que tem.

Marina	E por que você acha que isso aconteceu? Da pessoa não valorizar o seu trabalho?
Paulo	Ah , falta de conhecimento. Um dos pontos né. É que outros também... inveja, enfim vários outros fatores. Mas quando eu não conheço, a dinâmica do outro eu acabo não respeitando... eu acho que é falta, é mais esse sentido. Não conhecer o trabalho do outro faz com que eu minimize a importância.
Marina	Tá , não conhecer ... e assim, quem são esses profissionais que , sei que são pontuais, mais quais cargos ocupam. Quem são essas pessoas que não valorizam ? Família ? Professores ? Diretor ? Coordenador ? Ou tem de todos um pouco ?
Paulo	Não, na verdade assim, é mais assim setores que não são ligados muito com a parte pedagógica né. Então esses setores dificilmente não vão conhecer, mas assim, financeiro não conhece, e o mesmo, não sei as vezes, algum colaborador na limpeza, por não ter conhecimento do trabalho como que funciona acaba não ... não respeitando, mas eu aqui na minha realidade, eu não tenho esse problema.
Marina	Entendi. E você valoriza o seu trabalho ?
Paulo	Demais , eu valorizo.

Marina	E como você se valoriza? O que você faz para valorizar o seu trabalho?
Paulo	É assim, a gente acaba tendo resultados né, quando você tem resultado. Então você vê que há uma valorização, então é... eu como você faz para valorizar .. requerendo respeito pelo trabalho, então lógico a gente trabalha em equipe mas... Como eu trabalho, sei de acordo com o que tem que ser feito, então você vê quando as pessoas respeitam, que está sendo valorizado o seu trabalho né? Então, eu entendo desta forma.
Marina	Tá ... Você mencionou que também uma coisa que te valoriza, talvez seja o que te motiva, é o retorno do trabalho. Que tipo de retorno que você percebe, se tiver algum exemplo para dar também.
Paulo	Tá, olha, o maior retorno que que gente tem, quando você chega no final do ano ou mesmo durante o bimestre, você vê aquele aluno que estava totalmente marginalizado, vamos colocar assim, por não estar conseguindo tirar notas ou ter uma certa dificuldade e você vê que ele desenvolveu, e ele melhorou, passou de ano, através de várias mãos, mas que teve a sua mão ali também conduzindo a situação.

Marina	Entendi. E no seu dia a dia, que você mesmo mencionou que é permeado de conflitos, relações com todos os segmentos, quais são as maiores dificuldades que você encontra?
Paulo	Ah , é a quantidade de alunos. Cada associação tem um modelo né, então assim, eu tenho 700, no meu caso eu tenho 750 alunos, é ... fundamental 2 e ensino médio, e sou eu e a minha auxiliar. Então assim... é uma demanda muito grande né para você ser assertivo o tempo todo não é fácil. São muitos atendimentos, é... então são muitos alunos que tem que acompanhar, então falta constância devido a alta demanda. Esse é o grande desafio.
Marina	Tem mais alguma dificuldade que você nota no seu dia a dia além desse , que também pode ser causa do grande número de alunos sob sua responsabilidade?
Paulo	Não. É assim, agora a gente vê se a pandemia trouxe outros problemas né.. então , enfim mas eu acho que a falta de apoio dos pais também né. Às vezes o pai entende que a escola vai fazer tudo, vai educar e ensinar as questões acadêmicas... E não é verdade. Então os pais acabam sobrecarregando a escola também, então tem uma parte que é nossa, e uma parte que é do pai e, as vezes, que a parte que tá lá acaba não fazendo o trabalho da maneira correta sobrecarrega a gente aqui. E o orientador é o que cuida do aluno então a gente acaba ficando sobrecarregado nesse ponto também.
Marina	Entendi . Mas você acha que as famílias colaboram com a escola ou há dificuldade ?
Paulo	Olha há uma dificuldade. É... eu não posso falar todas, nós temos famílias excelentes, mas há uma dificuldade. Há falta de entendimento , falta de tempo também, tem pais que trabalham e enfim e cobram da escola uma postura que não é da escola né.
Marina	Tipo o que, que eles cobram? O que eles cobram que não caberia?
Paulo	Olha meu filho tirou nota baixa por quê ? Aí eu como escola explico, ele não entregou trabalho, não estudou . Nossa mas ele tá aí na escola e ... então assim acaba passando um problema para gente, mas na verdade aqui na escola ele tá obtendo o pensamento, mas só que quando chega em casa o aluno acaba não se desenvolvendo, não para pra estudar, ele não faz as atividades. E isso aí, eu não to lá dentro da casa né, aí tem que ser dos pais e acaba cobrando e culpando da escola por essa postura que o aluno deveria ter em casa e não tem, então é mais nesse sentido.

Marina	Entendi. E, no geral, entre as famílias você percebe que esta relação é mais harmoniosa ou mais conflituosa ?
Paulo	Você diz escola e família ?
Marina	Isso, como você percebe a relação com a família? A sua relação enquanto orientador né, porque você que tem essa relação com a família? Esse primeiro contato. Como que é? Como que você percebe?
Paulo	Não ... é uma relação de confiança mas há algumas exceções né, mas é uma relação de confiança. Então a maioria dos pais ligam aqui e não querem falar com ninguém só com o orientador. Quero falar com o professor Paulo, pela confiança, essa que gerou. É então assim, é harmoniosa, mas algumas famílias acabam, e na verdade isso é culpa da pandemia, elas acabaram perdendo um pouco essa questão, mas geralmente é uma relação de confiança.
Marina	Entendi . Mas você percebe que, por exemplo, antes da pandemia, eu imagino que tenha sido uma loucura a pandemia , mas antes da pandemia tinha menos conflito entre escola da relação com esses pais?
Paulo	Tinha menos conflito. Menos conflito. Agora os alunos ficaram em casa, num modelo, e quando chega agora no ambiente escolar, os pais que acompanharam ali, continuam acreditando que a escola não está fazendo o papel que deveria, por ter ficado 2 anos no modelo diferente. Então há mais conflito agora do que antes, com certeza.
Marina	E qual papel a escola deveria fazer nessa concepção desses pais, você acha ?
Paulo	(Pausa maior) Olha .. na verdade assim é um excesso de zelo. É um cuidado dos pais que eles querem passar para escola, esse zelo, isso atrapalha o desenvolvimento do aluno no caso a autonomia então.. É um cuidado a mais. Um aluno, por exemplo, tem 10 questões na prova, o pai quer que a gente dê 6 questões na prova porque é muito para o menino escrever, são questões assim que a gente, como escola, tem um padrão, tem que seguir, até para o crescimento do aluno e que por proteção demais dos pais eles acabam né reclamando, criando alguns atritos nesse sentido .
Marina	Entendi. E agora que a gente está retornando da pandemia. Existe alguma intervenção por parte da orientação para reinserção social desses alunos ? Até pedagógica .. enfim

Paulo	É um trabalho, assim conjunto com a Coordenação Pedagógica né, que o professor também tá na realidade diferente né, ele acaba interferindo também no aprendizado dos alunos Mas aí nós temos trabalhado com os professores, na capela, a escola de pais com a família ... Então no caso a orientação constantemente na sala conversando, mediando, para que as coisas vão se ajustando aí ao anterior.
Marina	Essa de escola de pais é o quê ?
Paulo	Escola de pais é um programa que nós fazemos no horário noturno geralmente onde nós trazemos uma palestra direcionada a algum tema para ajudar a família, então ajudando o pai em como lidar com o filho, ajudando os pais a se relacionarem melhor , entendendo que essas mediações aí com a família vai ajudar o contexto escolar também.
Marina	E qual é a frequência desse encontro de pais ?
Paulo	Oh , geralmente nós fazemos é... 4 por ano. 4 ou 3 por ano.
Marina	E ela é geral para toda escola ou é por segmento ?
Paulo	Não, ela é geral para toda escola.
Marina	Tá , entendi. E aí vocês chamam alguém de fora para dar tipo uma palestra, é isso ?
Paulo	Isso , psicólogo , é .. advogado.. alguém que vai falar algo da família , então mais ou menos isso aí.
Marina	Entendi, agora voltando um pouco para as relações socioprofissionais entre vocês. Como que é a sua relação com os profissionais que atuam na escola ?
Paulo	Olha a minha é muito boa. Eu me sinto muito privilegiado e querido por todos aqui. Funcionários, tanto da conservação, monitoria, secretaria, todos e a minha relação perfeita com todos daqui.
Marina	Com os professores como que ela é? O que você colabora? Como que é essa relação com os professores?

Paulo	Ah.. a relação é muito boa porque no caso sempre que tem alguma dificuldade então eu to resolvendo junto com eles então a gente tem que ter uma harmonia... o aluno precisa de entregar um trabalho , eu como orientador eu poderia forçar o professor a receber esse trabalho, então a gente, nós conversamos e entramos num consenso como o melhor modelo para a gente ajudar aquele aluno. É, não deixando ele entregar o trabalho, para ele ter mais responsabilidade? É, deixando ele entregar, dando mais uma oportunidade ? Então assim, é um trabalho de parceria nesse sentido. Tá ? Há situações que a gente tem que mediar um pouquinho mais firme, há situações que a gente tem que mediar cedendo um pouquinho.
Marina	E vocês tem reunião de professores onde vocês conversam sobre os alunos? Como que é essa questão de saber, entender um pouquinho o cenário junto com os professores ?
Paulo	Aí é assim , sempre que necessário né, nós fazemos uma pequena reunião para acertar esses detalhes. Mas nós temos os conselhos de classes que é no mínimo uma vez por bimestre. Então pelo menos 4 vezes no ano a gente se reúne para estar discutindo as situações com os alunos . Claro, quando há um problema um pouco mais é .. mais firme assim, nós marcamos uma reunião e conversamos sobre aquele problema, sobre uma turma, enfim para a gente poder ajudar.
Marina	Tá. E com a coordenação pedagógica? Como é essa relação? Vocês dividem sala? Não dividem sala? Como que é?
Paulo	Nós estamos na mesma, eu e a professora, no meu caso a professora Eliana que é coordenadora e a gente tem uma relação muito boa de parceira mesmo, então eu atendo aluno e ela já acompanha aqui, ela tá atendendo professor no meu caso eu estou acompanhando, então a gente, sempre estamos falando a mesma linguagem né... e dividindo problemas e as resoluções também. Já tive um outro modelo que ficava na mesma sala dos orientadores, no meu caso que são dois na escola, mas esse modelo é .. eu achei o mais completo porque trás pro segmento né, então meu segmento nós estamos na mesma sala e a gente se ajuda bastante.
Marina	Entendi. Na escola que você trabalha tem um projeto político pedagógico que vocês seguem ?
Paulo	(Pausa). Tem, é mais voltado para a coordenação mas tem.
Marina	E nesse projeto político pedagógico possui termos de regulamento, de como, o que a escola preza ...ou quais são as regras da escola , é isso que está escrito no projeto político pedagógico da escola ?

Paulo	Nós temos o nosso regimento escolar né que os pais quando fazem a matrícula eles assinam e recebem pelo menos um resumo ali das coisas, pontos importantes do regimento e nós temos o manual da família. O manual da família vem trabalhando desde questões de avaliações de notas como questões também de direitos e deveres dos alunos.
Marina	Você participou da construção de algum deles ?
Paulo	O manual de família a gente participa né, antes da gente imprimir, nós temos a reunião com a coordenação do campo e ali a gente conversa sobre todos os pontos do manual da família. Agora do regimento em si não porque o regimento, por a gente trabalhar em rede , né então , é a união, eu creio que tenha uma reunião entre as pessoas, assim que estão mais na ponta da educação, e eles fazem o regimento e aí a gente recebe aqui na escola, mas o manual da família que a gente apresenta esse participo .
Marina	Tá , quando você falou que a gente trabalha em rede, significa que tem outras escolas como a sua, tipo franquias da sua ?
Paulo	É... não seria franquias mas a educação **** é em rede. O que é trabalhar em rede? É.. nós temos então várias escolas que são interligadas acredito por associações né, na minha associação aqui nós temos 6 unidades, tenho em outras cidades, tem uma outra associação e tem outras escolas, porém são todas interligadas, se o aluno quiser transferir daqui para a outra é muito simples a transferência. O material é o mesmo, o uniforme é o mesmo , independente do lugar do Brasil que você for estudar.
Marina	Entendi. E aí essas pessoas que estão gerenciando a rede que fazem esse projeto político pedagógico que você diz regimento. Mas o manual da família é algo dessa, da sua escola , particular da sua escola ou é da rede também, esse manual da família ?
Paulo	Não, o manual, ele é particular da associação na qual a escola está inserida. Então a associação, nós temos 6 escolas , então é particular dessas 6 escolas.
Marina	Entendi. E assim, para a construção desse manual você participou da construção desse manual ?
Paulo	Particpei, particpei. A gente participa. Acrescentando itens , tirando itens . É... melhorando termos , a gente é ... temos uma reunião onde nós somos consultados e a gente vai ali se adequando, cada um dentro da sua realidade. A coordenação, a direção, a orientação, secretaria também.

Marina	Entendi. E como você transmite isso para as famílias ? Como que esse manual é entregue para essas famílias?
Paulo	Anteriormente nós imprimíamos né, e dávamos para cada... hoje nós fazemos em forma digital então na reunião de pais quando nós estamos no começo do ano nós assim é Resumimos o manual da família né na mesma explicação ali para os pais de forma sucinta porque são muitos itens né ... e depois nós entregamos para eles de forma digital. Através de e-mail ou WhatsApp no nosso caso
Marina	Entendi. Por e-mail ou WhatsApp. Bom agora indo para uma visão um pouco mais geral assim... qual que para você deveriam ser os objetivos centrais das escolas ? Não dá sua escola, das escolas ?
Paulo	Você não tá falando da minha região aqui, da escola como um todo?
Marina	Isso. Qual você acha que seria o papel da escola ?
Paulo	(Pausa maior) No nosso caso aqui ele se divide em duas partes: primeiro é se ater a área acadêmica que é o nosso negócio, educação. Mas no nosso caso aqui, a educação ****, nós trabalhamos com valores também né, nós somos confessionais. Então nós acreditamos é ... na Bíblia, em Deus, e nós terminamos o nosso bem escolar também com essa filosofia, cristã. Então primeiro o nosso foco de área acadêmica mas também ensinar os alunos da parte espiritual trabalhando valores, a importância de você respeitar o próximo, a importância de você ter autonomia é... enfim , através das lições bíblicas nós trabalhamos isso também, então talvez esses dois pontos são importantes.
Marina	Tá... E na escola como um geral ? Não só dentro da comunidade onde você está inserido , o que você pensa de algo mais geral , qual seria o papel social da escola ?
Paulo	Ah tá ... ah .. o papel geral, a gente transformar o aluno para que ele possa ser inserido na sociedade e trazer um acréscimo para a sociedade. Seja através dos ensinamentos de valores, mas também acadêmicos. Se tornar um advogado, um bom médico e interferir de forma positiva na onde eles estão inseridos. Esse é o nosso papel central. Quando isso acontece a gente fica feliz.
Marina	Entendi. E quando fala assim, um bom advogado, um bom médico, o que você quer dizer com isso?

Paulo	É que faz o trabalho ... relevante , da maneira como se espera, a gente sabe que toda profissão tem aquele que faz de coração, com honestidade, mas tem aquele que faz mais para ganhar dinheiro, então, não basta para os nossos alunos aqui, e eu acredito que a rede como um todo trabalha, é que ele faça com amor , sempre o melhor.
Marina	Entendi , agora pensando nesses objetivos que você mencionou , como você vê o papel do orientador nesses objetivos ?
Paulo	(Pausa) Então é mediar sempre essas situações, tanto com o professor que é o primeiro né ...ali a trabalhar isso com eles, como com os alunos e com as famílias também. É .. promovendo situações , é... mediando , incentivando ... , motivando ... acolhendo , Então o meu papel é que o meu aluno se sinta bem aqui na escola no colégio para que os professor possa trabalhar com ele da melhor maneira possível.
Marina	Aham . Mas, agora pensando nessa questão que você falou sobre a construção de valores ... de transformação social , é .. como você que percebe o orientador atuando com isso ? Ou não atua com isso?
Paulo	Ah .. é a nossa atuação é mais assim segundo plano né.. quem atua mais é o professor. Mas quando eu chamo família, que eu oro com elas, eu entendo a dificuldade dela, eu ajudo então de certa forma estou interferindo também com a família como um todo. Mas o professor é o principal, é ele que está lá na linha de frente trabalhando com o aluno. Mas o nosso trabalho também é importante de dar uma sustentação para chegar naquele ponto, tem famílias que são desestruturadas e a gente tem que moldar essa família para que o professor possa trabalhar, então esse é um papel nosso. Estar orando com eles, ou o aluno tá internado, então a gente vai visitar, a gente faz uma oração ... esse é um trabalho muito importante para dar uma sustentação e uma confiabilidade também para família em relação a escola.
Marina	Entendi. Bom , eu acho que é isso então. Nós realizamos a nossa entrevista. Gostaria de agradecer muito por estar comigo, por ter participado, por ter gastado o seu tempo, sei que é difícil e preciosíssimo, diante da alta demanda que você tem. E aí só queria pedir para assinar o termo de consentimento e depois tirar uma foto para mim, porque eu vou anexar para o comitê de ética.
Paulo	Sem problema, vou assinar e te envio.

Marina	Então tá bom. Muito obrigada por sua participação.
Paulo	Imagina e que Deus te abençoe.
Marina	A você também

Data: 07 de abril de 2022
Sobre a Participante
<ul style="list-style-type: none"> ● Lavínia, 36 anos, mulher, casada, 01 filho. ● Ensino Superior em Terapia Ocupacional. ● Pós Graduação em Educação.
Atuação como O.E
<ul style="list-style-type: none"> ● Exerce a função de O.E há mais de 5 anos. ● Atua como O.E do ensino médio. ● 100 a 200 alunos sob sua supervisão. ● É O.E e professora.
Dados escola
<ul style="list-style-type: none"> ● Escola particular. ● Mais de 30 anos de história. ● Mensalidade de R\$ 3000,00 a 5000,00. ● Escola com até 3.000 alunos. ● Possui os segmento:Infantil, Ensino fundamental I, II e Médio. ● Há lista de espera em todos os segmentos.

Marina	Bom, então vamos começar né?
Lavinia	Vamos!
Marina	A minha pergunta é para entender um pouquinho de você. Como que você chegou a ser Orientadora Educacional desse Colégio? Como que você chegou nesse cargo?

Lavinia	Tá, minha formação inicial, minha graduação, eu sou terapeuta ocupacional e no momento em que eu estava trabalhando com educação inclusiva eu comecei a fazer uma pós graduação em educação, eu tava com a educação infantil né, educação regular, para eu conseguir entender as bases da educação regular, como é que eu trabalho com a educação inclusiva no sentido de tentar promover espaços mais inclusivos mesmo, fui fazer uma pós, e aí nessa pós, uma amiga minha me falou da vaga aberta aqui na escola e ela falou, olha é muito difícil contratarem profissionais que não sejam psicólogos ou pedagogos, mas tenta. E eu fiz o processo seletivo, acho que essa pós que eu tava fazendo me ajudou muito, acho que sem , é por isso que eu falei dela, sem a pós talvez eu não conseguisse entender muito contexto educacional, acho que foi o que me ajudou a aprofundar mesmo na questão educacional, eu fiz o processo seletivo, fui aprovada no processo seletivo para assistente de coordenação. Aqui na escola a gente tem o cargo de Orientação Educacional e Assistente de Orientação. E eu passei para assistente de orientação mas durante o processo de treinamento a Orientadora que estava atuante naquele momento, saiu, se desligou da escola, e eu acabei já, eles acabaram apostando em mim como orientadora educacional e eu já entrei então na escola na área da Orientação Educacional
Marina	E aí tiveram que contratar uma assistente para você?
Lavinia	Sim... Sim... Exatamente, Aí contrataram uma assistente, psicóloga, aí fizemos essa parceria assim, eu como terapeuta ocupacional mas que estudei bastante né, das questões psis e por meio dessa pós aí, que estudava mais a questão da educação mesmo da pedagógica.
Marina	Tá. E aí você e sua assistente trabalham em parceria ?
Lavinia	É , eu já não estou mais no cargo que eu entrei né, eu entrei como orientadora educacional do infantil 4, e ela, minha assistente estava ali comigo, eu engravidei, sai de licença maternidade, quando voltei, eu voltei para o Ensino médio, então hoje eu to no Ensino médio.
Marina	E de qual ano do Ensino médio que você tá?
Lavinia	Terceiro, atualmente terceiro ano.
Marina	E aí você entrou esse ano no segmento ou ano passado você já estava no terceiro também?
Lavinia	Não... Eu entrei no Ensino médio em 2019 e eu fiquei dois anos no 1º ano, um ano no 2º ano e esse ano eu to no 3º.
Marina	Tá.. Ah então esse é o primeiro ano com o Ensino médio?
Lavinia	Não, é o primeiro ano com 3º ano, eu já estava no primeiro do médio, segundo do médio.. e agora estou no 3º ano médio.

Marina	Entendi. E vocês acompanham a salas, assim, por exemplo a cada ano, ou aconteceu de você ir para o terceiro ano? Ou vocês pegam por exemplo, entra no ensino médio, então essa mesma orientadora vai acompanhar ele no 1º, depois no 2º, no terceiro, vai fazendo isso? (rodízio)
Lavinia	Não, foi ao acaso. Inclusive a gente faz o contrário né. Geralmente são orientadores que ficam mais fixos, claro que a gente transita porque é importante conhecer os outros anos , mas o ideal é que não, a gente acha interessante eles poderem ser vistos por novos olhos, calhou, e foi meio das configurações assim, de eu acabar acompanhando essa turma os três anos, mas em geral não é assim que acontece.
Marina	Tá, e aí na sua escola é um orientador por segmento né? Um para o primeiro, um pro segundo e um pro terceiro?
Lavinia	Dois na verdade né, são dois pro primeiro, dois pro segundo e dois pro terceiro. Agora com o novo ensino médio, com a nova reformulação do ensino médio, a gente está expandindo a escola, então vão ser três por ano. Três pro 1º, três pro 2º e três pro 3º.
Marina	Olha que interessante, pensei que fosse um, então são dois por segmento?
Lavinia	Isso, dois ou três para cada ano.
Marina	Bem privilegiados mesmo né?
Lavinia	Muito, absurdamente.
Marina	Tá, e como é sua atuação enquanto orientadora educacional na escola ?

Lavinia	<p>Tá. Aqui, ensino médio, a gente tem uma divisão né , de funções. Então a gente tem a Orientação Educacional que é a que eu e minhas parceiras fazemos e tem a coordenação pedagógica, então a Coordenação Pedagógica cuida da construção do curso, do currículo pedagógico mesmo. Então a gente tem um coordenador de Humanidades, um coordenador de Ciências e Matemática e um coordenador de Linguagens. Então eles cuidam mais da elaboração dos cursos, do currículo, prova, tudo o que é curricular, acadêmico, é de responsabilidade mais pedagógica. Tentando fazer uma divisão porque no dia a dia da escola tudo se mistura. E nós da Orientação Educacional, a maioria psicólogos, eu sou a única intrusa da terapia ocupacional, a gente vai cuidar mais da... dessa questão educacional mesmo, então a gente vai olhar para o aluno nessa perspectiva mais total, que é quem é esse aluno que aprende né? É o aluno que tem dificuldade ou facilidade? Tem questões emocionais envolvidas? Como que ele circula socialmente pela escola? Então a gente olha muito para as questões disciplinares, então quando um aluno, por exemplo, é excluído de sala por algum motivo disciplinar, sou eu que vou fazer essa costura: <i>Quem é o aluno que você quer ser do ponto de vista autônomo, crítico, e da ética, do agir ético? Quem você quer ser? Quem que você foi? Como você acha que esse professor se sente?</i> Então a gente coloca esse aluno para refletir. Se é um aluno que tem questões acadêmicas, que está indo mal: Por que esse aluno está indo mal? Eu vou trabalhar com ele orientação de estudos, vou ver se tem alguma outra motivação que possa ter relação com o desempenho que ele está vivendo. Atendo as famílias, então nessa costura assim de entender quem é esse aluno, somos nós as responsáveis por fazer esse trânsito com a família, então eu trago a família para perto, tento entender um pouco esse contexto familiar também. E assim, do ponto de vista do gerenciamento escolar, a gente também faz esse trânsito com os professores. Sabe assim, como é que eu consigo acompanhar os professores, com o objetivo de olhar para o clima de aula, quais habilidades que estão sendo ali trabalhadas para além do pedagógico né? O que do educacional, competências socioemocionais, habilidades, o que está ali posto, como eu posso ajudar esse professor a entender a dinâmica da sala, então eu faço essa costura também dentro de sala de aula com os professores mas não do ponto de vista pedagógico. No Ensino médio, que é diferente dos outros anos aqui, isso é mais separado. Outros anos isso é menos separado.</p>
Marina	Entendi. E você tem alguma entrada em sala de aula?
Lavinia	<p>A gente no 1º ano do Ensino médio, a gente tem uma disciplina, né, o Projeto de Vida. Então a Orientação Educacional entra, a gente pensa um currículo para trabalhar com eles ao longo do ano com atividades, com aulas, então a gente tem uma entrada semanal. Segundo e terceiro ano a gente tem entradas programadas ao longo do ano. O tema que a gente precisa trabalhar, desde organização de estudos até convivência social, a gente vai fazendo entradas programadas. Não tem nada fixo, para segundo e terceiro ano.</p>

Marina	Entendi. Vocês fazem o calendário antes e entram em alguma aula com algum professor ou pedem a licença para o professor?
Lavinia	Isso. A gente pede a aula. A gente fala: <i>“hoje não vai ter física, vai ter Orientação Educacional”</i> . Então a gente pega aula de física e entra para trabalhar algum tema.
Marina	Entendi. E como que você percebe que a sua atuação interfere no cotidiano escolar?
Lavinia	Olha eu acho que... A Orientação Educacional tem um lugar muito potente que é de fazer os alunos de fato viverem momentos reflexivos sobre o que acontece no cotidiano da escola, então sou sempre eu que vou propor, eu né, a Orientação Educacional, que vai propor discussão assim, desde o intervalo: aconteceu uma briga no futebol, então a gente que vai parar, então vamos parar para discutir isso. O que que a gente vê dessa cena? O que vocês vêem dessa cena? Como a gente trabalha conflito aqui nessa escola? Então é a gente, a Orientação Educacional, que está atento para essa circulação mais coletiva mesmo, essa circulação mais social dos alunos, e que dá conta de trabalhar essa ética das relações mesmo. Então numa exclusão de sala de aula, quando o aluno é excluído ele tem que vir imediatamente para sala da Orientação Educacional e eu vou fazê-lo refletir sobre o que aconteceu, qual foi a participação dele naquela cena, a gente vai fazer juntos inferências sobre o que o professor sentiu ou não diante da postura dele. Como estava o clima de sala aula? Como ele pode contribuir para um clima diferente? Qual vai ser o retorno dele? O que ele vai dizer para o professor nesse retorno, que tipo de conversa que isso pode possibilitar para resgatar essa relação de confiança entre eles? Então, tudo isso, que eu acho que são muito caro, assim, que são essas microrrelações, que o professor as vezes não dá conta de fazer numa escola como a *****, que é uma escola super conteudista, que tem o acadêmico como carro chefe né, o professor não dá conta de parar a aula e discutir relação, mas eu faço essa costura. Sabe assim, a gente que vai propor reflexão e não só nessas relações mais óbvias, mas se eu circulando pela escola vejo uma atuação do aluno com a funcionária do elevador, vou puxar ele e vou falar: <i>“olha não, vamos pensar sobre isso, o jeito que você lida com as pessoas , né, como é que você trata o ambiente escolar”</i> . Então eu acho que a nossa atuação é muito, muito socioemocional mesmo, sabe? A gente dá conta de tentar colocar isso mais dentro das pautas da escola.
Marina	E com relação aos professores, você conversa com eles, tem que ter algum tipo de formação? Como funciona? Porque a coordenadora pedagógica talvez fique mais próxima dos professores. Como é sua relação com os professores?

Lavinia	<p>A gente tem uma relação próxima pensando que todo o evento que acontece, então do ponto do vista disciplinar, eu volto né, muitas vezes, não junto com o aluno, o aluno passou aqui. <i>Como que foi? Você quer me contar alguma coisa? Você precisa da minha ajuda?</i> Eles tem livre acesso na nossa sala para falar Lavínia eu to com um problema assim, tem o 3º A, eu to vivendo uma situação deles que é desrespeito atrás de desrespeito, não consigo engajá-los, então eu também sou alguém que posso ajudá-la, junto com a coordenação pedagógica, ou às vezes até separado mesmo, dizer: <i>Você se atentou por aqui? Vamos pensar nisso, pensar naquilo?</i> E a gente tem reuniões, não é mensal, mas é assim, se não for mensal é a cada 40 dias, a gente tem reunião só do educacional com os professores para ou trabalhar pautas formativas, né assim , então por exemplo, esse a gente tem um aluno com transtorno do espectro autista, a gente vai falar sobre ele, a gente vai trazer um pouco de conhecimento do que é o transtorno do espectro autista e eles, os professores vão poder tirar duvida enfim, e ai depois, né enfim, vão tirar dúvidas, eles vão poder dizer das preocupações, da manifestação do aluno e falar de aluno mesmo, de desempenho, né, como a gente que acompanha o desempenho do aluno, a gente consegue dar um panorama para ele de como está a sala, de como estão os alunos, quais são os mais preocupantes. Questões de saúde mental a gente divide com eles, muito mais para eles poderem ser nossos parceiros, sabe? Na condução desses alunos.</p>
Marina	<p>Entendi. E quem você acha que são os atores que mais valorizam o seu trabalho de Orientação Educacional? Alunos? Pais? Direção? Professores? Quem que você percebe que mais valoriza?</p>
Lavinia	<p>Olha eu acho que ... pensando no cenário escolar assim, eu acho que a Direção da escola, eles entendem essa equipe de uma forma muito boa assim, a nossa atuação como algo que dá conta da escola ter o clima, que a escola, que a instituição, gostaria de ter, eu acho que os professores sentem apoiados pensando que eles não precisam lidar com questões difíceis sozinhos, acho que os alunos reconhecem, eles demoram para reconhecer, sabe? Pensando que eu já fui orientadora do 1º ano e hoje sou do 3º ano, no 3º eles começam a achar que a gente pode ser um elo sabe, de apoio e não, a gente não joga contra a gente joga a favor, sabe? Embora nos primeiros anos eu acho que eles não entendem isso. Eu acho que eles acham. <i>“Ah você vai me dedurar para a minha mãe, você vai ser a pessoa que vai me dizer que estou indo mal e eu não queria ouvir. Você que vai me cutucar e falar assim ó... não é assim que você trata essa pessoa não”</i>. Então eu acho que os primeiros anos menos, mas ao longo do tempo eles vão reconhecendo a gente como figuras de apoio e eu acho que as famílias se beneficiam muito do nosso trabalho como possibilidade de ponte, sabe ? Mas eu não sei, não sei colocar uma hierarquia de quem mais valoriza. Embora eu ache que os professores se sentem muito apoiados, sabe ? Desses todos.</p>

Marina	Entendi, então o que você me disse foi que a Direção valoriza no sentido de que favorece o clima, os professores você dá o suporte, a família você faz essa ponte e os alunos, seriam os que menos valorizam inicialmente, mas que depois, com a maturidade, com o desenvolvimento vêm a perceber isso. Então a minha outra pergunta seria, quem menos valoriza e você já me respondeu né?
Lavinia	Sim.
Marina	Os outros funcionários da escola, por exemplo, manutenção, monitoria, como é a relação?
Lavinia	A gente também é o elo central , então sempre quando alguém da manutenção, alguém da limpeza, precisa de ajuda para manejar alguma situação é a gente que eles recorrem. Então a nossa figura é muito centralizadora, pensando que Coordenação Pedagógica e em geral também e professores, eles ficam menos acessíveis à comunidade escolar, então a gente é meio que o <i>front</i> ali da coisa. Então eu acho que eles se sentem meio apoiados, porque toda vez que eles vivem alguma situação de desrespeito ou de algo que eles precisam de ajuda para solucionar, eles sabem que podem contar com a gente. Então é uma relação muito próxima, assim né, muito aberta.
Marina	Entendi. Quando a família vem falar com você em relação a assunto pedagógico, quem atende?
Lavinia	A gente.
Marina	E agora a pergunta é para você. Como que você valoriza o seu trabalho?
Lavinia	Olha eu me ... eu me entendo alguém com um potencial de transformação assim, como a gente consegue atuar muito nas microrelações assim né, ao mesmo tempo no coletivo e no individual eu consigo tecer ali possibilidades de transformações muito grandes mesmo, quando eu boto um aluno para refletir sobre o lugar dele, e o papel que ele quer ter nessa: <i>Quem você quer ser na sociedade? Ai eu quero ser essa pessoa. Você acha que está sendo agora? Em que momento que isso vai se transformar para você virar essa pessoa que você pretende ser.</i> Então eu acho que eu consigo de um jeito, muito bacana assim, propor essa possibilidade de transformação, sabe? Em sala de aula, dando projeto de vida, eu acho que a gente consegue acompanhar os alunos, do ponto de vista transversal, ao longo do ano de um jeito muito bacana. Eu acho que, eu valorizo meu trabalho nesse ponto, de pode ser alguém que propõe mesmo a transformação, que faz a família refletir sobre o papel dela no desenvolvimento desse estudante. Colocá-los para refletir mesmo. Eu acho que o grande valor do meu trabalho é esse.
Marina	Entendi, a reflexão.
Lavinia	Sim, essa possibilidade reflexiva.
Marina	Essa criticidade...

Lavinia	Isso, isso.
Marina	E as suas maiores dificuldades? Quais são as maiores dificuldades que você encontra no seu cotidiano enquanto Orientadora Educacional?
Lavinia	Eu acho que é essa linha, que é muito, essa administração, essa gestão muito difícil que é, a gente é muito centralizadora né, você vê que todo mundo em algum momento tá pautado na gente, então tem muita demanda burocrática, tem muita demanda operacional, que às vezes me distancia de pensar uma pauta formativa bem bacana mesmo sabe assim, vou fazer formação de professores. Às vezes não tenho tempo de pensar, sabe... Então eu acho que o meu maior desafio assim, é pode ser alguém mais criativa, quando a gente está no dia a dia escolar meio enterrado na burocracia. Sabe?
Marina	Você está me dizendo, planejar mais as ações, é isso que você está querendo colocar ?
Lavinia	Ter mais tempo de criação sabe... Criação e planejamento.
Marina	E quais são essas burocracias que você tem que ... Dê alguns exemplos de situações que consomem o seu tempo.
Lavinia	Tá, então por exemplo, a gente está vivendo o COVID, então eu sou responsável por saber se esse menino está afastado, não está afastado, se o teste dele deu positivo ou não deu positivo, se eu tenho que entrar em contato com a família para saber se eles preencheram formulário para encaminhar, né assim, para a enfermeira responsável. Eu tenho que conferir se o professor lançou a aula, se ele fechou a ata, tem microdados, então tem que reunir todos os dados dos alunos. Então nota, falta, a gente até tem um sistema que faz isso, mas eu tenho que conferir, então às vezes eu perco meu tempo conferindo que a nota está batendo, se o professor não lançou errado, tudo isso é do educacional. Então essas coisas mais operacionais, a gente também faz . E nós somos muito a linha de frente mesmo, sabe Marina, então qualquer coisa que acontece na escola é o educacional , então sou tentando pensar uma coisa e a secretaria me liga que a mãe está com dúvida em relação “a não sei o que não sei o que lá”, eu atendo. Ai eu desligo o telefone, ai entra um aluno, “ <i>Ai eu posso ir na enfermaria</i> ”? Ai eu tenho que conferir se a medicação dele está autorizada no sistema. Então fica essas pequenas, sabe quando você senta? Nosso grande desafio, a gente fala aqui, nosso grande desafio é sentar aqui de manhã e conseguir falar: nossa hoje eu dei conta do meu check list até o final do dia. Não, ele só aumenta e a sensação de que eu deixei as tarefas pela metade também é grande, então essas pequenas burocracias, sabe assim, conferência de sistema, “ <i>de não sei não sei o que lá</i> ”, de ser a responsável por fazer o atendimento inicial, a triagem inicial da família.
Marina	Entendi. E é você que faz. A sua assistente não faz esse contato inicial. Você consegue contar com a ajuda dela?
Lavinia	Então, consigo pouco. Então ela faz uma triagem assim: Então a mãe da Sofia ligou querendo saber sobre o Boletim.

Marina	Ai você tem que ligar para a mãe da Sofia..
Lavinia	Eu vou ligar para a mãe da Sofia. Se for uma dúvida assim: <i>Ai eu queria saber qual é a data da prova. Se a Joana, que é minha assistente, tiver ali essa informação, ela pode dar, agora assim, eu to com problema, minha filha está sentindo muito pressionada com o vestibular, ok, qual que é o seu nome a orientadora vai retornar.</i> E ai sou eu que retorno.
Marina	Entendi. E em geral ou é por telefone, ou dependendo da situação você agenda uma reunião com esses pais?
Lavinia	Exatamente, e aí o tempo de atendimento é o mesmo. Se eu vou ficar meia hora no telefone, ou vou ficar meia hora no zoom. Então é sempre um atendimento.
Marina	É sempre um atendimento. É aqui você já me respondeu essa pergunta que é como é sua relação com os profissionais que compõem a escola. E eu queria saber se tem alguém que você percebe que ajuda mais ou atrapalha mais, ai com relação aos profissionais.
Lavinia	(Silencio maior) Nossa.. Olha eu posso te dizer que tem algo da dificuldade com o professor. Eu posso dizer que isso para mim é uma dificuldade, porque pensando que muitas vezes eles entendem que nós somos alguém que vai resolver o problema deles né, então, mesmo assim, numa exclusão de sala de aula, vou te dar esse exemplo: <i>quando eu falo você está conversando muito, a quebra de confiança não foi comigo, eu aqui faço o papel de reflexão, ó .. como que você acha que o professor se sentiu? Qual que era o clima de sala de aula? O que você acha que poderia falar para ele ?</i> Eu posso fazer essa reflexão, mas a aula não é minha, a quebra de confiança não foi comigo. Então às vezes os professores acham que a gente às vezes, de fato tem que resolver a situação e sendo que eu não vou resolver, eu vou tentar colocar elementos de reflexão. Então, muitas vezes, fica muito para a gente resolver situações que o professor precisa de ferramentas para poder resolver dentro da sala de aula, aquilo que diz da gestão de sala de aula, né, então, eu não sei, atrapalha, sabe? Mas assim, eu acho que tem, às vezes, uma dissonância, entre quais são os papéis, sabe assim, quem precisa fazer a gestão de sala de aula, não sou eu, mas assim é quem tá de fato a frente da sala de aula. E eu acho que um potencial de ajuda é a equipe de direção né, a equipe gestora que nos ouve e pensa junto com a gente possíveis soluções, sabe? De processo formativo, a gente vai lá e diz das nossas necessidades, eles falam quais são os limites e quais são as possibilidades de trazer alguém para fazer formação, ou fazer, pagar para a gente, sei lá, fazer um curso, eu acho que, esses são os pontos de ajuda e talvez mais dificuldade.
Marina	Em relação por exemplo a alguma dificuldade com algum professor, você troca isso com o coordenador pedagógico ou você troca isso com a direção?

Lavinia	A gente tem a possibilidade de trocar isso com o coordenador pedagógico, mas a gente tem que fazer um pouco essa, esse entendimento de qual é o alcance também do coordenador pedagógico para ajudar esse professor. Então se for algo que extrapola, a gente claro, a gente pode conversar com o pedagógico, mas a direção, provavelmente, vai estar envolvida também. O pedagógico sendo o professor, às vezes, é o próprio professor com quem eu tenho que falar, né, então assim, às vezes eu preciso da ajuda da direção para atuar junto comigo.
Marina	Entendi, entendi. E em relação às famílias? Você vê que elas colaboram com a escola ou é mais conflituosa a relação?
Lavinia	É... eu acho que elas, elas mais colaboram, eu acho que se eu fosse dizer a maioria, eu acho que a maioria colabora, mas eu acho que a gente tende a guardar mais os conflitos né? (Risos) Marcam mais a gente. Mas tem muito conflito. Assim tem muito conflito, pensando até pela classe social que a gente atende, sabe assim, eu acho que a ***** é uma escola que faz muita resistência assim de achar que o aluno tem sim que viver a consequência das suas ações, eles tem sim que ter regras rigorosas, a gente não, a gente flexibiliza muito pouco assim, então vou te dar exemplos: Aqui não existe atraso. A porta fecha 7h15, fecha 7h15. <i>Ai meu uber atrasou, sim ubers atrasam, é uma consequência que você vai viver, se o uber atrasou você perdeu essa aula.</i> Enfim... Uso de equipamento eletrônico, a gente é muito rigoroso com equipamento eletrônico, o aluno não pode mexer no celular dentro de sala de aula. Se ele mexer, é uma regra. Se ele mexeu no celular em sala de aula, ele tem uma consequência que é avisada desde o início que é a suspensão no dia seguinte. Se ele mexe no celular, a gente suspende. Então as famílias ficam assim: <i>Mas.. Mas por que suspender? Nossa, mas não foi tão grave assim, ele pegou o celular para responder um whatsapp, e a gente fala assim, para a gente isso é claro, não se pega o celular, é desrespeitoso enquanto o professor da aula você pegar o celular. Nossa mas vocês são muito rígidos.</i> Sabe, então tem conflitos. Mas ao mesmo tempo, a grande maioria, confia no projeto, e eles conseguem perceber a longo prazo, o quanto isso forma pessoas mais conectadas sabe? Ao entorno, mais respeitadas com o outro que está ali se expondo, e ter uma possibilidade de reflexão sobre a minha ação muito apurada, sabe? Então ao longo do tempo elas vão comprando mais o nosso projeto.
Marina	Tá e assim, você coloca, por exemplo que essa é a regra né, algo que já foi acordado, existem famílias que não aceitam e querem conversar. Como que é o suporte da Direção em relação a isso?

Lavinia	<p>Ó .. A Direção eles estão muito, eles dão um papel para a gente de muita grandeza sabe. Então não tem essa, vou falar com meu gerente, sabe. <i>Ah eu não aceito. Com quem que eu falo?</i> Comigo mesma. Eu sou a última instancia. E se eles falam assim. <i>Não, não , não , a gente vai falar com a direção</i>, a direção fala, <i> você já conversou com a Orientação? Já e eu tenho uma queixa formal da Orientação. Ok, vamos marcar uma reunião.</i> Mas se for algo do Educacional, a Direção fala <i>eu não sei do seu filho, quem sabe do seu filho é a Orientação Educacional</i>, então se for para resolver, então vamos juntos. A gente está sempre junto nessas reuniões. Se é uma queixa formal, <i>se eu tenho uma queixa formal para fazer sobre a Orientação, sobre a orientadora né, Lavínia, ok eu te atendo.</i> Mas se é algo educacional a gente está junto nessa conversa. Inclusive eles dão muito apoio. Então é muito comum as famílias não concordarem, que a gente é muito rigoroso, coitado do meu filho. E a gente junto com a Direção defende. <i>O seu filho tem condição de viver essa frustração.</i> Sabe, ele tem condição de viver essa consequência. É formativo, por isso, isso e isso... Então a direção nos apoia muito. E sim a gente tem muito conflito com famílias por conta disso.</p>
Marina	<p>E em que momento que é transmitido essas normas, em que situações? Onde que eles tem acesso a isso?</p>
Lavinia	<p>No começo do ano, a primeira semana, a gente chama, semana de integração né, para todos os anos. O 1º ano essa semana é maior, com mais atividades e ao longo do ano isso vai diminuindo porque eles já viveram essas situações mais vezes. Mas tem a semana de integração, a gente entra em sala para fazer atividade com eles, a gente transmite, a gente lê o manual do aluno com eles. A gente faz discussão sobre o manual do aluno. A gente chama ex alunos dos anos anteriores para contar para eles como é a dinâmica que eles viveram. A gente pede, <i>o que vocês contariam para vocês mesmos no começo do ano passado.</i> Eles vão dando dicas para os alunos. Então a gente faz essa comunicação oficial. E isso para os pais é apresentado em reunião de pais né. A gente apresenta também um pouco dessa cultura escolar nas reuniões de pais, são os primeiros eventos do ano.</p>
Marina	<p>Entendi. E em relação ao Projeto Político Pedagógico da Escola , os pais têm acesso?</p>
Lavinia	<p>Tem, quando a gente ... no primeiro ano a gente apresenta, no 9º, quem tem interesse em ingressar no 1º ano, , já no 9º ano pode vir para escola e são várias reuniões de apresentação do projeto, da escola, do ensino médio e, nessas reuniões iniciais de ano, além das regras e dos combinados, a gente apresenta o projeto do ano. Então as orientadoras do 1º ano apresentam o projeto do 1º ano, do 2º do 2º, aí o projeto mais pedagógico, o projeto político pedagógico, tem tanto escrito, dentro da área exclusiva que os pais podem acessar, quanto nessas reuniões de apresentação da escola.</p>
Marina	<p>E qual é a sua participação enquanto orientadora nesse projeto? Ele vem pronto? Vocês constroem juntos? Vocês ajustam a cada ano? Como que funciona?</p>

Lavinia	O projeto acadêmico a gente tem menos entradas mas as costuras que a gente vai fazendo né, então essas possíveis entradas da orientação, em que momento do ano, quais são os eixos, os grandes eixos trabalhados no ano, o quanto a gente pode atuar, nessa, tanto nas entradas em sala, quanto pensar em eventos, a gente trás muita, a gente faz muita palestra, toda sexta-feira tem um evento que chama agenda cultural, então a gente trás muita gente de fora para falar, desde falar de buraco negro e .. sei lá, tabela periódica, até para falar de masculinidade tóxica e futebol. Sabe... conversar sobre <i>Mohana</i> e os estereótipos de gênero, enfim. A gente vai trazendo... e aí essa é a nossa participação. A gente vai, a gente tem reuniões também periódicas com os pedagógicos.
Marina	Entendi. E no que está escrito, porque tem um regimento, você participa dessa construção? Ele que vai ser entregue para a supervisão de ensino.
Lavinia	Não, esse a gente não participa. A gente participa assim, do que é regras de convivência da escola, a gente cria isso e vai, assim, manual do aluno, agora o regimento escolar a gente não... não redige.
Marina	E você chegam a usar, tem famílias que pedem esse regimento?
Lavinia	Muito pouco, assim, é muito difícil, a família questionar assim nesse ponto, sabe, do regimento, é muito mais essa cultura escolar, sabe, essas microrrelações.
Marina	Bom, agora uma pergunta mais ampla, quais que você acha que devem ser os objetivos centrais da escola? Da escola como um todo.
Lavinia	Eu acho que tem que ter um compromisso com a educação formal desse aluno né, com a questão, dos conteúdos mesmos programáticos, mas eu acho que a escola precisa estar atenta a formação desses cidadãos, sabe para mim o ponto central do processo educativo, é conseguir fazer com que os alunos, o conhecimento que os alunos, absorvem assim da escola, eles sejam articulados como possibilidade de circulação e transformação do mundo, então, é isso. <i>Que cidadão eu quero ser, a partir de tudo que eu sei, da biologia, da física, da geografia, das linguagens, que mundo que eu quero construir a partir disso. E que cidadão eu quero ser, que transformações que eu quero prover aí no mundo.</i> Eu acho que essa tem que ser uma preocupação e facilitação, assim da escola, de poder, esses aprendizados, se reverterem em possibilidade de transformação.
Marina	Entendi. E como que você vê o seu papel, como orientadora educacional, nesses objetivos?

Lavinia	Eu acho que a gente precisa estar muito atento a essas questões ... tanto geracionais assim, o que que esses jovens, essas juventudes, vem trazendo para a gente como demanda. E como que eu como adulto, que também já tenho uma visão um pouco macro das coisas posso emprestar às vezes, auxiliar os alunos a se fazerem perguntas, né. <i>Que tipo de perguntas que eu quero que ele se faça?</i> Eu acho que a gente vai emprestado, vai dando inputs ali de dúvidas, de questionamentos, de reflexão, acho que a Orientação Educacional, do ponto de vista de habilidades socioemocionais e desse ser crítico no mundo, a gente tem muito potencial para ... Um filme que eu passo ali, uma sugestão de leitura, sabe uma reflexão que eu faço com o aluno, no dia a dia, vai ajudá-lo a compor assim essa transformação, que ele vai passar até ele sair da escola.
Marina	Entendi, fazer esse link né com aquilo que está sendo posto na escola com o que ele vai viver na vida.
Lavinia	Sim...Sim..
Marina	Bom, era isso na verdade. Nós encerramos, obrigada por essa conversa
Lavinia	Imagina.
Marina	Muito obrigada, então eu aguardo termo de consentimento
Lavinia	Vou te mandar já.
Marina	É isso, ta bom. Uma boa tarde, boa semana,
Lavinia	Para você também querida, boa sorte ai com o projeto.
Marina	Obrigada!

Data: 07 de abril de 2022
Sobre a Participante
<ul style="list-style-type: none"> ● Mariana, 42 anos, mulher, casada, sem filhos. ● Ensino Superior em Pedagogia e Psicologia ● Pós Graduação em Psicopedagogia
Atuação como O.E

- Exerce a função de O.E O.E há 5 anos.
- Atua como OE do ensino infantil , fundamental I, II e ensino médio.
- 401 a 800 alunos sob sua supervisão
- É exclusivamente orientadora educacional

Dados escola

- Escola particular
- Mais de 30 anos de história
- Mensalidade de R\$ 1000,00 a 3000,00
- Escola com até 1000 alunos
- Possui os segmento:Infantil, Ensino fundamental I, II e Médio
- Possui orientação religiosa
- Não há lista de espera

Marina	Pronto acho que agora estamos gravando né..
Mariana	Isso, tudo certo.
Marina	Bom vamos a entrevista. Eu queria saber como que você se tornou uma orientadora educacional? Como que você chegou a ser? A sua história, o seu trajeto para chegar a onde você está agora?
Mariana	Sim, bom primeiro vou falar um pouquinho da minha formação. A trajetória dentro da educação e esse encontro da psicologia com a educação e iniciar a né, com essa função. Eu já sou formada há mais de 20 anos e a minha formação inicial é em pedagogia, logo após a pedagogia eu fiz uma especialização em psicopedagogia e não, não satisfeita ainda, eu tenho um coração inquieto e não satisfeita busquei uma nova graduação em psicologia. Eu sou formada pela PUC duas vezes, em pedagogia e em psicologia, mas pela PUC Minas, eu sou de Belo Horizonte, natural de Belo Horizonte e vim morar em São Paulo há 7 anos, estou aqui em São Paulo há 7 anos. E... essa formação em psicologia vem mediante a minha experiência dentro da escola e as necessidades de intervenção e uma qualidade melhor nessa intervenção eu comentei com você a pouco do GEPEM, é um grupo de educação, de estudo em educação moral e eles sempre fizeram parte da minha formação, na educação. Então eu sempre busquei ler, estudar né, não só na escola que eu estava inserida em Belo Horizonte, porque lá eles tinham um incentivo muito grande a essa busca, a gente vinha para São Paulo, para estudar aqui em São Paulo, enfim, em várias escolas aqui também, nessa formação de desenvolvimento moral, da educação para solidariedade, então como pedagoga, atuando em sala de aula como professora.
Marina	Ah, então você atuava em sala de aula como professora inicialmente?

Mariana	<p>Como professora, sim ... sim .. A minha formação, eu sempre, desde que comecei na faculdade sala de aula, minha paixão. Então educação infantil né, séries iniciais e... buscando ai sempre esse olhar pro desenvolvimento. Né, olhando além, não só a parte de conteúdo mesmo né, principalmente em educação infantil esse não é o foco né, o brincar enfim.. e ai com o tempo, iniciando a psicologia, ai a psicologia me capturou, me senti muito envolvida com a psicologia e buscando nessa área também mais formação, vindo para São Paulo eu comecei a trabalhar numa empresa de educação sócio-emocional e.. e ai foi, esse encontro com a Orientação Educacional se deu nessa escola que estou, hoje, foi ofertado, a vaga era para esse cargo, eu não tinha atuado então essa é a primeira experiência que eu tenho como orientadora educacional, nesses anos todos dentro da educação a minha prática sempre foi em sala de aula. Nesses últimos anos, eu to indo para o quinto ano né, atuando como orientadora educacional, um cargo que tava ai aberto e com a formação da psicologia e o meu interesse cada vez mais profundo... Eu já estava determinada a sair de sala , tanto que eu já tinha saído, eu tava trabalhando com empresas de educação sócio emocional,é... foi um encontro, foi um encontro possível e muito feliz, estou ai completando o 5º ano, cursando ai esse 5º ano dentro da escola.</p>
Marina	<p>E quando você viu a vaga de orientadora educacional , você sabia do que se tratava, lá na sua cidade quando você trabalhava na escola tinha? Você tinha alguma idéia ou não?</p>
Mariana	<p>Sim.. é .. acho que essa influencia né, do olhar para o cargo de Orientação Educacional ele vem da minha experiência como estudante. Eu era uma aluna que não saia do SOE, eu adora ir para sala...</p>
Marina	<p>O que era o SOE?</p>

Mariana	<p>O SOE era o serviço de Orientação Educacional, não é da sua época viu Marina. Rs. Mas eu adorava, adorava como estudante, as vezes na hora do intervalo, não porque tinha problemas para serem resolvidos, claro tinha época que sim, era uma busca de desenvolvimento pessoal , mas eu adorava aquele espaço de acolhimento, eu adorava, como estudante, então, a grande influência mesmo na minha... nesse encontro com esse cargo que hoje eu ocupo, ela vem de uma profissional muito competente que na minha época de estudante há alguns anos atrás mostrou o prazer que ela tinha em ocupar aquele cargo, em quão significativo se torna a presença de uma orientadora educacional dentro da escola, sendo acolhedora ,mostrando lados diferentes da escola. Não só um ambiente de assimilação de conteúdo, mas um ambiente de experimentação, de vivência. E como estudante essa profissional maravilhosa que me sensibilizou, então eu já entendia sim na formação enfim, tanto da psicologia, na da pedagogia a gente tem contato com material, mas não tinha experimentado viver esse cargo porque a sala de aula também sempre me encantou, mas na minha mudança de Belo Horizonte para São Paulo, eu já estava, na verdade em Belo Horizonte concluindo a psicologia, eu já estava nesse movimento de sair de sala de aula. Tinha sido ofertado para mim na escola que eu estava, ocupar o cargo, atuando ali com a psicologia escolar, que já tinha profissional também nessa escola que eu estava atuando, mas ai como eu mudei, eu sai da escola, eu vim para São Paulo em setembro, setembro de 2014 se não me engano... E ai quando vim para São Paulo eu já fiz todo o movimento de sair de sala de aula para né , nessa mudança mesmo, nessa transição de função dentro da escola.</p>
Marina	<p>E você mencionou agora que no curso de pedagogia além do seu histórico né de vida que te marcou, que te afetou bastante. Você falou que na pedagogia e na psicologia que você teve contato com a área de O.E. Que tipo de contato ? Você teve algum aporte teórico dentro da área de O.E ?</p>
Mariana	<p>Assim .. aporte teórico acho que não consigo nem te falar. É assim ... Na psicologia sim, na psicologia se não me engano a gente teve uma cadeira específica, não específica ela era, a professora que conduzia ela abordava bastante. Mas foi muito pela influência de professores, professores que atuavam com outras cadeiras mas que traziam a importância do profissional dentro da escola. Dentro da... nessa atuação no ambiente escolar. Então, isso eu tenho forte assim, vários professores mostrando a importância dessa presença, até porque por muitos anos o orientador educacional não tava em sala de aula , na escola, não existia dentro da escola .. foi.. foi.. é um cargo que foi, né por muito tempo não foi tão valorizado. Acho que recentemente isso tem né, com essa retomada e essa.. que bom né, esse olhar cuidadoso ai e inserção na base sobre habilidades sócio-emocionais eu vejo uma retomada ai, uma valorização maior do cargo do orientador educacional dentro das escolas. Assim percebo, né? Posso estar equivocada , mas eu vejo dessa forma.</p>
Marina	<p>E como que você percebe a sua atuação enquanto orientadora educacional na escola ? Quais são as suas atribuições? Como que você percebe o que você faz?</p>

Mariana	<p>Tá, bom, então, eu atuo exclusivamente como orientadora educacional. Então eu somo ao time de coordenadores, eu estou junto com os coordenadores né, os coordenadores pedagógicos atuando na relação com o aluno, as famílias, com os professores. Então meu trabalho vai desde um acolhimento a um aluno, dentro do, no dia a dia da escola, na mediação de conflitos, atuando em ações preventivas, então isso... Nós temos dentro da escola que estou um projeto, que é um projeto de tutoria, então é um projeto que já coloca o professor como um grande mediador ai né.. Dá.. nessas relações, então o meu trabalho é atuar junto com os tutores, nessa, dando ai apoio para a atuação dos tutores. Então o tutor ocupa esse papel tão importante que é de mediar, não só ações dentro de sala de aula mas com a família, trazendo a família para perto. E a minha atuação caminha com os coordenadores e também junto com os tutores. Acolhendo as famílias, acolhendo os alunos e promovendo ações também preventivas então, dinâmicas, rodas de conversas, palestras, enfim várias ações que possibilitam, que possam promover ai, um processo de autoconhecimento e estabelecendo relações, enfim, uma convivência saudável dentro da escola. É isso. Resumidamente.</p>
Marina	<p>Eu fiquei pensando nos tutores. Esses tutores, é um professor por sala? Por exemplo, professor de matemática e de geografia. É um, dois? Como funciona essa tutoria?</p>
Mariana	<p>A ação da tutoria então, da educação infantil ao ensino fundamental I, é o próprio professor, a tutora é a própria professora e do ensino fundamental II ao ensino médio o tutor é um professor, então tem esse, um professor de uma disciplina, ele ocupa essa função de ser o tutor, então sim, se for uma professora de matemática ele ali ocupa aquele cargo. É , vamos pensar, numa turma de 6º ano, tem um tutor da turma A e um tutor da turma B , então são professores que coordenam disciplinas diferentes que assumem a tutoria daquela turma né? E as vezes um mesmo tutor ocupa para duas turmas diferentes. E o papel dele é exatamente esse assim de estar mais próximo do aluno, ajudar o aluno nessa, nessa formação pessoal mesmo né, para além da, do desenvolvimento pedagógico, assim que eu digo de conteúdo, de assimilação de conteúdo. De ajudar o aluno a incorporar um sentido maior da escola para sua vida né, então a gente fala muito sobre isso, sobre autoconhecimento, autoconsciência, autotranscedência. A escola investe muito nessa formação integral e o tutor ocupa o papel muito importante nesse sentido ao estabelecer com o aluno ali metas de estudo, ao convocar a família pontuando aspectos de maior desenvolvimento, ou as vezes colocando os pontos que estão tão bem desenvolvidos, então , enfim , acho que a ação com a família, ela não é só uma atuação quando: <i>Ah, teve um conflito e atuo</i>. Não, tem uma ação preventiva também, de trazer a família para perto do processo escolar, enfim , desse aluno.</p>
Marina	<p>E você forma os tutores? Ou não, como é isso ?</p>

Mariana	Sim, nós temos encontros de formação, reuniões de formação também. Conduzidas sim por mim, eu conduzo algumas reuniões. São as vezes, uma no 1º semestre, uma no 2º semestre, teve ano que já foram mais. Mas são reuniões, as vezes convidamos pessoas de fora, convidamos também profissionais de fora para essa formação, mas sim, sempre abordando temas relacionadas ai que vão ajudar aos tutores a replicarem né, não replicarem aquela mesma formação, a se fortalecerem nas vivências né, de dia a dia, nos desafios que surgem ai na condução com os alunos.
Marina	E as vezes, por exemplo em termos de conflito, existe uma supervisão que você faz desses tutores, que tem a formação e tem a supervisão, as vezes eles precisam de ajuda né, precisam trocar. É com você também?
Mariana	Sim, os coordenadores atuam também muito. A gente trabalha muito junto, sabe? É uma relação muito integrada eu posso dizer isso e as trocas são constantes, são constantes, posso dizer diariamente. Nos temos sim momentos em que sentamos formalmente para conversarmos sobre a turma, enfim, sobre determinados, demandas específicas de algum aluno ou de alguma família, pensando na atuação do tutor, ele tem um planejamento, então tem um plano de ação tutorial, ele entrega esse planejamento que é trimestral e essa supervisão na verdade acontece, eu vejo de uma maneira muito próxima sabe? Sem tanta hierarquia.
Marina	A não, isso, pensei em supervisão, mais no sentido de estar junto, de acompanhamento.
Mariana	Isso, exatamente. O tempo inteiro, o tempo todo, todos os dias. As trocas elas são constantes, então eles tem total liberdade de nos procurarem e da mesma forma a gente também, eu falo a gente nesse sentido de grupo né, coordenação e a minha atuação junto, bem junto com a coordenação também, nessa troca. Porque muitas vezes eu acompanho, as vezes o tutor vai atender uma família com o aluno, eu acompanho as vezes o atendimento, as vezes tem uma necessidade, a gente observa um aluno que precisa ser encaminhado, participo desse encaminhamento, né, então eu to, não é que meu papel vai, desmerece ou enfraquece a atuação do tutor, pelo contrário né. A direção escolar, inclusive quando me contratou, trouxe isso muito claro. Mariana, eu não quero, por ser psicóloga, a gente, não é uma atuação clínica, não, de forma alguma, ela é muito com foco nesse desenvolvimento do aluno dentro da sua, enfim, formação, na relação com os professores, com aqueles conteúdos que ele esta tendo trocas, mas também nessa presença do aluno no meio, como ele se percebe? E ai a minha atuação vai nesse sentido de fortalecer a ação tutorial, enfim, não ocupar, ela é complementar.
Marina	Tá... E como é o organograma assim, em termo de coordenação, orientação? Tem o diretor e vocês ficam abaixo? Como funciona?
Mariana	Sim, direção institucional né, direção administrativa, direção pedagógica e ai vem os coordenadores pedagógicos e eu estou com eles né.
Marina	Então você responde ao Diretor pedagógico? Não ao coordenador?

Mariana	Isso, exato, ao Diretor Pedagógico. Exatamente.
Marina	Entendi. E como que você percebe que a sua atuação interfere no cotidiano escolar?
Mariana	Bom, eu vou falar sobre o feedback que eu recebo diariamente, eu acho que assim, até agora eu to de licença ai esse retorno é muito gostoso de receber, né, olha, estamos sentindo a sua falta, você está fazendo falta. Não é a pessoa, eu acho que, claro que aqui é um troca por pessoa, mas pensando na, no papel que se exerce diariamente que esse de acolhimento né, eu acho que a escuta dentro da escola, escuta ativa, efetiva, ela é muito importante. Ainda mais no momento atual que vivemos né, em que as pessoas estão sedentas por uma escuta verdadeira. Então acho que a atuação do orientador educacional dentro da escola promove, convida as pessoas, os integrantes daquela comunidade a desenvolverem essa escuta, eu acho que o meu maior prazer nessa atuação enquanto orientadora educacional é esse, de convidar o outro a também desenvolver uma escuta ativa, efetiva, que esteja inteiro para o outro. E ai entendo que esse acolhimento promove sim uma mudança no meio, promove uma percepção diferente do outro, né, então acho que é isso. Acho que a presença do orientador, na minha atuação, como orientadora educacional, é porque eu entendo que essa seja uma função não da Mariana mas do cargo, mas é claro, acho que está tudo atrelado né.
Marina	Você mencionou que agora você está de licença e que algumas pessoas sentem falta, eu queria entender quem são os atores, que pode ser família, professores, que mais, você percebe, que mais valorizam o seu trabalho?
Mariana	Olha, eu tenho uma felicidade mesmo de ter um retorno muito positivo, positivo no sentido de ... aí eu vou dizer que, tanto por parte de aluno, quanto por parte de professor, como por parte da família, né então, nessa manifestação ai né de presença, eu tive já uma manifestação tanto por parte da família, quanto por parte dos professores né, e de aluno também. Então eu acho que assim, o reconhecimento do trabalho eu tenho realmente uma felicidade o colégio realmente cuida muito dessas das atuações, mas eu tenho uma felicidade de perceber que sim, é um cargo que faz diferença sim, que auxilia, acho que justamente por essa disponibilidade para o outro né, então as pessoas sentem poxa, a outra pessoa não está aqui, por isso, acho que a disponibilidade para o outro, que é a minha, a minha atuação ela é 100% nesse sentido, de disponibilidade pro outro. Eu tenho pouquíssimas atuações burocráticas, pouquíssimas. Estou ali exclusivamente para auxiliar o outro né nesse desenvolvimento pessoas, então a manifestação ai pensando nesses atores eu poderia dizer que são os três: aluno, professor e família, cada um na sua demanda, com a sua demanda. Não sei se respondi claramente.
Marina	Claro, acho que sim. Você percebe que tem alguém, dentro da sua história, que não valoriza ou que não valorizou o seu trabalho?

Mariana	Acho que assim, ai eu vejo muito frente ao medo né que, se tem ainda da... sim, claro, tem. A banalização com relação ao desenvolvimento pessoal ela acontece, ela existe, mas é muito pontual e se acontece, normalmente são pessoas que tem ainda muito medo, de aceitarem as vezes, por exemplo um encaminhamento. Uma família que a gente trabalha, eu falo sempre não atuo sozinha, eu não consigo falar da minha atuação como única, sozinha, não existe isso, lá no colégio a gente não tem uma atuação individual, ela é sempre em grupo, coletiva, mas as vezes um atendimento que você faz um encaminhamento, as vezes tem ali uma resistência inicial eu percebo que não é por uma banalização, as vezes sim, as vezes há uma descrença manifestada, oralmente, as vezes tem pessoas que falam, não, eu não acredito nessa prática da conversa. Então infelizmente, mas eu vejo que ai é muito pontual em função de resistências pessoais né, de não conseguirem ainda se abrir, porque são pessoas justamente que mais precisam né, de um acolhimento, de uma escuta e quando são provocadas a terem essa escuta ou convidadas a buscarem um processo externo, fora da escola, de apoio psicoterápico ou de auxílio de qualquer outra prática integrativa enfim se colocam resistentes mas eu acho que um pouco pelo desconhecimento e pelo medo, o medo de acessarem, é eu vejo isso ai a banalização ela acaba acontecendo né, ai eu posso te dizer, sim houve já, sim ... claro é.. mas no meu entendimento ele é muito maior nesse sentido de que são pessoas que as vezes tem receio de se conhecer.
Marina	E em geral, a família? Ou tem também alguém dentro do colégio que ..?
Mariana	Ah já tivemos, já tive com colaborador também. De você conversar individualmente apontar a necessidade de um apoio externo né, é isso. Como eu te falei a minha atuação não é clínica, mas eu percebo, a gente como profissional, como psicóloga, também tem a possibilidade de observar a necessidade que aquela pessoa ta ali manifestando, enfim, uma demanda que precisa ser trabalhado e isso é muito pessoal né, você apenas aponta para o outro, a busca ela é do outro. Né, então, mas que ainda a resistência, ela pode sim, ela aparece, as vezes aparece. E a gente persiste. E respeita o limite estabelecido pelo outro, claro.
Marina	E agora pensando em você. Você valoriza o seu trabalho? Como que você faz para valorizar o seu trabalho?

Mariana	Marina, acho que amando e acho que é isso, to conversando com você aqui, tendo um prazer enorme de te falar sobre a minha atuação , é amando o que eu faço., acho que assim, se tem uma pessoa que valoriza a educação né, que propaga isso no meu meio social, entre os meus amigos, eu sou cercada de administradores, de pessoas de outra área, né então engenheiros, então enfim.. pessoas que as vezes desconhecem o universo dentro da escola e que passam a enxergar o valor, pelo... eu tive vários feedbacks nesse sentido, por conversas então como que eu propago essa paixão, não só voltando e me dedicando a estudos, a buscar uma formação de maior qualidade para ter uma atuação melhor, mas também propagando isso como uma missão de vida mesmo né, com sentido de, do que eu faço tem um sentido maior né, de ajudar, de possibilitar que o outro busque um desenvolvimento pessoal, acho que é isso, acho eu transmito essa paixão pelo.. pelo meu olhar enfim.
Marina	Eu acho que é isso né, quando você fala, eu valorizo transmitindo.. Transmitindo meu saber, transmitindo esse acolhimento, essa escuta.
Mariana	Compartilhando, eu tive a felicidade de fazer recentemente, foi até por conta da escola, o colégio convidou uma profissional para fazer uma palestra, uma formação para professores enfim , para comunidade, abriu para comunidade e eu me interessei tanto e busquei a formação dessa profissional foi em suicidologia, eu fiz especialização e o que mais percebi nessa formação, maravilhosa por sinal é , pensando na atuação dentro da escola, essa, a importância que nós temos, as vezes de abandonar um pouco a técnica e estarmos inteiros, mais inteiros uns para os outros. Eu acho que como orientadora educacional essa é a minha maior missão, eu vejo que, as vezes eu levo uma proposta de formação né, uma reunião, vou conduzir uma reunião com os professores eu busco trabalhar isso muito com eles assim, estejam inteiros, aqui a gente vai dedicar uma 1h, as vezes 2h de encontro, vivencie, que vocês possam vivenciar aquele momento efetivamente, de ser produtivo, né. E sempre tem um retorno positivo, sempre em busca de desenvolver mais, de incentivar o desenvolvimento, mas o retorno é sempre produtivo de pessoas, eu tive um feedback gostoso de uma profissional que saiu da escola, foi num movimento dela de carreira e fala, Mariana depois da sua, de um encontro que nos fizemos, falamos sobre leveza, sobre a importância de olhar o mundo de forma diferente, eu passei a olhar, buscar isso em mim e ai ela se abriu para mudança né, e ai ela vivencia a mudança profissional dela, mas eu achei isso, um feedback muito gostoso de ter recebido.
Marina	E é legal porque você acolhe então também os professores né . É um trabalho de acolhimento com alunos, famílias e professores pelo que estou percebendo.
Mariana	Muito grande, com certeza, com certeza.
Marina	E quais são as maiores dificuldades que você encontra no seu dia a dia ?
Mariana	Dificuldades?
Marina	Dificuldades , sim . Se você puder dar alguns exemplos também é bom

Mariana	<p>Tá.. É.. , bom deixa eu pensar, acho que ai, as vezes a dificuldade, não é nem... está muito atrelada a aceitação do outro, do valor, acho que esbarra na última pergunta né, porque o que que impede uma atuação, não é... o que que dificulta a atuação, as vezes é a resistência estabelecida pelo outro a aceitar uma intervenção né, eu acho que essa é a maior dificuldade. Pensando, pensando efetivamente no trabalho, agora, hoje, onde estou , colégio que estou , é que tem um olhar voltado, e que fomenta ações para o desenvolvimento sócio-emocional , de habilidades sócio-emocionais e que enxerga muito o valor nessas ações. Eu hoje não tenho nenhum entrave burocrático, me entende? , Assim, que seria uma dificuldade para a execução do trabalho, por exemplo. Se eu levo hoje uma idéia para direção pedagógica, claro que essa idéia vai ser pesada, pensada , vai ser planejada, mas tendo sentido , ela é executada. Então, é.. pensando na atuação , no dia a dia, na rotina do trabalho, as dificuldades maiores aparecem as vezes por ruídos na comunicação, né interpretações, as vezes você faz uma intervenção essa intervenção é interpretada ... acho que ai entram, pelos ruídos na comunicação né. E.. muito pela resistência, né, que é estabelecida pelo outro e ai comunica ai com a sua pergunta anterior, acho que as maiores dificuldades são essas e isso não só de famílias , né que eu to dizendo, as vezes, de um próprio educador né, que as vezes você promove uma reflexão e ele não enxerga, porque, claro, nem tudo faz sentido para todo mundo. Você leva um tema, você ta abordando aqui , a sua pesquisa é a visão do orientador acerca do papel social da escola , você propõe um tema, uma reflexão, para mim faz muito sentido, as vezes uma outra pessoa ao ler , fala não, isso não me atinge tanto né? E o nosso papel é exatamente esse, de sensibilizar o outro, né? De sensibilizando o outro para que ele construa um sentido para as ações dele dentro da escola, não as minhas ações, são as ações de cada um , é o nosso trabalho vai muito nesse sentido de ajudar o outro a perceber como ele esta desenvolvendo o próprio trabalho, né? Não é para ser um repetidor de ações. Pelo contrário.</p>
Marina	Eu vi no seu questionário que você atua com vários segmentos, fund 1, Fund 2 e e esino médio.
Mariana	E educação infantil também
Marina	E educação infantil também.. Então é um volume muito grande de alunos, porque eu também vi ali o número. Como que é trabalhar com todos esses segmentos e com todos esses alunos?

Mariana	Uma delícia... É um desafio sim, eu adoraria poder, eu brinco lá na escola, nossa podia ter uma psicóloga para cada .. né um orientador para cada segmento. Claro, isso é o dos sonhos, mas a parceria com a coordenação, ela é tão grande que não fica pesado, não tem peso, a gente tem uma divisão muito grande, e como a gente tem esse projeto de tutoria dentro da escola, não tem peso também , ela é... claro, tem semana que a agenda não fecha, rs. Né? então, tem semana sim que é muito atribulada, a demanda ela se torna muito grande, mas o peso acho vem quando você está ali sozinha, atuando sem uma comunicação com os outros né? Isso não existe lá dentro, a gente troca, a gente tem, eu percebo, a minha atuação, ela é muito mais de fortalecer a atuação do outro, né? Então não existe uma sobrecarga nesse sentido, eu repito, parece uma loucura, mas , claro , e as vezes não consigo atender toda a demanda , as vezes você tem que adiar uma ação ou outra, mas não vejo como uma sobrecarga, eu vejo de uma maneira bem distribuída, bem ... justamente porque é um cargo que é complementar, eu vejo uma ação complementar , não enxergo ela atuando , né a minha atuação, a função do orientador educacional sozinho, não vejo desta forma, então... é possível, é possível acontecer
Marina	Você tem uma sala sua ?
Mariana	Sim
Marina	E cada segmento tem sua própria coordenação . Então educação infantil , fund 1, fund 2, médio e você tem um lugar a parte?
Mariana	Sim, junto. É uma sala separada, aham , tem sim. E nós temos lá na escola, salas também de atendimento. Os tutores também tem uma sala e tem salas de atendimento, então são salas que são próprias para o atendimento e acolhimento das famílias e dos alunos, enfim..
Marina	Se acontece algum conflito , assim , só para eu entender, se acontece algum conflito na escola , alguma briga e que eles tenham que ir para algum lugar ... eles vão para onde?

Mariana	<p>Pode, as vezes, as vezes espontaneamente, sem conflito, as vezes, ou então o conflito acontecem e eles sobem, <i>Mariana a gente quer conversar com você</i>, então tem lá uma mesinha redonda que eles sentam e a gente conversa né, as vezes eles marcam, <i>Mariana posso vir tal dia conversar com você?</i> Pode. A sala esta sempre aberta. Isso é muito prazeroso, acho que esse é o maior, é o momento que eu tenho de maior satisfação do trabalho, na hora que eles chegam espontaneamente para conversar, principalmente os adolescentes assim, acho que quando descem né, eu to no primeiro andar , as salas do ensino médio, as turmas do ensino médio são no andar de cima , quando eles descem e falam eu quero falar, eu quero conversar, isso é riquíssimo, ai eu vejo, poxa que gostoso , como é bom e eles reconhecem , os alunos também reconhecem, nossa que delicia vim aqui conversar. As vezes eles brincam né? <i>Ah, a a gente está matando aula</i>, Ai eu falo, <i>então pode subir, pode subir</i>. Rs. Nesse sentido de entender o por quê estão ali. A gente muito assim ó, veio aqui tem um motivo, acolheu ali, diminuiu aquela angustia que aparente, que estava enfim, que motiva a busca inicial então depois a gente tem um outro movimento que é as vezes convidar a família e o aluno participa, para falar do ... enfim daquilo que apareceu, daquela demanda que aparece.</p>
Marina	Então você consegue achar espaço para isso?
Mariana	Sim... Sim.. Consigo sim..
Marina	Tá . Bom, aqui você já mencionou um pouco, mas eu vou fazer a pergunta né.. Como que é sua relação com profissionais da escola e quais ajudam mais e quais mais atrapalham.
Mariana	<p>Rs. Bom a relação é muito positiva, eu vejo essa relação de uma maneira muito positiva, os colaboradores, nós temos uma, um comprometimento muito grande, eu vejo uma equipe muito comprometida com o que faz, então a proposta, as vezes essas propostas que são ofertadas , as vezes aparecem as resistências, é... não vou falar que atrapalham , como eu disse , as vezes é a pessoa que acaba deixando de ter um momento rico de desenvolvimento pessoal né? Mas a relação, eu vejo de uma maneira muito construtiva, de muita troca, de muito, é.. eu falo que o que eu aprendi nesses últimos anos e aprendi assim, como pessoa mesmo assim, não só na minha formação teórica, porque eu busquei, tanto que eu to te dizendo, nos últimos meses eu fiz lá uma especialização, conclui mais uma especialização e faço sempre cursos enfim para ter uma fundamentação teórica de maior qualidade é.. mas a troca como pessoa, o que eu, o que a gente convive né.. com muitas pessoas, você acaba convivendo com muitas pessoas, conhecendo muitas histórias e aprendendo muito com cada história. Então eu vejo, enfim, não tem preço. Não tem preço mesmo. A riqueza dessas trocas, ela .. ela é enorme.</p>
Marina	Os entraves que fazem parte do cotidiano, você percebe que as vezes é mais com... professores, coordenadores, monitores ..

Mariana	É ... às vezes... você tocou ai.. às vezes a equipe de monitoria tem uma resistência maior, e uma dificuldade maior de colocar em prática. São sensibilizados, mas o levar isso, colocar isso em prática as vezes é.. a resistência ela é maior. Então exige uma repetição maior né de atuação. Com os professores e coordenadores de maneira alguma, abertura é muito grande e enfim como eu to dizendo, da mesma forma como eles recebem bem o que é proposto eu também recebo, aprendo diariamente né , eu tenho uma condição de aprender e desenvolver diariamente com eles com essas trocas , as vezes a gente entende, nas formações, eu percebo que há resistência ou a dificuldade de se colocar em prática com os monitores ela é as vezes maior, não que não seja possível, pelo contrário , pelo contrário. Já tivemos casos de muito sucesso a monitoria também., mas a resistência é um pouco maior, realmente.
Marina	Você considera que as famílias colaboram com a escola ? Dentro da escola que você está inserida.
Mariana	Colaboram... colaboram. Podem colaborar mais? Podem Rs. A colaboração ela é... muito subjetiva essa pergunta, ela é muito ampla na verdade porque a leitura de cada um né, eu posso ter famílias que estão inteiras presentes dentro da escola e , enfim, enxergam o valor do papel da escola na formação do filho, né? enxergam o papel do professor , enxergam o seu papel, né, a importância da sua presença na formação do seu filho, da mesma forma como a gente tem famílias que são muito distantes disso, infelizmente. É, então acho de uma maneira geral, sim. Colaboram. Colaboram sim.
Marina	E as famílias que são mais distantes, são mais distantes como ?
Mariana	Distantes de enxergar a necessidade da sua presença na formação do filho e quando convocamos nós incomodamos, né?
Marina	Mas aparece? Está presente?

Mariana	Aparece.. Sim, quando a gente convoca e pontua aspectos a serem desenvolvidos, aparecem sim . Né o incomodo ou desconforto, como eu te disse, isso é muito da interpretação de cada um, as vezes o que eu to apontando para você como um aspecto a ser desenvolvido, você não enxerga a necessidade de desenvolver esse ponto .E ai, a resistência ela é imediata. Né, a negação ela acontece. Mas o nosso trabalho, ele é contínuo, entendendo que alertar né, os pais sobre a importância do seu papel na formação do seu filho e por isso que constantemente a gente tem que trocar com as famílias, enfim, os tutores convidam para atendimento individual que é assim que acontece , nós não temos reuniões, grande reuniões com os pais, temos pouco, no início do ano apenas e o restante são reuniões individuais, reuniões para tratar especificamente da demanda do filho, quando necessário, fazemos claro , nós abrimos, até tá parado com a pandemia , nós fizemos online o formato, mas não tivemos tanta adesão, bate-papo, a gente chamou ali, depois desenvolvemos um podcast com temas variados, mas era isso, bate papo sobre temas relativos a educação e ao desenvolvimento né de uma forma geral , justamente para abrir espaço para a comunidade escolar, para os pais estarem dentro da escola para conversar , para conversar, para tirar dúvidas, para falarem ali sobre as dores e delicias né, da vida com os filhos enfim. Mas ai a gente percebe o quanto a gente tem que ainda alcançar as famílias né, porque nem todos são sensibilizados .
Marina	Entendi. Então assim, você percebe que essa relação é mais harmoniosa do que conflituosa , no seu caso?
Mariana	Sim.. Sim , com certeza; com certeza. A relação , ela é, eu vejo de uma maneira muito mais positiva do que de embate, enfim, com certeza.
Marina	Entendi. E a família, ela interfere em alguma coisa assim de querer , por ser uma escola particular , em se impor a escola, ou não?
Mariana	Sim, as vezes acontece, as vezes acontece. Como eu te disse é muito pontual né. É muito... A gente está falando de um grupo grande de pessoas não significa que todas agem dessa forma, desses uma família, duas famílias., três famílias né, que apresentam uma resistência por entenderem , ou esbarrarem nos valores pessoais, e as vezes buscam dialogar com a escola, buscando, né, apresentando, o colégio ele trabalha de uma maneira muito aberta né, o dialogo ele sempre muito presente. Então as famílias tem essa liberdade de buscar a escola para apresentarem as suas leituras e as suas percepções, nem sempre todas as percepções são acolhidas porque é inviável né, a gente acolher a tantas demandas individuais , por isso que tem formato, tem ali o, a proposta pedagógica da escola e a proposta de formação da escola e a família ao escolher a escola , enfim ele ta , ela ta, compreendendo que que ela vai estar sujeita a receber os estímulos que ali estão ofertados.
Marina	Entendi. E essa proposta, esse projeto político pedagógico , ele existe, né? E você faz parte? Você fez parte da construção? Como isso foi apresentado para você? Como ele pode ser modificado? Qual é o seu papel nesse projeto político pedagógico da escola?

Mariana	Eu não participei da formação, porque eu to a pouquíssimo tempo e é uma escola de 90 anos, rs. Eu não participei dessa formação, mas eu vejo um projeto vivo. Um projeto que a gente está o tempo todo se referindo a esse projeto , não são só, não é só um cardeninho que ta na gaveta. É um projeto que os professores levam no seu dia a dia, aqueles objetivos, enfim aqueles compromissos, assumidos ali naquele texto e levam isso para prática. Então eu vejo que não é um projeto engessado, não que não seja, não é engessado, é um projeto que não está esquecido. É um projeto vivo. É um projeto que acontece. A gente tem como missão, né.. e em nossas reuniões, enfim, isso está sempre sendo retomado, sempre , sempre. Então...
Marina	E ele pode ser alterado ou ajustado?
Mariana	Agente não teve, não viveu uma alteração, a gente tem muitas vezes reflexões a respeito da atualização mesmo. , né vamos entender... Os últimos anos, o quanto nós como escola tivemos a necessidade de transformar a pratica. , né, então.. a atualização ela acontece, não houve uma atualização no texto nesse momento, mas essa atualização ela acontece no dia a dia. , então existem muita abertura, existe abertura para a comunicação, pro diálogo, da parte da equipe diretiva e da possibilidade, a gente fala de uma pedagogia reflexiva né? Crítica... Então isso, realmente está vivo dentro da escola. Claro e essa parte mais burocrática, porque você mudar um projeto, né, é muito grande, são muitas etapas, mas o dia a dia da escola é.. ele ta ali, sempre em transformação né, em inovação, isso com certeza, pensado até por ser uma instituição de tanto tempo né, ela tem esse compromisso de buscar essa mudança. Não vejo um ambiente resistente a mudança. As vezes ela leva tempo, as vezes é uma mudança que leva tempo, mas ela, a abertura para possibilidade de refletir sobre a mudança, ela existe.
Marina	E nesse projeto, esta falando um pouco sobre o papel do O.E ou não? Faz menção ao...
Mariana	Sim... sim.. Tem a atuação... no regimento , eu to, tem lá descrito a atuação do orientador educacional, no regimento.
Marina	Tá. Então você ta lá!
Mariana	Sim! Rs
Marina	Bom... agora indo para uma pergunta mais geral. Quais que você acha, o que você acha que devem ser os objetivos centrais da escola? No geral, de forma geral ?

Mariana	Os objetivos centrais da escola.. É boa pergunta, são tantos objetivos né? Rs . Olha cada vez mais eu entendo que é esse de dessa formação da pessoa assim, eu vejo a escola, óbvio que tem o objetivo específico de uma formação de conteúdo né, de, enfim, acadêmica mesmo, mas a formação pessoal ela tem que ser primordial, acho que hoje, o mundo nos mostra o quanto a escola precisa se redescobrir né? Assim , o sentido da escola ele mudou, não é mais um ambiente só de formação, olha essa é a melhor escola porque tem uma exigência maior de conteúdos, acho que hoje, isso ta muito, falado, muito difundido sobre a importância dessa formação como pessoa né, como você se percebe, o que que aquele conteúdo que você está absorvendo ali, ele vai ser aplicável, ele é , que sentido eu posso atribuir a esse conteúdo, que nem todos os conteúdos são aplicáveis né, então a gente ajuda muito o jovem a refletir sobre isso , essa é uma etapa da vida de formação da pessoa, se fala tanto em desenvolvimento integral, é eu acredito muito nisso mas.. o valor maior para mim da escola né, é essa vamos, pensar quando fomos privados do convívio, quanto as pessoas sofreram, quanto as pessoas, os jovens né.. enfim os alunos de uma maneira geral, sentiram falta dessa interação com o outro, dessa vivência, acho que é isso. A escola acho que nunca vai morrer né, nunca vai perder isso, então acho que o sentido maior é esse de como que eu posso me desenvolver mais como pessoa e isso desde os pequeninhos, quando entra na escola. Como ele pode aprender a sair daquela fase egocêntrica, a olhar descentrado, enfim, acho que é isso. Nosso papel começa la desde os pequeninhos.
Marina	É legal né que você tem uma amplitude de visão também, por mais que seja difícil, você tem .. você consegue ver realmente as varias etapas do desenvolvimento, é bem interessante.
Mariana	Prazeroso, com certeza.
Marina	Então assim, pensando nos objetivos que você mencionou da escola, como que você vê o orientador educacional nesses objetivos?

Mariana	Muito vivo. Muito vivo né Eu vejo assim que é fundamental porque a ação, e ai eu vou usar o seu tema, o papel social da escola, né, essa ação que é de refletir sobre as nossas atitudes, né, de como eu vou conviver, como eu convivo melhor no meio, então acho que ele é fundamental. O papel do orientador educacional dentro de uma escola, de uma relação construtiva e não desintegrada da equipe de coordenação, é lógico porque, a minha atuação, a atuação do orientador, né minha, a atuação do orientador, a gente já acaba puxando né, eu tendo aqui não puxar mas acaba puxando.. mas a atuação do orientador ele não pode estar desintegrado, porque existe isso, existe ambientes que ela é desintegrada da função da coordenação, enfim , é fragmentado, ai nisso eu não acredito. Eu acredito num projeto coeso , um projeto efetivo e ele não pode sobrepor ao, a ação pedagógica. É sempre equilibrada. Né, se não a gente só vai vier de inteligência emocional, e a gente não vive só de inteligência emocional. A gente tem que desenvolver as múltiplas inteligências. E acho que por isso, tem que se encontrar um equilíbrio mas sempre presente, sempre presente. Por isso eu vejo, hoje em dia, mais do que nunca, uma presença fundamental da Orientação Educacional dentro dos ambientes escolares.
Marina	É isso é interessante né, pena que é um privilégio das escolas particulares, ainda.
Mariana	É uma pena. Vamos acreditar ai numa mudança maior né. Nessa inserção das habilidades socioemocionais e de um olhar mais, mais profundo mesmo sobre a presença do orientador também.
Marina	Sim... Bom, então é isso. Nós passamos por todos os tópicos, achei muito agradável a nossa conversa. Muito legal o seu engajamento , a sua motivação de estar falando sobre o seu trabalho
Mariana	Que bom , que bom , fico feliz, porque é verdadeiro, de verdade. Eu acho que assim eu me proponho desde quando eu me formei como pedagoga, lá atrás, trabalho tem que estar atrelado a entrega, trabalho ele não pode ser só fonte de renda., eu vejo isso, e cada vez mais , a psicologia cada vez mais viva dentro da minha atuação, pensando nas minhas buscas de formação elas são sempre nesse sentido, e ai você acaba encontrando prazer, amor né, no que faz, então falar sobre o que você ama é fácil. Né? Fica gostoso.
Marina	Tá certo, então é isso. Muito obrigada
Mariana	Eu que te agradeço, sucesso com a sua pesquisa
Marina	Obrigada. E ai eu ia pedir só para você enviar o termo de consentimento assinado
Mariana	De dou agora, vou assinar e te mando.
Marina	Ta bom, muito obrigada viu.
Mariana	Obrigada você Marina, sucesso e me dá notícias, quando concluírem ai o seu processo.

Marina	Pode deixar, um beijo.
Mariana	Um abraço, tchau, tchau;

ANEXO 2**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Prezado(a) Orientador(a) Educacional,

O projeto de pesquisa intitulado "A visão do Orientador Educacional acerca do papel social da escola", a ser realizado por mim, Marina Daipré Targa Fernandes, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia L. F. Davis, na PUC-SP, tem por objetivo estudar e analisar as significações que os Orientadores Educacionais atribuem à função social da escola. Para tanto, a pesquisa envolve a coleta e a produção de dados por meio de questionário do *Google Forms* e de uma entrevista individual, a qual deverá ser realizada e gravada na plataforma *Google Meet*.

Garante-se aos participantes da pesquisa absoluto sigilo sobre sua participação, seus dados pessoais e a escola em que atua, os quais empregados apenas com fins científicos e apresentados, no estudo, garantindo o anonimato. Os participantes não receberam nenhum auxílio ou benefício e, na hipótese de decidirem interromper sua participação no estudo, não sofrerão nenhuma penalidade ou prejuízo, bastando informar o fato à pesquisadora, em qualquer momento. Ao assinar o documento a participante declara seu consentimento em participar da pesquisa acima referida, na qualidade de participante, asseguradas as condições de anonimato e sigilo quanto aos seus dados e aos de sua escola.

Agradecemos, desde já, a oportunidade de conhecer mais de perto a escola e o trabalho por você desenvolvido,

Marina Daipré Targa Fernandes³

Mestranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da
Educação, da PUC-SP

Claudia Leme Ferreira Davis⁴

Professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, da
PUC-SP

³Marina Daipré Targa Fernandes

Telefone: (15) 991322132

E-mail: marina.daipre01@gmail.com

⁴Claudia Leme Ferreira Davis

Telefone: (11) 98292-3344

E-mail: claudiadavis@uol.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
portador(a) do RG _____, atuando na escola _____
_____, que se localiza na cidade
_____, do estado de _____, na
condição de Orientador(a) Educacional, declaro que entendi os objetivos do estudo, estando
ciente de que não receberei nenhum tipo de benefício por dele participar e nenhuma
penalidade se decidir, a qualquer momento, interromper minha participação. Considerando
que me foi assegurado o sigilo de meus dados pessoais, dos da instituição para a qual
trabalho, e das informações que darei, concordo em participar da pesquisa de mestrado “A
visão do Orientador Educacional acerca do papel social da escola”, de Marina Daipré Targa
Fernandes, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia L. F. Davis, ambas do Programa de Estudos Pós-
graduado em Educação: Psicologia da Educação, da PUC-SP⁵.

São Paulo, ____ de _____, 2022.

Assinatura do Participante da Pesquisa

⁵**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**

Rua Ministro Godoi, 969 - 4º andar - sala 4E07 –
CEP: 05015-901 - Perdizes - São Paulo - SP – Brasil
Tel./Fax: (11) 3670-8527.

Comitê de Ética em Pesquisa(CEP) da PUC-SP

Campus Monte Alegre, Edifício Reitor Bandeira de Mello, térreo,sala 63-C
Rua Ministro Godoi, 969
CEP: 05015-001 – Perdizes, São Paulo - SP –BR
Tel./Fax: (11) 3670-8466.

ANEXO 3**MODELO DE QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO****• Data de nascimento:**

...../...../.....

• Gênero

(...) Masculino

(...) Feminino

(...) Outro

• Estado Civil

(...) Casado(a)

(...) Solteiro(a)

(...) Divorciado(a)

(...) Viúvo(a)

• Possui filhos

(...) Sim. Tenho _____ filho(s)

(...) Não tenho filhos

• Escolarização - último curso completado

(...) Superior

(...) Pós-graduação:

(...) Mestrado

(...) Doutorado

• Seu curso superior foi na área de

_____.

• A faculdade na qual fiz meu curso superior é:

(...) Pública

(...) Privada

(...) Confessional

(...) Comunitária

(...) Outra (especificar qual): _____

- **Meu mestrado foi em _____, cursado na instituição _____.**
(Se não tiver título de mestre, escrever no espaço em branco: “não se aplica”)
- **Meu doutorado foi em _____, cursado na instituição _____.**
(Se não tiver título de doutor, escrever no espaço em branco: “não se aplica”)
- **A escola que você trabalha como OE é:**
(...) Pública
(...) Privada
(...) Outra. Qual? _____
- **Há quanto tempo exerce o cargo de Orientação Educacional?**
(...) menos de 1 ano (...)
(...) de 1 a 4 anos (...)
(...) de 5 a 10 anos (...)
(...) de 11 a 15 anos (...)
(...) mais de 15 anos (...)
- **Há quanto tempo exerce o cargo de Orientação Educacional na escola em que você trabalha atualmente?**
(...) menos de 1 ano
(...) de 1 a 4 anos
(...) de 5 a 10 anos
(...) de 11 a 15 anos
(...) mais de 15 anos
- **Há quantos anos a escola em que trabalha atualmente funciona?**
(...) menos de 5 anos
(...) de 5 a 15 anos
(...) de 15 a 30 anos
(...) mais de 30 anos

- **Qual é o valor aproximado da mensalidade da escola em que você atua:**⁶
 - (...) até R\$1.000 reais
 - (...) de R\$ 1.000,00 à R\$ 3.000,00
 - (...) de R\$ 3.000,00 à R\$ 5.000,00
 - (...)mais de R\$ 5.000,00

- **O número (aproximado) de alunos da escola na qual você trabalha é:**
 - (...) até 100 alunos
 - (...) até 500
 - (...) até 1.000
 - (...) até 3.000
 - (...) até 5.000
 - (...) mais de 5.000

- **Assinale os segmentos oferecidos pela escola na qual você atua:**
 - (...) Berçário
 - (...) infantil
 - (...) Pré-escola
 - (...) fundamental I
 - (...) Fundamental II
 - (...) Ensino médio
 - (...) Cursinho pré-vestibular

- **A escola que você atua possui franquias?**
 - (...) Sim
 - (...) Não

- **A escola que você atua possui material apostilado?**
 - (...) Sim
 - (...) Não

- **A escola que você atua possui alguma orientação religiosa?**
 - (...) Sim
 - (...) Não

- **Existe lista de espera na escola em que você atua, em razão da alta procura de famílias?**
 - (...) Sim, em todos os segmentos
 - (...) Sim, a depender do segmento
 - (...) Não há lista de espera

- **Indique os segmentos nos quais você atua como orientador(a) educacional na instituição que trabalha atualmente.**
 - (...) Fundamental II
 - (...) Ensino médio
 - (...) Cursinho pré-vestibular

- **Quantos estudantes ficam sob sua responsabilidade enquanto orientadora educacional?**
 - (...) até 50 alunos
 - (...) de 51 a 100
 - (...) de 100 a 200
 - (...) de 201 a 400
 - (...) de 401 a 800
 - (...) acima de 800 alunos

ANEXO 4

Questões norteadoras para a entrevista

Dimensões de pesquisa	Perguntas	Objetivo da pergunta
1. Trajetória	- Como você chegou a ser uma Orientador(a) Educacional?	Contextualizar o sujeito
2. Atuação como O.E	- Como você percebe sua atuação na escola? - Como a sua atuação interfere no cotidiano escolar?	Entender como esse profissional tem atuado na escola
3. Percepção da ocupação de O.E	- Quem são os atores que mais valorizam o seu trabalho? Por quê? - E você, como valoriza o seu trabalho? Por quê? - Você percebe que alguém não valoriza o seu trabalho? - Por quê você acha que isso ocorre?	Entender como o sujeito percebe o papel do O.E.
4. Impasses na profissão	- Quais são as maiores dificuldades que você encontra no seu dia a dia? - Cite exemplos.	Entender os aspectos críticos que atrapalham o trabalho do OE.
5. Relação com outros profissionais da escola	- Como é sua relação com os profissionais que compõem a escola? - - Quais ajudam e quais atrapalham?	Conhecer a maneira com o OE interage com as pessoas vinculadas à comunidade escolar.

6. Relação escola e família	<ul style="list-style-type: none"> - Você considera que as famílias colaboram com a escola? - A relação costuma ser mais harmoniosa ou conflituosa? - Dê exemplos da sua prática. 	Identificar como o OE vê a relação da escola com a família dos alunos.
7. Projeto Político Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> - Você participa da construção ou implementação do Projeto Político Pedagógico de sua escola? - Qual é o seu papel nele? 	Identificar se o O.E faz parte do P.P.P da escola e qual é o papel nele.
8. Função social da escola	<ul style="list-style-type: none"> - Quais deveriam ser, para você, os objetivos centrais da escola? - Como você se vê, como O.E, nesses objetivos? 	Compreensão de como o OE vê o papel social da escola e sua contribuição para isso.

